

# Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 11 de Agosto de 1994 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1078 • Director: Carlos Brito

Proposta de revisão constitucional do PSD

# CINISMO E DEMAGOGIA

O Gabinete de Imprensa do PCP comentou as recentes propostas do PSD para a revisão da Constituição, assinalando que estas, «assumem» na sua essência, nítidos propósitos de ruptura com aspectos essenciais do regime democrático construído com o 25 de Abril». Diz a nota:

«Trata-se, com efeito, de múltiplas propostas de limitação de liberdades, direitos e garantias, nomeadamente dos trabalhadores, de mutilação e desfiguração de importantes direitos sociais, de introdução de alterações de carácter retrógrado na organização económica, de modificações antidemocráticas no sistema político e no sistema eleitoral e até de maior condicionamento do exercício de certos poderes do Presidente da República.»

Apontando as propostas do PSD «como um dos mais claros exemplos de cinismo e de demagogia», nomeadamente no que toca às alterações que pretende para o sistema eleitoral, que visam conduzir «a graves distorções na conversão de votos em mandatos», o Gabinete de Imprensa do PCP afirma ainda:

«Estão assim plenamente confirmados os sérios perigos que este inoportuno e desnecessário processo de revisão representa para o património constitucional do 25 de Abril.»

«Estão também assim confirmadas as enormes responsabilidades do PS no desencadeamento e viabilização do andamento deste processo num momento da vida nacional em que o que é justo é responsabilizar o PSD e a sua política pelo agravamento dos problemas do povo e do país e não a Constituição e o sistema político, em que o que mais importa é uma vasta mobilização de energias, aspirações e vontades para resistir à ofensiva governamental contra os direitos e condições de vida da população e impulsionar a luta por uma nova política e por uma alternativa democrática.»

## A crise e a saída

• Artigo de Edgar Correia

Pág. 12

## O estado de uma Nação

• Pedro Ramos de Almeida

Pág. 13

## A crise americana

• Miguel Urbano Rodrigues

Pág. 9

## A II Grande Guerra Mundial

# KIEV

• Manoel de Lencastre

Pág. 8

**Avante!** festa! / AMORA-SEXUAL 2, 3 e 4 SETEMBRO.

Os artistas da Festa

### Como ir à Atalaia

## EXPO Que Viva Abril!

INTERNACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS



### A Corrida da Festa



### «Que Viva Abril» Gr

Quase meia centena de artistas estrangeiros, abrangendo grandes nomes da actualidade figurar na grande «Avante!», desonimino assinala o 20º aniversário português através grande qualidade de expressão, que passando pelo gual sobre tela, etc. Loe

## Fala o Árbitro

Veiga Trigo ao «Avante!»



Em entrevista por Anabela Fino Centrais



Em Elvas, a população salu à rua para defender o Hospital de Santa Luzia

## RESUMO

### 3 Quarta-feira

A CDU de Sintra acusa Edite Estrela de estar a cometer uma «gritante injustiça» ao ter decidido suspender um suplemento de risco de penosidade e insalubridade aos trabalhadores da Câmara e dos Serviços Municipalizados de Água ■ Os sindicatos dos bancários decidem entrar numa greve de zelo e às horas extraordinárias, visando ultrapassar o impasse nas negociações com as instituições bancárias ■ Os sérvios da Bósnia optam, numa reunião, pela resistência, entre a ameaça dum isolamento total e a partilha territorial ■ Os militares haitianos aceitam receber um grupo de negociadores latino-americanos, de forma a evitar uma intervenção militar no país e a encontrar uma solução pacífica para o problema ■ O secretário adjunto do Tesouro dos EUA reconhece perante o Senado ter prestado declarações falsas e «incompletas» em anterior depoimento sobre o escândalo Whitewater.

### 4 Quinta-feira

Cinco mil pessoas manifestam-se na cidade de Elvas em defesa do Hospital de Santa Luzia ■ O Fórum Portucalense defende que a regionalização é um «imperativo nacional», e o partido Os Verdes que só a regionalização «permite um desenvolvimento harmonioso do país» ■ O Governo da Federação Jugoslava decide romper as suas relações políticas e económicas com a República Sérvia, à excepção do envio de alimentos e medicamentos ■ Bill Clinton afirma que não necessita do «sim» do Congresso norte-americano para intervir no Haiti ■ É anunciado que o diálogo entre as autoridades argelinas e a oposição deverá começar em breve, de forma a resolver a actual crise política.

### 5 Sexta-feira

Centenas de agricultores do distrito de Setúbal concentram-se junto do Governo Civil para exigir a revogação da actual Lei da Água ■ A CGTP considera a revisão constitucional inoportuna e perigosa, afirmando que é uma «proposta grave a eliminação dos direitos dos trabalhadores e dos cidadãos», tal como a «anulação da regionalização» ■ A Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal considera que a anunciada transferência de competências para as autarquias deveria ser discutida no âmbito das regiões administrativas e «em paralelo com a revisão da Lei das Finanças Locais» ■ Após violentos confrontos, em Havana, entre manifestantes e a polícia, Fidel Castro acusa os EUA de fomentarem a violência em Cuba e adverte que poderá deixar de impedir a emigração ilegal ■ Aviões da NATO atacam alvos sérvios não especificados, na região de Sarajevo ■ É tornado público um novo escândalo político na Dinamarca, que envolve uma associação de habitação controlada pelos sociais-democratas.

### 6 Sábado

O Sindicato dos Trabalhadores dos Telefones de Lisboa e Porto acusa a administração da Portugal Telecom de acções de levar ao «subemprego

e à paralisação centenas de trabalhadores» ■ É decidido por unanimidade, numa reunião do Forum Médico, que as organizações médicas não vão discutir o documento sobre a alteração das carreiras apresentado por Paulo Mendo ■ Nasce a Fundação Portugal-África, no Douro, que visa contribuir para o desenvolvimento endógeno dos PALOP ■ Um porta-voz do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados revela que a disenteria ultrapassou a cólera e constitui agora a principal ameaça para os 850 mil refugiados ruandeses ■ O exército israelita envia novos reforços para a chamada «zona de segurança» que ocupa no Líbano ■ Fontes norte-americanas anunciam que uma nova vacina contra a SIDA está a dar uma resposta imunológica muito maior do que até aqui se conseguiu.

### 7 Domingo

Deflagram vários incêndios de grandes proporções no distrito da Guarda. Os bombeiros acreditam que se trata de fogo posto ■ Os zapatistas iniciam a Convenção Nacional Democrática com o objectivo de analisar a actual situação política mexicana ■ Realiza-se a segunda volta das eleições presidenciais, na Guiné-Bissau, registando-se uma afluência maciça dos eleitores ■ Inicia-se a Conferência Internacional sobre a Sida, no Japão ■ A atleta portuguesa Manuela Machado ganha a medalha de ouro na maratona feminina dos Campeonatos da Europa de Helsínquia.

### 8 Segunda-feira

Agricultores do Baixo Mondego bloqueiam as obras da rede de gás natural exigindo que a empresa promotora atualize as indemnizações que lhes deve ■ Iniciam-se as reuniões bilaterais entre a CGTP-IN e o Governo, para clarificar as propostas dos parceiros sociais no Acordo de Concertação a médio prazo ■ Continuam a deflagrar vários incêndios pelo país, nomeadamente na zona da Guarda ■ O ministro adjunto das Forças Armadas cubanas acusa os EUA de procurar criar artificialmente condições que conduzam a uma intervenção militar ■ O rei Hussein e Yitzhak Rabin encontram-se, em Aqaba, procurando encontrar a «paz global» para todos os países da região, nomeadamente a Síria ■ Um comandante da Força de Protecção das Nações Unidas na Bósnia envia uma carta ao chefe das forças armadas sérvias, convidando a parte sérvia a negociar a total desmilitarização do sector de Sarajevo.

### 9 Terça-feira

A Comissão de Mercados de Valores mobiliários decide investigar as elevadas transacções de acções do BPA ■ Segundo o relatório da Associação Portuguesa de Bancos as 42 entidades bancárias portuguesas obtiveram 586 milhões de contos de lucros no último ano ■ O Eurostat divulga um aumento da inflação em 0,1 por cento no mês de Junho ■ Bernardo Nino Vieira ganha a segunda volta das eleições presidenciais na Guiné.

# A OPA e o cavaquismo

# A

OPA (Oferta Pública de Aquisição) lançada pelo Banco Comercial Português sobre o Banco Português do Atlântico constitui a evidência um dos mais relevantes episódios da vida económica dos últimos tempos no país cavaquista.

Para os menos familiarizados nas operações financeiras, e de uma forma singular, esclareça-se que uma OPA é um anúncio feito por uma empresa de que está compradora das acções quotadas no mercado de uma outra qualquer empresa, divulgando em princípio o preço por que está disposta a pagar cada acção e o montante global que pretende adquirir.

Em termos simplistas, digamos que uma OPA não passa assim do anúncio de que uma empresa quer comprar outra, mas, tratando-se de uma sociedade anónima, essa compra tem de ser feita mediante a obtenção de uma parte do capital accionista que garanta ao comprador uma posição maioritária, absoluta ou relativa, que lhe permita o controlo da empresa que se quer comprar.

No calão financeiro designam-se as OPAs habitualmente por OPAs *hostis* ou *amigáveis*. Como é óbvio, estas últimas desenrolam-se quando há um acordo prévio entre a empresa que pretende fazer a compra e o capital dominante da empresa a comprar: no fundo estão de acordo, o facto de se realizar uma Oferta Pública de Aquisição destina-se essencialmente a permitir que o comprador possa ainda seduzir outros accionistas a venderem igualmente as suas acções, aumentando assim a posição já adquirida mediante o acordo prévio.

A OPA *hostil* dá-se quando os detentores da empresa que se pretende comprar não estão de acordo com tal venda. Em termos ainda muito gerais, a base de uma operação do género reside no facto de que raramente é necessário deter a maioria absoluta de uma companhia por acções para garantir o seu controlo: o que se passa é que, em geral, existe um núcleo concentrado de capital (20, 30% e para o que se generalizou a designação de *núcleo duro*), enquanto o restante se encontra disseminado por pequenos accionistas: votando em conjunto, esse núcleo tem a possibilidade de impor decisões, uma vez que o restante capital se desinteressa ou, em alguns casos, não tem sequer capacidade de voto abaixo de um número mínimo de acções.

Teoricamente, o objectivo de uma OPA *hostil* é tentar seduzir os pequenos accionistas a vender em massa, acabando por concentrar na mão do autor da OPA um número de acções superior ao do grupo até então detentor do domínio da empresa. Outra hipótese, é criar uma situação de desestabilização (pela oferta de preços muito vantajosos pelas acções ou aproveitando alguma crise interna ou interesses ou dificuldades momentâneas de um ou vários dos membros do grupo adversário) no sentido de comprar uma parte desse capital e assim retirar-lhe a hegemonia.

Esta longa exposição serve antes de mais nada para clarificar um aspecto importante: uma OPA é uma pura transferência de propriedade de uma empresa na qual não é criada directamente nenhuma riqueza. Que o grupo financeiro A mediante uma OPA adquira a empresa B não cria um emprego, não fabrica uma peça, não exporta um parafuso.

O interesse de uma OPA é de ordem exclusivamente financeira ou então uma operação de domínio de mercado eliminando pela compra uma empresa concorrente.

Ao tentar comprar o BPA, o BCP pretende fazer um puro uso de capitais próprios (alega-se que se debate com excesso de liquidez): mas se a operação se concretizasse, é óbvio que o BCP não ficaria «empobrecido» do dinheiro que pagaria aos accionistas do BPA, uma vez que passaria a possuidor das acções do BPA que são, em si próprias, igualmente capital. Por outro lado, aumentando assim o seu patri-

**OPA é uma pura transferência de propriedade de uma empresa na qual não é criada directamente nenhuma riqueza.**

mónio, o capital próprio do BCP já na posse do grupo que o domina (Jardim Gonçalves, habitualmente conotado com a Opus Dei) ficaria valorizado.

Pela sua parte, os actuais elementos dominantes do BPA embolsariam pura e simplesmente os milhões pagos pelo BCP.

A OPA BCP-BPA desencadeou reacções do mais variado tipo, uma vez que, na realidade, as consequências da sua concretização são de âmbito muito largo.

Por um lado, já se vê, houve a reacção do núcleo hoje dominante no Português do Atlântico, onde pontificam capitalistas como Belmiro de Azevedo, Salvador Caetano, o grupo Quintas, a Soares da Costa, a Colep, etc., e que trataram de encontrar soluções não só para que não houvesse defecções entre o seu grupo, como igualmente para impedir que o BCP pudesse agir junto dos restantes accionistas.

Em segundo lugar, de um ponto de vista do panorama bancário português, a compra do BPA pelo BCP criaria um banco com um poder só comparável à oficial Caixa Geral de Depósitos, o que tem implicações de ordem de política financeira do Estado.

Em seguida, avolumam-se os problemas de a ligação BCP-BPA poder corresponder a uma tomada de controlo dessa eventual poderosa associação por capital estrangeiro, já que não só o maior accionista do BCP é o Banco Central Hispano, como são do domínio público as já referidas ligações

es à Opus Dei, grandemente influente no capital financeiro espanhol.

Para além da gravidade nacional de uma operação deste género - e outras razões haveria ainda a acrescentar ao já extenso rol enunciado - todo este caso vem contudo trazer à luz do dia outra questão.

De certa forma, estamos perante um dos mais relevantes eventos da vida económica do período cavaquista: pelos valores envolvidos, pelas consequências possíveis, pelas entidades interessadas, a OPA do BCP atinge uma dimensão que toca quase todas as esferas do edifício montado pela política cavaquista nos últimos anos. E aqui encontramos um revelador espelho dessa mesma política.

Antes de tudo o mais, constata-se que em plena e assumida crise económica se verificam condições para que uma entidade bancária mobilize um capital superior a 130 milhões de contos para esta operação! O facto permite, prosaicamente, concluir que, em plena crise, afinal - o dinheiro existe! A questão é o da forma como é aplicado e verifica-se que o cavaquismo ergueu um edifício onde o capital que ele próprio gerou privilegia a operação financeira e especulativa, em si própria improdutivo, em detrimento do investimento produtivo que a própria crise tornaria prioritário.

Em segundo lugar, cabe perguntar de onde surgiram estas montanhas de dinheiro que permitem aos capitalistas do BCP dizerem que têm dinheiro para comprar o BPA e aos do BPA que têm dinheiro para o não vender!

Conhece-se o brutal processo de acumulação que o cavaquismo gerou mediante a sua política laboral e a distribuição efectuada dos fundos comunitários: mas o que acima de tudo se perfila em todo este quadro é o estrondoso falhanço da política de privatizações do Sector Empresarial do Estado que acabou ineludivelmente a gerar dois resultados desastrosos para o País: o desmantelamento das empresas produtivas e o surgimento de um capital financeiro exclusivamente interessado na actividade especulativa e completamente afastado da reconversão do tecido produtivo nacional.

Não foi em torno de siderurgias, de químicas, de electrónicas, de têxteis, de calçados ou de explorações agrícolas, não foi em torno do equipamento produtivo e da existência e criação de postos de trabalho que a mais badalada operação da vida financeira dos últimos tempos surgiu: foi sim numa operação de pano verde financeiro, digna de um tecido empresarial que o cavaquismo construiu à imagem da sua inépcia técnica e do seu desinteresse pelos interesses dos trabalhadores e do País.

Avante!

Proprietários de todos os países UNI-VOSI

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Socorro Pereira Gomes  
1699 Lisboa CODEX, Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Socorro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.  
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex. 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,  
7<sup>a</sup>-A, 1100 Lisboa.  
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.  
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:  
DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7<sup>a</sup>-A,  
1100 Lisboa  
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada sexta-feira:  
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra  
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial de Maia  
Sector IX  
Rua B L. 227 — 4470 Maia  
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7<sup>a</sup>-A 1100 Lisboa  
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7<sup>a</sup>-A 1100 Lisboa  
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão  
Heska Portuguesa, SA  
R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova — 2700 Amadora  
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00

25 números: 3 487\$50

ESPAÑA

50 números: 13 300\$00

EUROPA

50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU

50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 39 950\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para: Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

## Esquerda, direita, um, dois...

Dois jornalistas do DN resolveram, eles lá sabem por quê, entrevistar a chamada Plataforma de Esquerda (PE). A dita PE comprou quase em peso: esteve presente um membro da sua direcção. Estamos habituados a que — por efeito da profundidade, da modernidade, da criatividade do seu discurso — algo mude no Mundo sempre que a PE fala. Assim aconteceu mais uma vez: a PE falou ontem e, se repararem bem, amanhã nada será como é hoje.

De entre as opiniões magnanimamente adiantadas e que mais não são, certamente, do que pequeninas gotas do caudaloso curso teórico-ideológico-político vertido pelo clandestino processo de inteligenciamento em que a PE está embrenhada, ousou destacar e dividir em três blocos complementares as seguintes:

1 - Na Europa, «a esquerda estagnou» e não dá «sinais de retoma (Ora toma!); na mesma Europa «a direita» também «estagnou» e também não dá «sinais de retoma» (Ora retoma!).

2 - Os Estados Gerais do PS «são uma iniciativa importante» (ora bem...) e «depois das eleições, se o PS não tiver maioria absoluta (estão a perceber?) terá de encontrar formas para viabilizar um governo de esquerda» (já perceberam?); «uma renovação no PCP facilitaria a aproximação ao PS» (ora toma lá outra vez), mas é notória «a incapacidade de renovação do partido» (ora retoma lá outra vez), «o PCP e a CGTP mantêm-se agarrados ao passado» (ao contrário da PE que se agarrou com unhas e dentes ao presente e ao futuro): então não é que, em vez de participarem activamente no «grande debate da Esquerda em torno do estado-Providência», o PCP e a CGTP insistem estupidamente, cegamente «na defesa intransigente dos direitos adquiridos» pelos trabalhadores? (Mas ninguém toma providências para acabar com este estado de coisas?, ninguém obriga o PCP e a CGTP a desgarrarem-se do passado e a defenderem intransigentemente outros direitos?; sempre os trabalhadores, sempre os trabalhadores, chiça que é de mais; então e a retoma?, como é que pode haver retoma assim?)

3 - A PE não se integra, já, no PS porque «tem, ainda, um papel autónomo a desempenhar» (sublinho que os sublinhados são, obviamente, meus); além disso a PE não está em sintonia total com as posições do PS e se é verdade que «no decorrer da última campanha eleitoral» não falou nisso — porque «não faria sentido dar destaque ao que nos separa» (como se fica a saber é só uma questão de sentido...) — também é verdade que «nas reuniões» a PE já teve oportunidade para expor opiniões diferentes (!) e até divergências (!!!) (Ao qu'isto chegou: «até divergências!»: também não era preciso ir tão longe, c'os diabos.)

É nesta postura autonomamente corajosa e corajosamente autónoma que a PE participa nos Estados Gerais do PS. Sem qualquer outro interesse que não seja o de «criar condições de combate ao Governo». Tanto mais que «em princípio, sim», «vão manter o acordo com o PS nas legislativas»...

Se isto é assim estando a esquerda «estagnada» o que não será quando aí chegar a «retoma»...

■ José Casanova

## Uma oportunidade única

Ainda que correndo o risco de chocar muitos leitores, consideramos necessário ter a coragem e a isenção bastantes para afirmar que Cavaco Silva tem agora, diante de si, uma oportunidade única de demonstrar coerência e firmeza.

Com efeito, depois de se ter envolvido pessoalmente na aprovação e divulgação da proposta do PSD de retirar a regionalização da Constituição; depois de a ter justificado com a invocação de uma aterradora lista das pragas, cataclismos e desgraças que a mesma traria ao país; depois de ter visto o PS declarar que tal proposta é «zero» porque não a deixará passar em sede de revisão - Cavaco Silva, se não quer sair da revisão como o sendeiro que tinha entrado como leão, só tem um caminho a seguir e uma afirmação a fazer, já no próximo sábado, no chamado discurso do Pontal: declarar, sob palavra de honra e com inequívoca clareza e determinação, que, a não ser atendida a sua proposta, o PSD não se envolverá em nenhum processo negociado visando obter outras compensações da parte do PS e, pura e simplesmente, inviabilizará a aprovação de qualquer revisão da Constituição.

Não devia ser necessário ensinar o padre nosso ao vigário, mas à cautela sempre se pode dizer que só uma solene afirmação e irreversível decisão de Cavaco Silva de não aceitar nenhuma revisão que não incorpore aquela reclamação do PSD permitirá atribuir alguma sinceridade a tudo quanto disse sobre os terríveis malefícios da regionalização.

Na verdade, é essa solene afirmação e irreversível decisão que seria legítimo esperar de quem disse que «afastar da Constituição a criação das Regiões Administrativas é hoje, claramente, uma questão essencial na construção do Estado português, uma questão deci-

siva para o futuro de Portugal e para a preservação da coesão nacional»; de quem disse que o processo de regionalização é «contrário aos superiores interesses do País», provocaria «conflitos e divisões entre os portugueses», levaria à criação de «um novo funcionalismo, uma nova e vasta classe política, o que dificultaria a vida ao cidadão, custaria muito dinheiro aos contribuintes e não traria mais desenvolvimento ao País»; de quem disse que a regionalização aumentaria «as assimetrias e os egoísmos regionais» e impediria «a solidariedade das Regiões mais ricas em relação à mais pobres».

Acresce que o Primeiro-Ministro e líder do PSD também declarou que «não ficaria bem com a minha consciência apoiando a continuação de uma situação nebulosa que, de facto, considero contrária ao interesse nacional».

E é também por isso que, dada a nossa falta de esperança em que António Guterres siga a opinião de Almeida Santos de que «seria um acto patriótico adiar os seus trabalhos [da revisão] para depois das legislativas» (“Visão” de 4/8), destemidamente aqui deixamos um repeto a Cavaco Silva: fique de bem com a sua consciência e nunca a troque pela possibilidade e oportunidade de, em negócio de revisão com o PS e o CDS, dar novos golpes nos direitos sociais dos portugueses e na democracia política consagrados na Constituição.

Se não for assim, haverá mais e mais portugueses a juntarem-se aos que já pensam, e bem, que as grandes zaragatas e divergências verbais entre o PSD e o PS são sempre o conveniente intervalo entre cada grande acordo ou consenso.

■ Vítor Dias

## Pena de morte

A pena de morte é um problema, como toda a gente (?) reconhecerá se se aproximar o suficiente da questão, armado de razão e sentimentos que não sejam apenas os de vingança — aqueles, aliás, que devem ter presidido sempre ao estatuto desta pena. Desde logo, poder-se-á considerar como «pena» uma punição que se esgota no preciso momento em que é aplicada? E de que serve, se o valor «exemplar» reivindicado pelos adeptos não tem mostrado ser um dissuasor suficientemente forte para «proteger a sociedade» de candidatos à morte? Restará a esta pena a função de apaziguar a exaltação dos ânimos de uma opinião pública entretanto excitada pelo horror do crime abundantemente divulgado, lavando com sangue ou com

ciamento a ferida aberta no corpo social?

Vem isto a propósito da campanha mediática que envolve o processo de acusação de um futebolista americano, que terá assassinado premeditadamente a mulher e um ex (em todos os sentidos) melhor amigo. Noutras circunstâncias, teríamos escrito «negro americano», em vez de futebolista. A circunstância tem peso. É em redor da fama do desportista, amado por multidões, que se tem desenrolado o debate sobre a pena de morte a que este provável criminoso se candidata. E a questão já se não coloca apenas na aplicação da pena, mas sobre se o acusador público deve ou não pedi-la ao tribunal, deve ou não sujeitar-se a vê-la negada por

um júri, composto por uma dúzia de pessoas que também «amam» o réu.

É que esses doze «homens bons» são da mesma massa dos milhões cuja consciência é modelada pelos media — numa relação complexa e pouco clara em que o meio de comunicação define o modelo a partir de uma preconcebida ideia de um bom modelo para o sistema. São receptores de uma concepção de justiça que condena a pena de morte na China, porque vai contra os direitos humanos, e a aplaude nos Estados Unidos, em nome da propriedade privada. Mas eis que lhe apresentam um réu que é o amigo de toda a gente, cuja pretensa vida privada todos conhecem melhor do que a do melhor amigo, as suas

«preferências» e «gostos» e «maneira de ver o mundo» e de ter «sucesso» nesse mundo amargo.

«Como é que nós lidamos com acusações de homicídio envolvendo celebridades bem-amadas?», perguntava um professor de Direito da Universidade da Califórnia. E o antigo procurador de Los Angeles — que já não tem na mão a batata quente — afirmava: «Este caso não se ajusta aos critérios habituais. Se fosse com uma pessoa normal, eles não perderiam dois minutos para chegar a uma decisão.»

Quem é uma pessoa normal quando se trata de matá-la? A única maneira de resolver o problema da pena de morte é acabar com ela.

■ Leandro Martins

Apenas algumas

## NOTAS SOLTAS

Neste pino do Verão em Portugal, e porque férias não as há ao mesmo tempo por todo o mundo, deixamos aqui apenas algumas notas soltas.

**Bósnia.** Dois acontecimentos sobrelevam. Um: dia 4, o presidente da Sérvia Milosevic tornou público o corte de relações com a direcção bósnia-sérvia e o fecho da sua fronteira, excepto para

alimentos e medicamentos. Razões aduzidas várias e ponderosas, despoletada a medida pela recusa da direcção sérvio-bósnia em aceitar últimas propostas do plano de paz do grupo mediador, que afinal reconhecia a «República da Srpska» bósnia-sérvia em pé de igualdade com a dita «confederação» muçulmana-croata, dividindo o território da Bósnia em partes quase iguais, e admitindo eventualmente no futuro uma possível confederação da «Srpska» com a Sérvia. Decisão grave sem dúvida, com consequências a seguir atentamente. Outro: dia 5, aviões da NATO atacam em terra bósnios-sérvios no monte Igman, fora da zona de exclusão à volta de Sarajevo. Pretexto: terem-se os sérvios-bósnios apossado de algumas, poucas e defensivas, armas pesadas à guarda da FORPRONU, para resistirem à reconhecida violenta ofensiva da «Armija» muçumana. Continuum os 2 pesos e 2 medidas... Adenda: imprescindível ler no Público do dia 7, p. 6, as descaradas declarações do director da Ruder & Finn Global Affairs, empresa americana promotora da intoxicação mediática anti-sérvia. Inacreditável, mas verdadeiro.

**Haiti.** Dia 31/7, o Conselho de Segurança, sob pressão dos EUA, dá luz verde a mais uma aventura bélica à margem da Carta da ONU: autoriza os EUA a intervir militarmente no Haiti, à volta do qual paira já uma «armada» de 16 vasos de guerra «em exercícios». Mas - e este «mas» é crucial -, as nações da América Latina (com excepção natural da Argentina de Menem) opõem-se energicamente e conseguem adiar a intervenção, para elas poderem desenvolver por si diligências pacíficas. A propósito; o coronel J.M. François, um dos três membros da junta militar golpista do Haiti e actual chefe da «polícia», é um brilhante ex-aluno da «Escola das Américas», mais justamente conhecida por «Escola de Ditadores», academia militar norte-americana instalada, financiada e dirigida pelo Pentágono, desde 1946, agora a funcionar em Fort Benning, Geórgia, na qual foram «formados» tão notórios «democratas» como o Roberto d'Aubuisson (El Salvador), Manuel Noriega (Panamá), Leopoldo Galtieri (Argentina), Hugo Banzer (Bolívia), etc., etc.

**Cuba.** Enorme agitação nos órgãos de informação à volta de confrontos ocorridos dia 5 em Havana entre «manifestantes» (que reclamavam a «liberdade» de irem clandestinamente para os EUA - cuja embaixada afinal não lhes concede os vistos prometidos...) e a polícia. Alguns feridos dos dois lados e algumas montras estilhaçadas. Logo o povo cubano desceu às ruas e tudo serenou nas *calles* de Havana. Houve abutres mediáticos que queriam mais... Trata-se sem dúvida de um sinal do agravamento da situação social em Cuba e das manobras desestabilizadoras dos norte-americanos. Mas o que parece ser a propósito de sublinhar é que tais «confrontos» foram «os primeiros desde a revolução» (DN), verificaram-se «pela primeira vez em 35 anos de casticismo» (Público). De quantas «democracias ocidentais», incluindo os EUA e Portugal, se poderia dizer tal? E nenhuma esteve, como Cuba, sujeita às agressões, acção subversiva e um bloqueio que dura há 35 anos, como os EUA vêm infligindo criminosamente ao povo cubano. Bloqueio condenado por todo o mundo e a que urge pôr fim. É mais que tempo de deixar o povo cubano viver e trabalhar livremente em paz!

C.A.I.

## As botas do Saraiva

Sob o título «Quantos Botas haverá no PSD?», José António Saraiva (JAS) divaga no Expresso de 6 de Agosto acerca de três temas de grande actualidade: o clientelismo no partido de Cavaco Silva, a corrupção material e moral da «classe política» e a importância da saída do PSD do Governo.

As reflexões alinhadas por JAS são, como de costume, tão parcelares e superficiais quanto a sua leitura da «política à portuguesa», que se esgota nuns poucos tons, do rosa velho ao laranja cinzento.

O ponto de partida do texto de JAS é o abandono pelo ex-deputado-cantor Mendes Bota de todos os cargos partidários e as acusações e ataques ao presidente do PSD que protagonizou após a sua baixa cotação nas listas de candidatas e a sua não eleição para o Parlamento Europeu.

Pergunta JAS, com pertinência, «... quantos Botas existirão hoje no PSD? Quantos... se mantêm calados apenas porque lhes foram distribuídos lugares no partido ou no Estado? Qual será a extensão da corrupção moral que tomou conta do PSD?...» E conclui - «... deve ser enorme».

Fica assim transcrita em versão JAS a envergadura do clientelismo e da «corrupção moral» em que se afunda o PSD e o seu Governo, que quanto aos outros pecados aparentados, e nem todos veniais, de «corrupção real», fraude, peculato, nepotismo, comércio de influências, delapidação de dinheiros públicos e outros escândalos envolvendo muitos milhões de contos mal geridos ou desviados do erário público em benefício partidário ou pessoal, nem uma palavra.

Ou melhor, sobre tudo isto, JAS profere uma axiomática e definitiva excomunhão: «A nível superior do Estado e dos estados maiores dos partidos políticos (!) a corrupção em Portugal é mínima.... Cavaco Silva à frente do Governo e do PSD contribuiu de resto para isto.... é um homem que transmite uma imagem de seriedade.... o seu estilo autoritário exerce um efeito dissuasor da corrupção».

Ou seja, para JAS, as muitas dezenas de deputados, autarcas, altos funcionários e gestores e os 25 Ministros, ex-Ministros, Secretários e ex-Secretários de Estado, todos do PSD, que, durante os governos de Cavaco, foram referidos pela imprensa ou citados pelos tribunais no extenso rol de aproveitadores da «árvore das patacas» dos fundos comunitários, do Orçamento de Estado, das privatizações e da concentração e centralização de capitais, comprovam que a «nível superior do Estado» e do PSD a «corrupção é mínima».

Para JAS, o inqualificável financiamento do Instituto Progresso Social e Democracia com fundos comunitários, a misteriosa digressão de Cavaco a Salzburgo paga pela Nestlé e a escassa legislação sobre o controlo de rendimentos de titulares de cargos políticos são elementos que atestam a «imagem de seriedade» de Cavaco Silva junto da própria «classe política» do PSD.

Para JAS, o «estilo autoritário» com que Cavaco tem governamentalizado competências de combate à corrupção em detrimento do poder judicial, a continuada não atribuição de meios às estruturas encarregues da respectiva investigação, os mecanismos e critérios da Lei do Segredo de Estado e das alterações à Lei de Imprensa, impedindo o conhecimento público de situações de duvidosa regularidade nestas matérias, «exercem um efeito dissuasor da corrupção».

Enfim, para JAS, «a corrupção moral tomou conta do PSD» e campeia o «oportunismo», mas - evidência lógica irrepreensível - «a corrupção (material) é mínima», graças a Cavaco Silva - donde (conclui) «a saída do PSD do Governo, após as próximas eleições» era «importante», não para pôr cobro à corrupção, mas tão-só porque permitiria uma «lavagem interna» com «efeito purificador» no PSD.

Por falar em oportunismo - já viram as botas do Saraiva?

■ Carlos Gonçalves

## Socialistas passam cheque em branco ao PSD/Madeira

«A direcção do PS resolveu passar a confiar no dr. Alberto João Jardim e na sua política, passando-lhe um cheque em branco», considera o PCP/Madeira referindo-se à proposta dos socialistas de eliminar o artigo 230º da Constituição que garante a igualdade de direitos entre os trabalhadores.

Os comunistas da Madeira recordam as «várias tentativas do PSD regional para retirar direitos aos trabalhadores» daquela região autónoma, as quais foram, no entanto, «julgadas inconstitucionais».

Por outro lado, a DORAM do PCP sublinha que são

«totalmente irrelevantes» todas as propostas de revisão constitucional que sejam apresentadas na Assembleia Legislativa Regional já que esta apenas tem poderes para se pronunciar sobre os projectos que forem entregues na Assembleia da República.

O PCP afirma ainda que «os trabalhos da Assembleia Regional têm sido feitos totalmente à margem da opinião pública», com uma «metodologia que impede a discussão». Altamente estranho é a «cobertura» que a UDP dá ao PSD, interrogando-se os comunistas se tal facto será «moeda de troca» para a autorização de um «partido regional».

Estas denúncias foram feitas no decorrer de uma recente conferência de imprensa em que estiveram Leonel Nunes, coordenador regional e membro do CC, João Lizardo, Rui Nepumu-

ceno, ambos da DORAM, e o deputado regional da CDU, Padre Mário Tavares.

Na ocasião, os dirigentes comunistas aproveitaram para recordar que «a proposta agora veiculada pelo PSD de Cavaco Silva, no sentido da audição prévia da Região antes da escolha do Ministro da República, constava da proposta de revisão constitucional apresentada pelo PCP em 1989, tendo nessa altura sido reprovada pelo mesmo PSD que agora surge a apresentá-la como grande novidade da sua autoria».

## Verdes defendem regionalização

«Com a criação e funcionamento dos poderes regionais descentralizados garante-se o desenvolvimento da economia regional, a criação de emprego, a fixação de quadros técnicos qualificados, evita-se o êxodo rural e a desertificação», afirmaram «Os Verdes» durante uma conferência de imprensa realizada na passada semana.

Defendendo «a regionalização como forma de descentralização e de desenvolvimento do Estado democrático; como verdadeiro processo de promover a democracia participativa e como a via mais adequada para fomentar o desenvolvimento sustentável e harmonioso do todo nacional, atenuando desigualdades sociais e regio-

nais», o partido ecologista acusa o primeiro-ministro e o PSD de recuarem nas promessas que têm feito aos portugueses durante os últimos 10 anos.

«Os Verdes», respondendo à tentativa do Governo de, através da centralização do poder e da desregionalização, manter os privilégios da classe política que vive «à

custa do orçamento», recusam o poder centralista que «tem promovido a asfixia financeira das autarquias locais; que acentua as assimetrias regionais; que provoca a desertificação e o despovoamento rural; que intensifica a degradação da qualidade e condições de vida nos meios urbanos e que transforma as reivindicações da defesa do ambiente em instrumentos de propaganda».

Por último, os ecologistas defendem a regionalização como forma de aproximar o poder e a capacidade de decisão dos cidadãos e das comunidades locais, de forma a criar «mais e melhores condições à sua participação na vida pública e à dinamização da sociedade civil, na defesa e promoção dos seus interesses».

## Contra o bloqueio a Cuba Cruzeiro da Amizade divulga manifesto

Mais de 100 pessoas participaram no Cruzeiro da Amizade, realizado no passado dia 24 de Julho no rio Sado, em comemoração do assalto ao Quartel de Moncada em 26 de Julho de 1953, um dos mais importantes marcos da Revolução Cubana.

Os participantes aprovaram um manifesto em que afirmam a sua «solidariedade para com a República de Cuba e o povo cubano, a quem o socialismo proporcionou e continua a proporcionar, apesar das dificuldades extraordinárias, conquistas e a afirmação da democracia através de um governo do povo, com o povo e para o povo».

Mais adiante, o texto considera que «nenhum país pode arvorar-se em gendarme da terra e impor aos outros povos uma política externa caracterizada pela arrogância. Os povos amantes da paz e da liberdade têm de dizer basta aos atropelos dos direitos humanos praticados pelo Governo norte-americano, de que é caso exemplar o bloqueio a Cuba, que priva o povo cubano de bens essenciais à vida».

O abaixo-assinado reclama ainda o «cumprimento da resolução do Parlamento Europeu e das resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas, que inequivocamente condenaram o comportamento do Governo dos Estados Unidos da América» e exige «do Governo português

uma atitude de condenação do bloqueio e da Lei Torricelli».

O manifesto será enviado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e à Embaixada dos Estados Unidos da América.

## Guimarães Negociatas suspeitas

«A Câmara Municipal de Guimarães, cidade de todas as taxas, vai meter nos bolsos de dois ou três particulares alguns milhares de contos que saca dos vimaranenses a título de impostos», denuncia em comunicado a Comissão Coordenadora da CDU, que acrescenta:

«Num dos casos, a propósito de um pedaço de terreno destinado a jardim, vai desembolsar 12 000 contos, pagando-o ao preço do terreno para construção. Mas como os amigos são para as ocasiões, a Câmara, num passe de magia, transformou o preço em indemnização para o vendedor «fugir» ao pagamento de impostos!»

«Por esta via, a Câmara é duplamente prejudicada nas suas finanças: primeiro, pelo preço a que paga o metro quadrado de terreno de jardim; segundo, porque o imposto que vai perdoar reverteria em seu benefício (imposto de mais-valias). É um grande negócio...»

«No segundo caso, a Câmara, depois de fazer de conta que entregou a exploração do Parque de Vizela através de concurso público, vai ceder às pretensões do único concorrente e ganhador de véspera, libertando-o da obri-

gação contratual de construir «pelo menos dois campos de ténis, como consta do caderno de encargos aceite pelo concorrente, admitindo que essa obra passe para a responsabilidade da autarquia». É mais um «grande negócio»... para amigos: ao mesmo tempo que diminui as obrigações do particular, aumenta, simetricamente, as da Câmara que lá terá de pagar mais uns milhares de contos.

«É assim que vai a gestão do PS na Câmara: com frete aqui e favor acolá, inventando taxas e mais taxas, impondo sacrifícios à maioria dos vimaranenses para ser generoso, magnânimo, com os favoritos, com os protegidos.

«Utilizando a expressão de conhecido vereador socialista, por acaso o mesmo que está por trás destes e doutros negócios escuros, duvidosos, nada transparentes, não haverá quem os corra sem ser à paulada?»

«Além de representarem situações de favorecimento de particulares à custa do dinheiro do povo, a legalidade das negociatas deixa suspeitas, que a CDU irá tentar apurar, e para as quais desde já pede a intervenção das entidades a quem compete vigiar pelo cumprimento da lei.»

## Visita de estudo à China

No passado mês de Julho, uma delegação de estudo do PCP constituída pelos camaradas Carlos Luís Figueira, membro da Comissão Política, e Marília Vilaverde Cabral, José Antunes, Saul Fragata e Abílio Fernandes, membros do CC, realizaram uma visita à República Popular da China a convite do CC do Partido Comunista da China. Visitaram diversas instituições e empresas nas regiões de Xangai, Quindau e Pequim. Foram recebidos por Ding Guangen, membro da Comissão Política e do Secretariado do PC da China, por Li Shuzheng e Zhu Shanqing, responsável e vice-responsável do Departamento de Relações Internacionais do CC do PC da China, por Huang Rujie, vice-presidente da Federação dos Sindicatos da China, além de outros responsáveis centrais e regionais. Realizada no quadro das fraternais relações entre os dois partidos, a visita contribuiu para um melhor conhecimento da realidade chinesa e para o reforço de amizade e compreensão entre o PCP e o PC da China.

# É preciso pôr termo à descapitalização da Segurança Social

A União dos Sindicatos de Lisboa e a CGTP-IN promoveram recentemente uma jornada de esclarecimento para exigir que seja combatida a delapidação da Segurança Social e que esta seja reforçada e melhorada. Sublinhando que «os trabalhadores, ao exigirem o direito à Segurança Social e a melhores pensões e prestações sociais, apenas estão a reivindicar aquilo que é seu», já que «pagam milhões e milhões de contos para terem direito a uma protecção digna na velhice, na invalidez, no desemprego e na doença», aquelas estruturas sindicais responsabilizaram o Governo e o patronato pela descapitalização do sistema. É isso que mostra o quadro que aqui publicamos e cujos dados foram divulgados pela CGTP

## Milhões nos cofres do patronato

A descapitalização da Segurança Social operada pelo patronato - afirma a CGTP - é muito mais importante, mas é também mais difícil de quantificar. No quadro foram incluídas três vertentes: as dívidas das empresas (linha 4), a despesa com o subsídio de desemprego, na parte que é utilização abusiva (linha 5) e a inscrição indevida de assalariados de facto como trabalhadores independentes (linha 6).

4. O valor conhecido da dívida é de

291,4 milhões de contos, no Continente, no segundo trimestre de 1993. Os 330 milhões de contos referidos no quadro

relativamente ao total do ano passado correspondem a uma afirmação pública do ministro das Finanças (entrevista ao «Expresso», 09.04.94). Se em 1994 a dívida crescer tanto como em 1992 (último valor anual conhecido), atingirá em 31 de Dezembro 383 milhões de contos.

5. A CGTP acusa o patronato de estar a utilizar o subsídio de desemprego para despedir trabalhadores, enquanto o Governo tem facilitado a atribuição deste subsídio para incentivar as «reestruturações».

Isto implica um custo muito pesado para a Segurança Social: além do pagamento do subsídio de desemprego e da perda de

receitas em contribuições, há ainda, em certas circunstâncias, o direito à antecipação da idade de reforma. Se a política de antecipação da saída do mercado de emprego não for sustida, a Segurança Social sofrerá bastante - avisa a central.

6. Trabalhadores que, de facto, são assalariados, são levados a inscreverem-se indevidamente como independentes na Segurança Social, o que representa um elevado custo financeiro. A CGTP entende que, ao abordar esta questão, deve ter-se em conta que:

— o regime dos independentes é criado deficitário: de raiz, o custo das eventualidades cobertas é superior à receita determinada pela taxa fixada,

— e instituiu-se a regra de descontar pelo salário mínimo.

Nos últimos anos, houve um forte crescimento dos trabalhadores independentes. Para a CGTP, alguns são, de facto, independentes, mas outros são falsos independentes

## A quarta parte do Governo

A responsabilidade do Governo na descapitalização da Segurança Social tem a ver com falta de receitas (défice de transferências do Orçamento de Estado — linha 1 do quadro), acréscimo de despesas (verbas da Segurança Social usadas para as áreas do emprego e formação profissional — linha 2) e perda de receitas (através da dispensa do pagamento de contribuições — linha 3). Em 1994, estas três componentes representam quase 25 por cento das contribuições previstas (linha 9).

1. O défice de transferências do OE resulta da comparação entre a transferência feita pelo Ministério do Emprego e Segurança Social e a despesa efectuada nos regimes não contributivos e equiparados, agrícolas (RESSA), acção social e défice dos ferroviários.

Este é um dos principais factores de descapitalização da Segurança Social: em 1994, o défice é quantificado em quase 200 milhões de contos, representando 17 por cento da receita prevista de contribuições (o valor de 1993 foi inferior, devido a transferências extraordinárias decorrentes da aprovação de um OE suplementar).

2. As transferências para emprego e formação profissional (verbas da Segurança Social para o Instituto do Emprego e Formação Profissional; o financiamento pela Segurança Social da componente nacional da formação profissional; e outras verbas, transferidas nomeadamente para o Inatel e o FAOJ e, em 1986, usadas para construção de centros de emprego) serão, no corrente ano, de quase 75 milhões de contos.

As verbas transferidas da Segurança Social para o IEFPP destinam-se a financiar a política de emprego e de formação profissional. Para justificar este financiamento, diz o Governo que na taxa social única está compreendida uma parte que se destina a cobrir despesas com o emprego, o desemprego e a formação profissional. A CGTP põe em dúvida que se justifique esta política no quadro actual, tendo em conta que:

— há uma tendência para o crescimento das responsabilidades da Segurança Social naquelas áreas,

— têm vindo a aumentar também as despesas com o subsídio de desemprego (linha 11 do quadro), que representavam 3,5 por cento das receitas de contribuições em 1989 e representam hoje 13 por cento,

— se os beneficiários da política de emprego e formação profissional não são apenas os trabalhadores por conta de outrem, o seu financiamento não deveria recair sobre os salários, mas deveria ser suportado (ao menos, parcialmente) por toda a colectividade.

Para a CGTP, não há qualquer razão para que seja a Segurança Social a financiar a componente nacional da formação profissional. Isto mesmo foi admitido pelo próprio Conselho Directivo (o anterior) do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. Além do mais, Portugal é o único país da União Europeia onde esta prática se verifica.

3. A dispensa de contribuições é uma perda de receitas que resulta da concessão, pelo Governo, de «incentivos à criação de emprego», particularmente quando se trata de primeiro emprego. No quadro figuram dados oficiais anuais; a excepção é 1994, em que se admitiu um valor igual ao do ano anterior.

Para a CGTP, este financiamento é contestável, sobretudo quando a situação financeira da Segurança Social enfrenta sérias dificuldades. A haver incentivos deste tipo, eles deveriam:

— revestir a forma de um valor, suportado pelo Orçamento do Estado, atribuído às empresas como «compensação» pela criação de certos empregos; estas empresas, como quaisquer outras, continuariam a satisfazer as suas obrigações perante a Segurança Social e — acrescenta a central — haveria a vantagem de se saber claramente quanto pagaria a colectividade por uma tal medida;

— e ser sistematicamente acompanhados e avaliados, para evitar fraudes e efeitos perversos sobre a criação de emprego.



## Números e responsabilidades

	1994	1993	1992	1991	1990	1989	1988	1987	1986	
1. Déficit de transferências do OE	191,0	94,0	182,3	169,0	146,8	112,4	99,3	89,2	69,6	milhões de contos
2. Transferências para emprego e formação profissional	74,2	66,5	53,2	57,7	46,8	47,2	41,3	35,0	30,4	milhões de contos
a) Emprego e formação (IEFP)	51,7	53,6	34,7	43,1	35,8	28,3	23,7	18,7	10,1	milhões de contos
b) Formação profissional	20,6	10,6	16,2	12,0	8,6	16,8	15,6	14,2	14,2	milhões de contos
c) Outras	1,9	2,3	2,3	2,6	2,4	2,1	2,0	2,1	6,1	milhões de contos
3. Dispensa de contribuições	10,9	10,9	10,6	9,5	7,4	5,1	3,8	2,0	-	milhões de contos
4. Dívidas à Segurança Social	382,8	330	266,6	229,8	203,5	184,1	170,8	173,9	137,8	milhões de contos
5. Subsídio de desemprego	145,6	112,8	68,7	42,7	27,2	20,8	18,9	19,9	17,8	milhões de contos
6. Trabalhadores independentes	-	-	694,3	672,9	682,7	692,0	670,2	527,7	282,2	milhares
7. Total não recebido (1+2+3+4)	658,9	501,4	512,7	466,0	404,5	348,8	315,2	300,1	237,8	milhões de contos
8. Contribuições	1116,4	1033,0	958,2	855,4	725,4	601,0	520,8	427,2	368,2	milhões de contos
9. Peso do não recebido, sem dívidas (1+2+3), relativamente às contribuições	24,7	16,6	25,7	27,6	27,7	27,4	27,7	29,5	27,2	%
10. Peso do não recebido (1+2+3+4) relativamente às contribuições	59,0	48,5	53,5	54,5	55,8	58,0	60,5	70,2	64,6	%
11. Peso do subsídio de desemprego relativamente às contribuições	13,0	10,9	7,2	5,0	3,7	3,5	3,6	4,7	4,8	%
12. Peso do não recebido e do subsídio de desemprego relativamente às contribuições	72,1	59,5	60,7	59,5	59,5	61,5	64,2	74,9	69,4	%



# De que agricultura precisamos nós?

Na nossa época, a questão da agricultura ocupa todos os dias as páginas dos jornais e o motivo não é para menos. O modelo de agricultura imposto pela Comunidade é um tremendo equívoco. A reforma da PAC, ela mesma copiada do modelo americano e assinada com pompa e circunstância pelo Governo português, é a tal ponto negativa que a reforma da reforma da PAC é já hoje uma necessidade. A política agrícola americana posta em prática há já alguns anos, levou ao desaparecimento da maior parte da agricultura familiar desse país. Na Europa visa os mesmos objectivos (eliminar a maior parte das explorações agrícolas) e concentrar a produção nalgumas regiões e nalguns produtores. Tudo em nome da rentabilidade e da competitividade. Objectivo: lucro máximo. Para satisfazer o quê e a quem? Não certamente os milhões de seres humanos que têm fome. Mas sem dúvida as multinacionais da Agro/Alimentar e as grandes cadeias de distribuição alimentar. Quanto mais baixo for o preço na produção mais altos serão os seus lucros. Dizem os tecnocratas que a agricultura tem que ser um ramo como o comércio ou a indústria. Esse é o equívoco. Esse é o erro que nos está a custar caro. É que a agricultura não é nem será um ramo que deva ser tratado como qualquer outro do comércio ou indústria. Lembraria, a propósito, que os agricultores não decidem do preço da venda dos seus produtos. São outros que decidem por eles, mas quando compram para produzir o preço está na tabela e não se discute.

## Danos irreparáveis

Estamos neste fim-de-século numa encruzilhada. A questão põe-se entre a agricultura familiar com agricultores numerosos que satisfaçam as necessidades alimentares com produtos autênticos nos limites suportáveis pela Natureza, sem hipotecar o futuro e as condições de existência do Homem, e desse lado devem estar também os consumidores, e uma agricultura sem agricultores dominada pelas multinacionais que organizam a pilhagem do Planeta, subvertem os mercados, praticam a concorrência desleal, estimulam culturas intensivas, dominam o fabuloso negócio das sementes e, por outro lado, reduzem à fome milhões de seres humanos, utilizam a manipulação genética à medida dos seus interesses, falsificam e adulteram os alimentos pondo em risco a saúde humana, como por exemplo a BSE (encefalite bovina espongiforme — «vacas loucas»). É uma doença mortal cujo agente é desconhecido e propaga-se através de farinha de carne de ovinos contaminada e ingerida pelos bovinos. Sem essas manipulações teria sido evitada a grave situação que se vive hoje. Não é pois difícil compreender que a agricultura que é preciso valorizar é a agricultura familiar. Ela constitui a base essencial da agricultura portuguesa. O Governo deveria defendê-la e apoiá-la e, em Bruxelas,

reclamar a sua especificidade antes que seja tarde. Danos irreparáveis foram já causados ao tecido produtivo agrícola. Constitui um crime a falta de incentivos aos jovens, filhos de agricultores, para continuar a actividade. A não substituição da população agrícola constitui uma rotura irreparável e um factor de desertificação preocupante.

As mil e uma tarefas do mundo rural precisam da presença e da mão do Homem, sem a qual nada se fará. Por muitas reuniões que os ministros da Agricultura façam em Bruxelas os problemas não serão resolvidos. Só uma outra política agrícola o poderá fazer.

O actual ministro da Agricultura obteve uma «vitória» à maneira de Pirro: trouxe-nos o direito de semear 5 mil hectares de trigo rijo. Mas quantos 5 mil hectares perdemos nós desde 1986? Desapareceram para sempre os nossos trigos rijos «Casal», «Preto Amarelo» e «Angelino» que estavam perfeitamente adaptados ao nosso clima e solo, que encheram de orgulho os produtores e encheram também os celeiros. Semanas a fio, as debulhadoras não paravam nas nossas aldeias; hoje é o silêncio total dos homens e das máquinas.

## Agir enquanto é tempo

Desapareceram também as nossas espécies de frutos tradicionais, que não necessitavam de tratamentos, para serem substituídos por espécies importadas que requerem cada vez mais tratamentos químicos para resistirem às doenças. Nunca se falou tanto de qualidade. Mas ela só existe, de facto, na aparência. Gastam-se rios de dinheiro em publicidade para valorizar produtos insípidos e banais. A lista de corantes e conservantes utilizados na alimentação humana foi alargada desde a entrada na Comunidade, e não foi para bem do consumidor que não tem condições para detectar os conservantes pouco recomendáveis, como por exemplo o leite importado, produzido com hormona BST, ou ainda a hormona utilizada para crescimento rápido dos animais cuja carne nós importamos e que em Espanha já provocou várias intoxicações alimentares. O consumidor pode facilmente verificar que quando compra as maçãs engraxadas do Chile ou da Argentina, ou ainda pêras verdes, ou limas da África do Sul, entre outros, esses frutos não sabem a nada. Esses são os produtos da agricultura intensiva, da agricultura das multinacionais.

Por todas as razões, devemos agir — agricultores e consumidores — enquanto é tempo, para que isso não aconteça.

E não é preciso chamar cá (e pagar-lhe uma fortuna) o sr. Michael Porter. Basta desenvolver e defender aquilo que somos e aquilo que temos.

■ João Vieira  
(Associação dos Agricultores  
do Distrito de Lisboa)

# Há menos praias vigiadas

Interessantes dados e declarações têm vindo a público, respeitantes à situação existente no socorro a naufragos.

Esses dados e declarações dizem-nos que desde o início do ano "morreram 16 praticantes de desportos náuticos, tendo-se registado mais de 220 acidentes"(!).

Por outro lado, é reconhecido que "o número de praias vigiadas diminuiu de 412, em 1992, para 317 em 1993"(!) e tal é justificado pelo facto de "hoje em dia não ser fácil obter a concessão de uma praia, o que leva a que haja menos meios de socorros"(!).

Ora bem, um dos aspectos de fundo está lançado. Isto é, o número de praias vigiadas depende do número de interessados em concessioná-las. Dito de outra maneira: se for lucrativo vender muitas bicas, imperiais e sandes de queijo, estamos safos. Se não for, adeus, ó bóia.

Não pensamos que os quesitos para concessão de uma praia devam ser diminuídos. Aliás, há que o dizer, uma inspecção a estabelecimentos existentes nas praias, dificilmente não teria como corolário o encerramento de uns quantos. Mas, encerrar estabelecimentos seria diminuir ainda mais o número de praias vigiadas. Entramos na quadratura do círculo.

Já lá vai felizmente o tempo em que um número diminuto de população tinha acesso às praias. Algumas até eram privadas. Quantas crianças cresceram sem nunca ter visto o mar?

Por outro lado, houve mudanças profundas na utilização da praia. Isto é, são os surfistas, os body-board, windsurf, etc., e esta realidade deveria implicar novos meios e outros meios mais rápidos de socorro. Ora, apesar das mudanças operadas, o esquema de socorro e salvamento tem-se mantido no essencial, desde logo no que respeita ao quadro conceptual.

Um país como o nosso, com uma imensa extensão de costa e um elevado número de horas de sol, dificilmente compatibiliza o potenciamento desta riqueza em função de mais ou menos bicas e sandes de fiambre que os concessionários vendam e consequentemente da existência dos necessários meios de vigilância, socorro e salvamento.

O Instituto de Socorros a Naufragos não pode fazer, como se costuma dizer, omeletas sem ovos. O problema é mais fundo.

O Governo, no quadro do processo de reestruturação das Forças Armadas, com a Lei de Bases de Organização das FAs e consequentes Leis Orgânicas para os três ramos, bem como com a Lei Orgânica do Ministério da Defesa Nacional, chamou a si o Sistema de Autoridade Marítima no qual está contido o Instituto de Socorros a Naufragos através da Direcção Geral de Marinha.

O Governo quer para si esta área no fundamental por duas razões:

1ª - Porque pretende relevar nas Forças Armadas a componente militar relativamente à componente missões de interesse público.

2ª - Porque a Autoridade Marítima permite a projecção da acção e imagem do Governo junto da população.

Mas o Governo, além do "querer", não adiantou mais nenhum passo. O Governo quer uma Marinha de Fragatas Meko que absorvem uma parte significativa das verbas e estão a causar crescentes embaraços. Mas para ficar na posse do Sistema é necessário redefini-lo, balizar âmbitos e objectivar com seriedade de que forma ele deve sair da Marinha; é preciso dinheiro, meios e pessoal.

Não temos quaisquer ideias preconcebidas quanto ao Sistema dever ou não ficar na Marinha. Mas porque entendemos o Sistema como um vector muito importante da Defesa Nacional, pensamos que se impunha menos cozinhado governamental e mais debate sobre o futuro do mesmo.

Enquanto o debate se não faz e o cozinhado prossegue, o MDN vai promovendo umas iniciativas mediáticas de propaganda. Mas, neste caso, o MDN podia ao menos lançar uma campanha publicitária - tipo "coma uns pires de caracóis à beira-mar", para evitar que qualquer dia os concessionários resolvam todos ir negociar para outras paragens e as praias fiquem "despidas" de meios de socorro e salvamento.

R.F.

(!) "A Capital" de 25/7/94

(!) Comandante José Neto, "A Capital" de 25/7/94

## Negociações

As negociações entre os Estados Unidos e da Coreia do Norte sobre armamento nuclear recomeçaram segunda-feira em Genebra, após terem sido interrompidas no sábado por falta de acordo entre as duas partes.

“As duas partes não chegaram a um acordo” durante as oito horas de conversações “úteis e profissionais sobre um grande número de assuntos muito complexos”, declarou sábado o vice-primeiro-ministro norte-coreano, Kang Sok Ju. O secretário de Estado adjunto norte-americano, Robert Gallucci, limitou-se a afirmar, por seu lado, que os “encontros foram bons e profissionais” e insistiu na exigência ocidental de inspeções especiais a duas instalações secretas no complexo nuclear de Yongbyon, para determinar a quantidade de plutónio de que este país dispõe.

Apesar das divergências entre as duas delegações, Gallucci afirmou que Pyongyang e Washington estavam de acordo em “preservar o regime de não-proliferação, manter a segurança no nordeste asiático e reduzir as tensões na península coreana”.

## Jornada do Caos

Trezentos “punks” foram detidos em Hanover (centro da Alemanha) durante a madrugada de domingo, na sequência de confrontos com as forças de segurança, durante os quais sete polícias ficaram feridos, afirmou a polícia.

Vindos de todas as partes da Alemanha, os “punks” chegaram sexta-feira a Hanover para festejar o décimo aniversário da “Jornada do Caos”, comemorado anualmente. A “Jornada do Caos” é um acontecimento nacional organizado pelo movimento “punk” que se reclama “contra a polícia e os ricos”, mas que na prática mais não faz do que fomentar a violência.

Chegados a Hanover, os ‘adeptos’ começaram de imediato a partir montras, danificar carros, derrubar caixotes de lixo, acender fogueiras nas ruas e insultar pessoas. Segundo a polícia, os “punks” concentraram-se em Hanover respondendo a um apelo que solicitava a “redução da cidade às cinzas”.

## Sondagem

Segundo uma sondagem encomendada pela cadeia de televisão internacional “CNN” e pela revista “Time”, 57 por cento dos norte-americanos admite que a política externa de Clinton é fraca, contra 34 por cento que a consideraram forte.

Uma ampla maioria de 79 por cento dos inquiridos manifesta o seu apoio ao envio de tropas norte-americanas para o estrangeiro, desde que as suas missões sejam de cariz humanitário, enquanto apenas 37 por cento disse aprovar o recurso aos militares para promover o restabelecimento da democracia em outras nações. Neste particular, 53 por cento dos entrevistados rejeitou explicitamente o envio para o estrangeiro de soldados dos EUA, quando o objectivo é devolver o poder a presidentes democraticamente eleitos, como é o caso do haitiano Jean-Bertrand Aristide.

# EUA fomentam distúrbios em Cuba

O congressista hispano-norte-americano José Serrano atribuiu domingo, em Washington, os distúrbios registados em Cuba ao embargo imposto pelos Estados Unidos a este país há mais de trinta anos.

“A fome e o desespero do povo cubano, que conduziram à agitação popular verificada sexta-feira em Havana são o fruto amargo no nosso mal-aconselhado embargo a essa nação”, declarou Serrano, que falava na qualidade de líder do grupo parlamentar hispano no congresso dos EUA.

Crítico de há longa data das sanções impostas a Cuba, por considerar que elas “não só não atingiram o objectivo a que se propunham, o de apertar o poder Fidel Castro, como têm infligido um sofrimento acrescido ao povo cubano”, o deputado democrata pelo Estado de Nova Iorque não hesitou em afirmar que a política norte-americana “deixa essa gente numa situação insustentável: ou morrem de fome ou fogem”.

Aquele membro da Câmara dos Representantes dos EUA referia-se aos confrontos registados na sexta-feira, em pleno centro de Havana, entre manifestantes e polícias, que resultaram em vários feridos.

Segundo informação da Lusa, Serrano disse também que a “ameaça” de uma outra vaga de imigração maciça de cubanos para os Estados Unidos, como a registada em 1980 com o êxodo de Mariel, devido ao levantamento das restrições às saídas da ilha, “supõe um novo dilema para a secretaria de estado norte-americana”.

“De certeza que já temos muito com que nos preocupar nas Caraíbas”, acrescentou José Serrano aludindo à crise no Haiti, e antes de pedir ao presidente Bill Clinton que “reconsidere a sua política, promova o diálogo com o governo cubano e procure encontrar uma solução humana para esta situação trágica”.

O presidente cubano, Fidel Castro, responsabilizou sexta-feira os Estados Unidos por estimular as saídas ilegais de Cuba e afirmou que apesar do seu país não o desejar não se oporá à saída de cidadãos, nomeadamente daqueles que desejem juntar-se às suas famílias.

Falando pela televisão poucas horas depois dos distúrbios ocorridos na Avenida Malecón (marginal), onde manifestantes se confrontaram com a polícia, Fidel Castro acusou os Estados Unidos de “estimular” os incidentes registados nas últimas semanas com várias embarcações que foram apreendidas no porto de Havana com o propósito de serem desviadas para os Estados Unidos.

Os confrontos saldaram-se por um número ainda não determinado de feridos e por vários vidros partidos, nomeadamente de empresas, do Hotel “Douvillie” e de lojas de venda em dólares.

O dirigente cubano considerou que se trata de “uma estratégia baseada em estimular e provocar as saídas ilegais mediante a criação de um clima de descontentamento como instrumento de subversão para justificar uma intervenção”.

Afirmou ainda que o governo nunca proibiu as saídas do país aos cidadãos que desejem emigrar e que os Estados Unidos querem dividir os cubanos e condenar o país a “um banho de sangue”.

Na ocasião, Fidel Castro recordou os casos das pontes marítimas de Camarioca, nos anos sessenta, e de Mariel, em 1980, por onde emigraram mais de 100 mil cubanos com a intervenção da Embaixada do Peru.

Fidel de Castro esteve sexta-feira no local dos distúrbios, onde grupos de trabalhadores e membros das juventudes comunistas (as “Brigadas de Resposta Rápida”) colaboraram com a polícia para dispersar os manifestantes, enquanto milhares de pessoas se manifestavam em apoio à revolução cubana.

## Nunca mais!

**Hiroshima e Nagasaki rogam a todos os líderes dos países detentores de armas nucleares que não tardem em anunciar a sua completa destruição.**

**Têm de perceber que a posse e o desenvolvimento de armas nucleares é um crime contra a Humanidade.**

As palavras são do presidente do Município de Hiroshima, Takashi Hiraoka, onde no passado sábado, dia 6 de Agosto, se assinalou o 49º aniversário do primeiro bombardeamento atómico da história, que aniquilou em escassas horas 140.000 habitantes da cidade mártir.

O primeiro-ministro Tomi-

chi Murayama e outros destacados políticos japoneses juntaram-se às 50.000 pessoas, entre as quais sobreviventes do holocausto e familiares das vítimas, presentes na cerimónia evocativa organizada no Parque da Paz.

Às 8.15h locais, exactamente a hora em que a bomba deflagrou, foi guardado um minuto de silêncio que coincidiu com a paralisação do tráfego na cidade, ao mesmo tempo que eram soltas centenas de pombas simbolizando o desejo de paz.

Na cerimónia participaram centenas de anciãos em traje de luto, muitos deles sofrendo enfermidades resultantes da exposição à radioactividade,

que rezaram pelas vítimas e manifestaram o desejo, renovado em cada ano, de que o holocausto nunca mais se repita.

Durante a cerimónia foram acrescentados 5.110 novos nomes à lista dos mortos de Hiroshima e Nagasaki.

Neste momento, o balanço das vítimas da bomba de urânio ‘Little Boy’ lançada do bombardeiro norte-americano ‘Enola Gay’ há 49 anos cifra-se exactamente em 186.940 e há ainda milhares de sobreviventes de avançada idade que continuam a aguardar que o governo assumira a responsabilidade dos tratamentos médicos e das compensações a que se julgam com direito.

# O povo do Haiti e o Polícia do Mundo

Ao afirmar que a solidariedade ao Haiti se tornou dever, García Márquez chamou no seu apelo a atenção para uma evidência: o povo do Haiti não pode ser confundido com a ditadura que o oprime.

Foi útil que o grande escritor colombiano viesse lembrar que a primeira vítima da intervenção que os EUA anunciam como iminente seria na prática o povo haitiano e não o general golpista Raoul Cédras.

A trágica história do Haiti é exemplo dos males do colonialismo e do imperialismo.

Partiu da França de Luís XIV a iniciativa de povoar com escravos africanos a parte ocidental da Ilha Hispaniola. Durante a segunda metade do século XVII e todo o século XVIII o Haiti foi a mais rica das colónias francesas. Esse passado desmente o mito da pobreza irremediável do pai.

A insurreição dos escravos das plantações de açúcar, durante a Revolução Francesa, foi um acontecimento com implicações importantíssimas e diversificadas na história das Américas. Bonaparte, quando Primeiro Consul, enviou para o Haiti um grande exército que tinha por missão, depois de esmagar a revolta, desembarcar em Nova Orleans e reforçar o poder francês na Louisiana e ao longo do Mississipi. Jefferson, Adams e, de modo geral, os historiadores americanos admitem que os EUA não tinham então condições mínimas para enfrentar militarmente a França. Em caso de guerra seriam derrotados. A história, sem a rebelião no Haiti, poderia, portanto, ter seguido outro rumo.

O exército do general Leclerc, formado com os melhores soldados do mundo, não chegou, porém, aos EUA. Não saiu do Haiti. Dos 28 000 homens do corpo expedicionário quase 25 000 morreram na Ilha, em combate ou vitimados pela malária e outras doenças. Perante a hecatombe, Napoleão reviu a sua estratégia americana e acabou por vender a Louisiana aos EUA em 1803.

A Revolução no Haiti foi a primeira revolução vitoriosa na América Latina. Os seus heróis, sobretudo Toussaint Louverture — o moderno Espartaco — tornaram-se heróis de toda a América.

No momento em que a propaganda americana apresenta o Haiti como uma terra de selvagens («o império selvagem» na velha definição de Jefferson) dominada por cultos religiosos primitivos, cabe recordar que a pequena República desempenhou também um papel positivo na luta pela independência das antigas colónias espanholas. O presidente Pétiou forneceu ajuda, em armas e dinheiro, a Simón Bolívar no período mais difícil da revolução libertadora em Nova Granada.

Não se diz em Washington hoje que a crise no Haiti se agravou muito com a invasão maciça dos capitais americanos no início deste século.

Quando o país, arruinado, deixou de pagar as dívidas, o presidente Wilson arranhou um pretexto, em 1915, para o invadir e ocupar. Não diz a imprensa americana que a guerrilha camponesa de Charlemagne Peralte resistiu no Norte, durante anos, aos marines. Charlemagne não foi vencido. Teve a mesma sorte do nicaraguense Sandino: os americanos, para se livrarem dele, mandaram matá-lo! Não disse o presidente Clinton que os EUA apoiaram com entusiasmo François Duvalier quando este, em 1957, instalou no país a mais sanguinária ditadura da sua história. Não disse que esse apoio foi renovado em 1964 quando Papa Doc se proclamou «presidente vitalício». E não disse também Clinton que o secretário de Estado para Assuntos Interamericanos, Thomas Enders, se deslocou em 1983 a Port-au-Prince, a fim de manifestar o apreço que o presidente Johnson tinha pelo governo ditatorial de Baby Doc, o filho e herdeiro de Duvalier.

Raoul Cédras é um político repugnante, um ditador. Mas a vítima do seu regime é o povo do Haiti. É falso que a ditadura naquele país constitui uma ameaça para a segurança dos EUA. Não é também a democracia que está em causa. O motivo da agressão planeada é outro: os EUA não querem receber mais refugiados haitianos...

A Resolução da ONU que abriu o sinal verde para a invasão é uma monstruosidade, que desmoraliza a Organização. A repulsa que suscitou na América Latina veio demonstrar que até governos reaccionários identificam na atitude do Conselho de Segurança um perigoso precedente.

Com o aval de uma ONU domesticada, os EUA apresentam-se sem disfarces como o Polícia do Mundo. O imperialismo americano desafia a Humanidade, comporta-se como seu inimigo.



Manifestação em Hiroshima (foto de arquivo)

# «Temos de abandonar Kiev!»

## A II Grande Guerra Mundial

■ Manoel de Lencastre

A 12 de Julho de 1941, o 41º corpo de tropas motorizadas hitlerianas operava em plena auto-estrada entre Luga e a antiga Petrogrado. Um outro grupo de forças germânicas tentava abrir caminho para Novgorod e Chudovo, mas a determinada acção do 11º exército soviético dificultava-lhe o progresso. O forte grupo de von Manstein (56º corpo de forças motorizadas) conseguira, entretanto, empurrar as tropas do referido 11º exército, tal como as do 27º, para uma linha de defesa muito mais afastada, entre Staraiá Russa e

Stalin passeava na sala de conferências do Kremlin onde a importante reunião tinha lugar. As mãos atrás das costas. O pensamento em longínquas paragens. Mekhlis, comandante da zona de Kiev, estava presente.

«Prossiga a sua exposição», disse Stalin.

«Parece-me», continuou Jukov, «que, no absolutamente imediato futuro, o inimigo dificilmente conseguirá conduzir operações de grande escala na direcção estratégica de Moscovo. De momento, os

A ofensiva do «Grupo de Exércitos Norte», comandado por von Leeb, contra Leninegrado, a Veneza do Norte, não produzia os rápidos resultados esperados pelos nazis. E estes, aproveitando a situação em Smolensk que o Exército Vermelho tentara desesperadamente defender, procuravam diversificar a guerra através de um poderoso ataque a Leninegrado, por Luga.

compreendendo cinco divisões, seriam feitas estacionar à rectaguarda da junção entre as Frentes Central e Sudoeste. Todas estas formações viriam a constituir uma considerável força de choque».

«Mas, Kiev», insistiu Stalin, «como defenderemos Kiev?»

«Temos de abandonar Kiev, camarada Stalin», foi a resposta do general chefe do Estado-Maior soviético que, evidentemente, sabia perfeitamente o que para o comandante-supremo, como para qualquer cidadão da URSS, representava o abandono da milenária capital ucraniana. Estabeleceu-se, então, naquela sala, o mais opressivo dos silêncios. Mas Jukov acrescentou:

«Com as tropas que referi, organizaríamos um poderoso contra-ataque na saliência de Yelnya de onde os nazis esperam partir para o assalto a Moscovo».

### A demissão de Jukov

Mas Stalin já tinha ouvido o suficiente para que lhe fosse possível conter-se. E perguntou:

«Qual contra-ataque? Isso faz algum sentido?»

Depois, erguendo bruscamente o tom da voz e olhando Jukov com profundo ressentimento, perguntou:

«Como é possível que você admita a hipótese de entregarmos Kiev?»

Jukov defendeu-se, dizendo:

«Se na qualidade de chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho digo coisas sem sentido, então não estou a fazer aqui coisa nenhuma. Peço-lhe que me demita das minhas funções e me coloque em qualquer das Frentes de operações. Pelos vistos, aí, serei mais útil ao meu país».

«Não precisa excitar-se. Mas se é assim que deseja, saberemos trabalhar sem si», respondeu o comandante-supremo.

Foi nestas dramáticas condições que Georgi Jukov partiu para o comando da Frente de Reserva estabelecida na linha defensiva entre Rzhev e Vyazma com o objectivo de organizar a resistência do Exército Vermelho à ofensiva que os nazis lançariam a partir da saliência de Yelnya. A chefia do Estado-Maior passou de novo para o marechal Shaposhnikov, um dos militares soviéticos que, apesar da sua avançada idade, ou talvez devido a isso, Stalin mais respeitava (?).

Entretanto, na Ucrânia, o 5º exército (Potapov), o 26º (Kostenko) e o 6º (Muzichenko) resistiam heroicamente na zona fortificada de Kiev. Mas o 11º exército nazi operava já entre Mogilev e Podolski tentando realizar o cerco daquelas formações soviéticas. Muzichanko, ferido em combate, foi feito prisioneiro, o mesmo sucedendo a Ponedelin, comandante do 12º exército. O inimigo abria já caminho para Dnepropetrovsk, Zaporohye e Odessa.

(<sup>1</sup>) Georgi Jukov (*Reminiscências e Reflexões* — Vol. 1, Progress Publishers, Moscovo, 1974)

(<sup>2</sup>) Depois de Jukov foram os seguintes membros da «Stavka do Supremo Comando» que ocuparam a posição de Chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho: Shaposhnikov, Vasilevski, Antonov. Quando chegou o fim do conflito, a «Stavka» era composta pelos seus seguintes elementos: Stalin, Jukov, Vasilevski, Antonov, Bulganin, Kuznetsov.



Kholm. E parecia que a grande capital de Lénine ficaria à mercê dos selvagens exércitos hitlerianos.

Em fins de Julho, Jukov achou-se perante a urgente necessidade de expor a situação, pessoalmente, ao comandante-supremo. (<sup>1</sup>) Em reunião no Kremlin, mostrou a Stalin a nua e crua realidade que as operações de guerra permitiam analisar.

«Coloquei todos os meus mapas diante do comandante-supremo», disse, «e dei-lhe conta da situação em que nos encontrávamos de Norte a Sul do país. Revelei-lhe os números cruéis das nossas perdas exactas em todas as frentes. Mostrei-lhe a colocação dos exércitos inimigos nos diferentes teatros de operações e elucidei-o quanto às esperadas próximas iniciativas dos alemães».

Os nazis não possuem reservas suficientes que lhes permitam reforçar os flancos do «Grupo de Exércitos Centro». Assim, os próximos grandes acontecimentos surgirão na Ucrânia, algures na zona de Dnepropetrovsk e Kremenchug. A Frente Central é a mais débil de todas as nossas forças de defesa. Os 13º e 21º exércitos, nas áreas de Unecha e Gomel, são técnica e numericamente inferiores. Os fascistas vão, certamente, explorar essas nossas fraquezas».

«O que sugere, então?», perguntou Stalin.

«Em minha opinião, o inimigo não avançará senão dentro de 12 ou 15 dias. A Frente sudoeste deverá recuar para cá do Dniepr, completamente. Deveríamos trazer do Extremo-Oriente oito divisões preparadas para entrar em acção, imediatamente. Forças de reserva,

## Estruturas de direcção da Guerra Patriótica da URSS

Em Agosto de 1941, a guerra já não constituía para o povo da URSS a chocante surpresa que produziu a 22 de Junho. O mortal conflito tornara-se parte da vida. Já ninguém tinha ilusões. E Stalin, em especial, tinha-se finalmente convencido de que as suas graves e fatais esperanças em negociações políticas e diplomáticas com os hitlerianos, só tinham conduzido à catástrofe que todos tinham diante dos olhos.

Agora, a guerra minava a URSS cujos povos avançavam para o conhecimento das mais duras provações de sempre. Minsk e Smolensk achavam-se ocupadas. Kiev e Leninegrado estavam ao alcance de poderosos exércitos inimigos. Moscovo sentia que os tentáculos ferozes da «Wehrmacht» se aprestavam a estrangulá-la. A URSS, em luta total pela própria sobrevivência começava

a organizar-se, lentamente, para resistir ao inimigo e criar as bases materiais e psicológicas que lhe possibilitassem virar o rumo dos acontecimentos.

Hitler e os seus estados-maiores políticos e militares acreditaram que a invasão da URSS daria lugar, rapidamente, a uma simples parada de vitórias. Guiados pelo aventureirismo próprio da ideologia fascista e nacionalista, tinham-se tornado incapazes de, sem emoção, fazerem uma correcta avaliação de todos os aspectos, principalmente os sociais, que a guerra iria colocar a nu. Por seu lado, o Partido Comunista e o governo soviético trabalhavam febrilmente para que à guerra fosse dado o mais amplo sentido patriótico, histórico e humanista. Enquanto se defendia a si mesma, a URSS colocava-se, inofismavelmente, na primeira linha de combate pela liberdade do mundo.

Assim, a 8 de Agosto, a «Stavka» passava a designar-se por «Stavka do Supremo Comando». JV Stalin agia sob o título de «Supremo Comandante em Chefe» mas acumulava todos os lugares principais do Estado permitindo unificar a direcção política e militar do país em guerra e acelerar a tomada de decisões assim como o respectivo cumprimento. Com efeito, passou a reunir os cargos de Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, de Comissário da Defesa, de Secretário-Geral do Partido Comunista, de Presidente do Comité de Defesa do Estado e, como acima se indica, de Supremo Comandante em Chefe.

O Alto Comando reunia sempre em Moscovo. Quando os «raids» da «Luftwaffe» se tomaram intensos, as conferências dos membros da «Stavka» passaram a realizar-se numa casa especialmente preparada

para essas reuniões, nas vizinhanças de Kirovski Vorota. Em Agosto de 1941, o Estado-Maior trabalhava nas plataformas da estação de Kirovskaja, da rede do metropolitano de Moscovo. E, para assegurar a máxima eficiência operacional, a «Stavka» formou três Altos-Comandos regionais sob a responsabilidade das seguintes personalidades:

1. Noroeste: Marechal Vorochilov, comandante em chefe; A. Zhdanov, conselho militar da região; General Zakarov, chefe do Estado-Maior.

2. Ocidente: Marechal Timochenko, comandante em chefe; Nikolai Bulganin, conselho militar da região; General Malandin, chefe do Estado-Maior.

3. Sudoeste: Marechal Budenny, comandante em chefe; Nikita S. Kruchshchev, conselho militar da região; General A. P. Potrovski, chefe do Estado-Maior.

## A crise americana (conclusão)

# O temor de Mailer

■ Miguel Urbano Rodrigues

Na crise norte-americana, o mais inquietante não são os problemas materiais que afectam o Estado e a sociedade civil. Em Nova Iorque, o choque maior, para o observador de passagem, empenhado em ajustar aquilo que descobre e sente à opinião pré-formada, vem do espectáculo da vida tal como consegue captá-lo.

O reencontro com a grande cidade foi para mim quase doloroso. Nova Iorque conserva o seu fascínio, mas aquilo que nela atrai dilui-se cada vez mais na outra imagem, a que repele o forasteiro.

Quase tudo me apareceu sob perspectivas menos favoráveis do que no ano anterior. O caldeirão humano da megalópolis que já foi farol do mundo tornou-se espelho do desencanto e das contradições de uma sociedade que procura caminho sem o encontrar.

Acompanhei durante horas a transmissão televisiva em diferido do debate travado no Senado sobre uma emenda que tinha por objectivo colocar sob controlo do Congresso o eventual envio de tropas americanas para o Haiti. O programa foi atirado para um horário péssimo, de madrugada.

Diverti-me muito, talvez por não esperar aquilo. Senadores republicanos enunciaram verdades límpidas sobre os objectivos das intervenções militares no Vietname, no Panamá e na Somália, criticaram os bombardeamentos da Bósnia, recordaram a duplicidade da política anti-sandinista dos EUA e sublinharam insistentemente que a situação no Haiti não configura uma ameaça aos interesses vitais norte-americanos. Em contrapartida, alguns senadores do Partido Democrata acharam normalíssimo que o Presidente Clinton tivesse assumido publicamente posição contra a emenda. Repetiram com pouca imaginação o discurso demagógico sobre a democracia e as liberdades. Um desembarque de forças americanas em Port-au-Prince aparecia-lhes como iniciativa generosa, desinteressada, na linha da vocação humanista dos EUA, na fidelidade aos ideais de Jefferson e Lincoln. Os defensores da emenda foram acusados de pretender amarrar as mãos do Presidente.

A emenda foi rejeitada.

Dias antes, Hugh de Santis e Kenneth Dillon, um professor de Estratégia da Segurança e um escritor, tinham publicado no *Washington Post* um artigo importante sobre a crise haitiana. Lembraram que, em 1915, durante a Presidência de Woodrow Wilson, os EUA intervieram militarmente no Haiti. Desembarcaram para «estabelecer a ordem e instaurar a democracia». Somente saíram em 1934, depois de matarem 1500 camponeses na sequência de dois levantamentos populares. Não deixaram implantada a democracia. Prepararam as condições para ditaduras «amigas» dos EUA. Anos depois, François Duvalier, o mais sanguinário presidente do pequenino país, foi sempre um aliado merecedor da confiança de Washington.

Santis e Dillon puseram o dedo na ferida. A democracia e a sorte dos haitianos são totalmente alheias aos objectivos visados pelos defensores da intervenção militar. A Casa Branca está alarmada com a vaga de refugiados haitianos e o Presidente Clinton não pode confessar que a invasão do Haiti seria o único remédio seguro contra essa corrente migratória.

Clinton não demonstra entender as lições da intervenção de 1915. Inicialmente recusou a entrada de refugiados. Depois cedeu a pressões de Randall Robinson, seu influente amigo, e abriu as portas aos haitianos. Suportou então críticas duríssimas, sobretudo do Governador da Florida, o Estado onde se fixa a maioria dos imigrantes antilhanos. Posteriormente, sempre hesitante, ensaiou novo recuo. A máquina oficial começou a preparar a opinião pública para a intervenção. De maneira pouco inteligente e com notas de farisaísmo.

Quando uma esquadra foi enviada para águas haitianas e um regimento de fuzileiros realizou manobras de desembarque nas Bahamas, a Casa Branca e o Pentágono informaram tratar-se de exercícios de «mera rotina»...

A reacção dos grandes diários foi negativa e a *intelligentsia* manifestou-se contra o projecto intervencionista.

Finalmente, Clinton compreendeu que uma acção unilateral teria consequências muito negativas para a sua já embaciada imagem. Tentou então a cobertura das Nações Unidas. E obteve-a sem dificuldade. Apenas a China e o Brasil se abstiveram no Conselho de Segurança, quando foi votado o projecto apresentado pelos EUA. A grande massa da população permanece à margem do debate sobre a questão haitiana. Pouca gente sabe quem é o

general golpista Raoul Cedras. Os temas da actualidade internacional são considerados assunto chato, bom apenas para intelectuais e políticos.

O país tinha no momento a sua atenção concentrada na fuga rocambolesca de Simpson, um jogador de futebol americano, ídolo nacional, que assassinara a mulher e o amante desta. O fascínio que a estória despertou foi tamanho que as grandes cadeias de televisão interrompiam os programas para dar informações sobre a perseguição policial ao fugitivo.

### Squaters na rua

O número de *homeless* (gente sem casa) aumentou. Em Julho, o calor do Verão permitia que milhares dormissem ao relento, em pleno centro. Mas os *homeless* foram esquecidos pelos *media*. As autoridades olham-nos com displicência, como se fossem simples incidente integrado na paisagem urbana («Não têm casa porque não querem!», repetia Bush com desdém).

Mais complexo é o problema dos *squaters*. A palavra designa, impropriamente, nos EUA, famílias que vivem em casas ocupadas ou, pelo menos, em situação irregular perante a lei do inquilinato.

Quando passei por Nova Iorque, o assunto estava na ordem do dia, porque o *mayor* (presidente da Câmara), Rudolph Giuliani, decidira ordenar o despejo de 250 *squaters* instalados em edifícios camarários do East Village sujeitos a demolição. Iam ser postos na rua sumariamente. A municipalidade, que tomara a iniciativa do mandado de despejo, lavava as mãos quanto às consequências sociais do mesmo.

Os referidos *squaters* não são marginais. Algumas famílias haviam ocupado as casas, então abandonadas, há dez e quinze anos. Introduziram melhorias nos edifícios.

A imprensa deu ao episódio um tratamento covarde. Não o ignorou, mas os aspectos humanos e sociais foram subalternizados. A atenção incidiu sobre as facetas sensacionalistas do caso.

Porquê?

Por um lado, a qualidade e o senso de responsabilidade dos grandes jornais baixaram acentuadamente nos últimos anos. Todos perderam seriedade e cultivam cada vez mais o sensacionalismo, na temática e no estilo. Algumas reportagens do *Washington Post* e do *US Today* fizeram-me recordar a nossa degradada imprensa. A concorrência com a Televisão pesa nessa mudança para pior. Nem o *New York Times* escapa...

Simultaneamente, os *media* querem evitar atritos com o poderoso *mayor* de Nova Iorque. Giuliani é um autarca populista. Recorre a métodos brutais e de legalidade mais do que duvidosa para atingir os seus objectivos. Deu muita força à Polícia (que identifica nele um grande homem) e conseguiu que a violência na cidade diminuísse levemente. Faz coisas, mas fala e comporta-se como um político de extrema-direita. Clinton temo-o. É sintomático que o despejo da primeira leva de *squaters* não tenha motivado qualquer reacção das autoridades federais.

Aos primeiros 250 vão seguir-se mais 2000. Disseram-me, aliás, que, completada a *limpeza* no East Village, Giuliani tem um plano para expulsar de suas casas uns 40 000 cidadãos que nelas residem há anos em condições irregulares perante a lei. São os chamados *squaters* atípicos...

### Clinton, o escorregadio...

A cada nova eleição, os EUA esperam por um Presidente que traga de volta a América mítica. Bill Clinton irrompeu como um Kennedy ressuscitado. Prometeu a «Nova Era», jurou que iria virar o país do avesso.

Os *managers* que lhe forjaram uma imagem falsa, adequada aos objectivos eleitorais, garantiram que ele seria o Salvador, o Presidente de novo tipo que — como escreveu Carl Bernstein, o cronista de Watergate — se propunha «estabelecer um modelo de sinceridade na Casa Branca, após as mentiras e os escândalos políticos de Johnson, de Nixon, de Reagan e Bush».

E Clinton foi uma decepção. Mentiu como os outros. Sobre tudo a respeito de pequenas fraquezas do seu passado no Arkansas. A mulher, Hillary, ajudou-o e inspirou-o no encobrimento dos factos.

Clinton é muito menos inteligente do que os seus predecessores. Os intelectuais identificam nele um dos piores presidentes dos EUA neste século. O Presidente não se esforça sequer por explicar os motivos que o impedem de cumprir compromissos assumidos durante a campanha. Não mentiu apenas sobre a sua vida privada. Mentiu sobre a Somália e sobre a Bósnia, está a mentir agora sobre o projecto de intervenção no Haiti.

«É um homem estranho, difícil de avaliar» — ouvi de um professor da Universidade californiana de Stanford. «Assimila com

facilidade o conteúdo de qualquer *dossier*, mas depois não é capaz de tirar as ilações implícitas nos factos. Algumas das suas análises lembram as de um adolescente. Sempre muito à vontade na televisão, e por vezes brilhante, não consegue esconder a sua incapacidade de entender a História. Longe do pequeno ecrã, é decepcionante. Na Casa Branca, o seu verniz cultural estalou e hoje perguntamo-nos o que aprendeu na sua passagem por Oxford depois de obter aqui um diploma de estudante cábula.»

Cito a opinião porque expressa bem a frustração de milhões de cidadãos que contribuíram para colocar William Clinton na Casa Branca e estão arrependidos.

O profeta da «Nova Era» é hoje conhecido pela alcunha de Slick Willie (Clinton, o escorregadio).

### A decadência

Na véspera do regresso a Lisboa, caminhei durante horas pelo centro de Nova Iorque. Dei incontáveis voltas à Time Square, fiz o vaivém da Broadway e ruas vizinhas. Aparentemente nada mudou e o espectáculo da multidão, sempre apressada, é o de sempre. Entro nas mesmas lojas de artigos electrónicos, todas parecidas, com a sua fauna humana de vendedores loquazes que pedem pelo mesmo artigo preços diferentíssimos.

É a concorrência! Falo com alguns; lembram personagens dos livros de Chandler e Hammet. A Rua 42 parece ainda mais imunda e degradada com os seus drogados, a sua cadeia de cinema pornográfico, sex-shops e bares-prostíbulo. Na Rua 43, o velho relógio do *New York Times* e o próprio edifício do grande jornal estão deslocados. Emergem como peças de museu, a recordar outras épocas.

Em tais lugares, meto, por hábito, conversa com desconhecidos. Aprendo sempre alguma coisa. Comprovei que a maioria dos vendedores são estrangeiros ou filhos de emigrantes. Falei com árabes, paquistaneses, colombianos, ucranianos, croatas, nicaraguenses, salvadorenos. Por aí fora. Estavam ali representados toda a América Central, todo o Médio Oriente. No meu hotel, as empregadas eram romenas e afro-americanas das Caraíbas.

Há dois séculos que isso ocorre nos EUA. É uma evidência. Mas algo mudou ultimamente: a atitude. A parcela que se sente socialmente marginalizada tem hoje um olhar diferente sobre o antigo país das maravilhas...

Um funcionário do restaurante do Metropolitan Museum of Art desabafou comigo: «Nasci em Nova Iorque, mas sinto-me guatemalteco. Nada me liga efectivamente a esta cidade, a este país.»

Há duas décadas a reacção era outra. O emigrante logo ao chegar sonhava com a nacionalidade americana. Identificava nos EUA uma aproximação à terra prometida, via na grande República a pátria dos filhos que iriam nascer ali.

Esse tipo de atitude é agora muito raro. O sortilégio antigo rompeu-se por muitos e contraditórios factores.

Na Broadway, encostado à parede do Posto de Recrutamento da US Army, olhando a gente que passava, oriunda dos quatro cantos do mundo, recordei um artigo de Norman Mailer, lido há dois anos em Nova Iorque. Não o esqueci. Era um texto negro. O talentoso novelista da geração de 60, definindo-se como revolucionário-conservador, transmitia uma visão sombria do futuro próximo. Advertia o seu povo de que o presente está a desmentir o sonho da nação predestinada e purificada, filha do *melting mot*, uma nação-promessa nascida de fusões culturais tidas por impossíveis.

Mailer estava alarmado por identificar sob as aparências da fusão imperfeita e inacabada o assumir de culturas apenas adormecidas, a emergência de mundividências conflitantes. Dizia temer choques de enormes proporções num corpo social no qual a consciência nacional, débil, apresenta as marcas do artificial por ser na prática quase uma criação das elites tradicionais. E o escritor perguntava, não sem algum alarme, se os EUA não estariam a avançar lentamente, sob a pressão de poderosas forças centrífugas, para uma fase de desagregação, de rupturas devastadoras.

Nova Iorque é apenas uma pequena e atípica parcela dos EUA, embora nela pulse o coração do país. Não me sinto em condições de formar opinião sobre o significado profundo do texto de Norman Mailer. Mas ele veio-me com frequência à memória nesta fugaz visita a Manhattan.

No aeroporto John Kennedy, ao despedir-me de um amigo — americano, funcionário das Nações Unidas — fiz-lhe uma pergunta, banal e difícil, que carregava muitas das minhas apreensões: «Para onde vão os Estados Unidos?»

Foi breve:

«Qualquer opinião seria gratuita. O resultado social dos choques do presente e de mudanças em curso é imprevisível. Mas esta nação mal sedimentada anuncia uma sociedade incompatível com aspirações antigas da humanidade civilizada.»

**A**s águas do futebol português andam agitadas e, tudo indica, demasiado turvas. O dinheiro gira mais do que o esférico, os grandes jogos travam-se nos bastidores e são antes do mais jogos de interesse e de poder. Fala-se de corrupção à boca cheia e apontam-se dedos acusadores. Os árbitros estão na berlinda.

Há quem se cale. E há quem não tenha papas na língua. É o caso de Veiga Trigo, figura sobejamente conhecida no panorama desportivo.

Fomos encontrá-lo em Beja, num fim de tarde escaldante, a libertar energia por todos os poros, apesar do desencanto que confessa sentir face à situação que se vive no chamado 'desporto rei', em que cada vez descortina menos desporto e mais negócio. Homem de convicções, Veiga Trigo é uma dessas pessoas que ainda corre por gosto. É gratificante ouvi-lo dizer, com a mesma naturalidade com que critica a Federação de Futebol ou o Governo laranja, que está na arbitragem porque gosta e não receia quem o ataca por ser da CDU.

Dizer mal dos árbitros é quase um desporto nacional; os árbitros são criticados, contestados, chegam mesmo a ser agredidos, a necessitar de escolta policial... O que há então de interessante numa profissão destas?

Os árbitros devem ser as pessoas neste país que mais gostam de futebol. Arriscam a pele, por vezes põem em risco a integridade física da sua própria família... Quando qualquer coisa corre mal num encontro, é muito mais fácil criticar o árbitro do que o treinador de uma equipa ou os seus dirigentes. Os árbitros são sempre os bodes expiatórios... Mas porquê?

Por má formação dos dirigentes dos clubes e sobretudo porque hoje em dia as pessoas querem ganhar os jogos de qualquer maneira e a qualquer preço. Por isso se fala de corrupção na arbitragem, se diz que há jogos comprados e jogos vendidos... Muitas das vezes os árbitros estão a ser marionetas nas mãos de certas pessoas sem o saberem. Diz-se que há intermediários de árbitros, quando estes não têm nada a ver com isso, nem sequer sabem o que se passa. Até há dirigentes de clubes que afirmam ter os árbitros controlados...

Já lá vamos a essa questão, mas responda-me primeiro à pergunta inicial. O que é que leva à escolha da arbitragem? Os árbitros são jogadores falhados?

No meu caso, que comecei na arbitragem aos 17 anos, foi de facto porque verifiquei que não tinha condições para ser um grande futebolista. Joguei dois anos no clube aqui da minha terra e percebi que não tinha futuro como jogador, mas como gostava de futebol, arranjei uma actividade que me permitia estar em contacto permanente com este desporto. Penso que esta actividade se pratica por gosto; se calhar, sessenta por cento dos árbitros nunca praticou sequer futebol... Como para muitas outras coisas, é preciso ter 'queda' para a arbitragem, ter um grande auto-domínio, ser-se capaz de ouvir coisas de que se não gosta e ter coragem suficiente para, no momento exacto, dizer que as regras não são para interpretar ao gosto de cada um.

Durante o tempo do jogo, o árbitro é soberano. A escolha da profissão não tem nada a ver com isso?

Não se esqueça que o árbitro é um juiz, mas é um juiz que tem de decidir na hora, em fracções de segundos. Para o fazer, conta com as 17 leis de jogo, que tem de interpretar da melhor maneira para não prejudicar uma equipa em favor da outra...

Mas por vezes isso acontece...

Acontece, mas são erros involuntários. É muito difícil ser árbitro em Portugal. As pessoas não estão mentalizadas sobre qual é de facto o papel do

árbitro num jogo. Há quem vá ao domingo ao futebol mais para se libertar dos nervos que acumulou durante a semana do que para apreciar o jogo. Uma das formas de descompressão é chamar nomes ao árbitro.

Toda a gente tem, aparentemente, opiniões sobre como arbitrar um jogo. Em que medida são os árbitros influenciados por essas opiniões?

Eu penso que os árbitros devem estar preparados para tudo. No caso dos mais velhos, como eu, as críticas já não nos atingem, estamos vacinados! O problema coloca-se aos mais novos, alguns até com muito mérito, que podem ser levados a desistir se tiverem críticas muito negativas nas suas primeiras actuações em jogos importantes.

A minha pergunta tinha mais a ver com as pressões que se exercem sobre os árbitros, sejam elas de clubes ou não. No fundo, trata-se de saber isto: quem manda nos árbitros?

O grande problema que se põe neste momento é que quem manda nos árbitros é um organismo chamado Conselho Nacional de Arbitragem, formado por dirigentes de Associações, que são quase todos antigos dirigentes de clubes. Esses dirigentes, quando chegam ao Conselho de Arbitragem, levam já 'panelinhas' feitas e escolhem os árbitros que querem para as suas equipas, como ficou provado este ano. Por isso defendo que estes dirigentes não prestam.

É neste contexto que digo que muitas vezes os árbitros são mandaretes nas mãos dos dirigentes sem o saberem.

Sempre que há alterações nos órgãos que dirigem a arbitragem do futebol - e ultimamente têm sido constantes e polémicas - fala-se abertamente de "conquistas de poder" ou "reforço de posições". Por exemplo, diz-se que o Norte (o F.C. do Porto) dirige a arbitragem e o Sul (o Benfica) a Federação. O que é que isto significa?

Em relação a nós, árbitros, o que posso dizer é que não mandamos nada. Somos uma classe que nem pode eleger os seus dirigentes, porque os estatutos da Federação Portuguesa de Futebol não o permitem. Os dirigentes são impostos e nós temos de aceitá-los, não podemos dizer que não. Agora se são impostos pelo Sporting, pelo Porto, pelo Benfica, pelo Braga ou pelo Boavista, nós não temos nada a ver com isso. Os dirigentes que vão para o Conselho de Arbitragem, desde a saída do sr. José António Pinto Sousa, não estão lá para defender a arbitragem mas sim para defender os interesses

# O TRIGO

Na minha opinião, é preciso mudar, e esta era a altura ideal para o fazer. Uma forma de moralizar o futebol português era justamente entregando a organização dos campeonatos da primeira divisão e da divisão de honra à Liga, a ver se o futebol sai deste marasmo em que se encontra.

À luz da situação que está a descrever, o futebol, em particular o de alta competição, ainda pode ser considerado um desporto ou não passa de um negócio?

Neste momento é um negócio. Quantos empresários vivem à conta do futebol? Os próprios futebolistas profissionais, o que são? Desportistas? Eu considero o futebol um desporto quando praticado por amadores, por pessoas que gostem de futebol que envergarem a camisola de uma equipa, tenham o seu emprego, e não quem ao fim do mês receba quantias exorbitantes como é o caso dos profissionais.

Hoje o futebol é um veículo da publicidade na televisão, é uma grande máquina de negócios que se esconde atrás da prática desportiva mas onde a palavra desporto está a mais.

E a arbitragem? Quanto ganha um árbitro?

Um árbitro da primeira categoria nacional ganha 30.000\$00 de arbitrar um jogo, 20.000\$00 se for da divisão de honra. Poderá ainda ganhar mais alguma coisa nas deslocações e nas diárias.

É verdade que os clubes costumam dar "lembranças" aos árbitros?

Os presentes que os clubes costumam dar aos árbitros são simbólicos. Pode ser um relógio de um conto e quinhentos ou dois contos com o símbolo do clube, um galhardete, um porta-chaves... Se há prendas mais avultadas cabe aos árbitros desconfiar, recusar e comunicar o caso ao Conselho de Arbitragem.

O que pensa das recentes denúncias de corrupção na arbitragem?

Eu fui uma das pessoas visadas nessa célebre 'operação mãos limpas' anunciada para a arbitragem. Os agentes da Judiciária foram à minha casa com um mandato de busca passado para uma residência que nem sequer era a minha; como tenho a consciência tranquila e nada a esconder, não levei em conta esse 'pormenor' e abri-lhes as portas para que vissem o que quisessem. Apercebi-me que traziam a opinião, por denúncia de alguém, de que eu era um homem muito rico, de que apresentava 'sinais exteriores de riqueza', concretamente com uma vivenda no Algarve!

Como disse ao inspector, não possuo nenhuma vivenda no Algarve - e pena é porque trabalho todos os dias mas ainda não consegui arranjar dinheiro para isso - e os 'sinais exteriores de riqueza' são os que estão à vista na minha casa e para toda a gente que me conhece. O inspector viu, assinei o documento em como a busca tinha sido feita e pronto. Há um mês e tal que espero novas notícias, pois estou interessado em que tudo se esclareça e também quero saber quem foi que me denunciou para que possa tomar as minhas medidas.

Por que pensa que foi acusado?

Acho que a acusação ao cidadão José Alberto Veiga Trigo é uma acusação política, sem fundamento algum. É que eu defendo um projecto político, o projecto da CDU, que considero ser o que mais convém aos portugueses, o que desagrada a muita gente. Há quem não goste de ver alguém que está na 'alta roda' da arbitragem portuguesa pertencer a um partido político que combate o governo laranja... Esse alguém, para se aguentar, tem de ter coragem e lutar contra muita coisa. É o que faz o cidadão Veiga Trigo e não tem medo nenhum de o fazer.

Este processo ainda não terminou. Espero que o senhor doutor juiz do DIAP (Departamento de Investigação e Acção Penal) esclareça quem foi o informador que me denunciou para que possa, com o meu advogado, tomar as medidas contra a difamação de que fui alvo.

E quanto aos casos de corrupção efectiva?

Para haver corruptos, tem de haver corruptores. Para mim, o crime do corruptor é muito mais grave do que o daquele que se deixa corromper. Até agora ainda não se ouviu falar nos corruptores. Quem são eles? Esses é que deviam ser os primeiros a ser alvo da Polícia Judiciária, do Procurador Geral da República, para a partir deles se saber

**Uma forma de moralizar o futebol português era justamente entregando a organização dos campeonatos da primeira divisão e da divisão de honra à Liga, a ver se o futebol sai deste marasmo em que se encontra.**



**Para haver corruptos, tem de haver corruptores. Para mim, o crime do corruptor é muito mais grave do que o daquele que se deixa corromper. Até agora ainda não se ouviu falar nos corruptores. Quem são eles?**

dos clubes e das suas Associações, o que é uma das muitas coisas erradas no futebol português.

Como é que se pode alterar essa situação?

O secretário de Estado dos Desportos tem uma palavra a dizer sobre esta situação. Tem de tomar conta da bagunça existente neste momento no futebol português, em particular depois da última assembleia da Federação Portuguesa de Futebol. Nessa assembleia estava previsto passar para a Liga de Futebol Profissional a organização dos próximos campeonatos da divisão de honra; depois de tudo combinado, as Associações viraram o bico ao prego e deram o dito por não dito.

Os responsáveis das Associações querem continuar com a bagunça, não querem a mudança, o que é mau para o futebol português.

# da festa! /

**Avante!**

**Director**  
Carlos Brito  
**SUPLEMENTO Nº 3**  
11 de Agosto de 1994  
Não pode ser vendido  
separadamente

**AMORA-SEIXAL**  
2, 3 e 4 SÉTEMBRO

Os  
artistas  
da  
Festa

# Como ir à Atalaia

# EXPO

**Que  
Viva  
Abril!**

# INTERNACIONAL, DE ARTES PLÁSTICAS

Ala dos Namorados  
Band of Hope  
(Grã-Bretanha)  
Carlos do Carmo  
Carlos Martins Sexteto  
Dany Silva  
(Cabo Verde)  
Geová Nascimento  
(Brasil)  
Grupo Gaiteros de Lisboa  
Guajira Habanera  
(Cuba)  
Holmes Brothers  
(EUA)  
João C. Bom  
Joel Xavier  
Johnny Clegg & Savuka  
(África do Sul)  
Jorge Palma e Flak  
Lugar da Desordem  
Luísa Basto  
Maria Alice  
(Cabo Verde)  
Meninos d'Avó  
Mísia  
Nuno Gomes dos Santos  
Peste & Sida  
Ritual Tejo  
Samuel  
Sétima Legião  
Sitiados  
Telectu  
Tito Paris  
Tomás Pimental Septeto  
UHF

... e muitos mais!



# A Corrida da Festa



# Como ir à Festa

## DE BARCO ATÉ AO SEIXAL

Carreiras especiais da Transtejo vão funcionar durante os dias da Festa entre o Terreiro do Paço e o Seixal. Um belo passeio de barco pelo Tejo, sem engarrafamentos nem preocupações de estacionamento, pela módica quantia de 190\$00 por bilhete. Os horários são os que se seguem, com a garantia de que conjugados com eles funcionará um 'vai-vem' da RN (Seixal-Medideira / bilhete a bordo).

### Carreira Especial da Transtejo Terreiro do Paço - Seixal (Preço do bilhete: 190\$00)

6.ª Feira		Partidas do Terreiro do Paço		Regresso do Seixal	
20.10	23.05			20.10	23.05
20.45	23.40			20.45	23.40
21.20	00.15			21.30	00.15
21.55	00.50			21.55	00.50
22.30				22.30	01.30

Sábado		Partidas do Terreiro do Paço		Regresso do Seixal	
08.50	16.25			09.25	17.00
10.00	17.35			10.00	18.10
10.35	18.45			10.35	19.20
11.10	19.55			11.10	20.30
11.45	21.05			11.45	21.40
12.20	22.15			12.20	22.15
12.55	22.50			12.55	22.50
13.30	23.25			13.30	23.25
14.05	24.00			14.05	24.00
14.40	00.40			14.40	00.40
15.15	01.20			15.15	02.00
15.50	02.00			16.25	

Domingo		Partidas do Terreiro do Paço		Regresso do Seixal	
08.50	16.25			09.25	17.00
10.00	17.35			10.00	18.10
10.35	18.45			10.35	19.20
11.10	19.55			11.10	19.55
11.45	20.30			11.45	20.30
12.20	21.05			12.20	21.05
12.55	21.40			12.55	21.40
13.30	22.15			13.30	22.15
14.05	22.50			14.05	22.50
14.40	23.25			14.40	23.25
15.15	24.00			15.15	24.00
15.50	00.35			16.25	00.35

Conjugado c/estes horários funcionará um vai-vem da RN: Seixal - Medideira (bilhete a bordo)

## DE AUTOMÓVEL PARA A FESTA

### 1. De Lisboa

Atravessa a Ponte 25 de Abril, segue pela auto-estrada do Sul, desvia no nó do Fogueteiro.

Ou então, segue por Almada EN 10 pelo Laranjeiro, Corroios, Cruz de Pau rumo aos Parques de Estacionamento.

Ou então após a rotunda de Almada em frente ao Pão de Açúcar toma a variante à EN 10 até Corroios, retomando a EN 10 até à Cruz de Pau.

### 2. Do Norte do País

Se vier por Lisboa, siga as indicações anteriores. No entanto, aconselhamos a não vir por Lisboa e, nesse caso, será melhor ir a Vila Franca de Xira e depois seguir por Porto Alto, Infantado, Alcolchete, Montijo, Coïna, Paio Pires e Torre da Marinha ou nó do Fogueteiro.

### 3. Mas se vem do Sul

Recomendamos a auto-estrada do Sul até ao nó do Fogueteiro e depois siga a sinalização pela Cruz de Pau e Amora.

Ou então, vindo também pela AE do Sul, saia via Barreiro e, depois de Coïna, siga por Paio Pires e Amora ou pelo Casal do Marco, Torre da Marinha, seguindo as indicações locais.

## TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

\* Pode usar-se passe social

### Cacilhas-Quinta da Princesa (Via Talaminho)

- Sexta-feira e sábado até às 02.00h
- Domingo até às 00.30h

Com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aproximadamente de 15 em 15 minutos).

### Cacilhas-Quinta da Medideira (Junto ao Campo do Amora)

- Carreira 113 - Cacilhas-Paio Pires
- Carreira 112 e 114 - Cacilhas-Seixal

Bilhete de bordo: 250\$00  
Pré-comprado inteiro/M4: 148\$00

### Amadora-Atalaia (Quinta da Princesa)

Vai-vem Amadora/Atalaia - com partidas do Parque Central da Amadora

### Horários:

- Dia 2 - Sexta-feira - Amadora das 17.00h às 22.00h
- Atalaia das 18.00h à 01.00h

### Dias 3 e 4 - Sábado e Domingo

- Amadora das 08.00h às 22.00h
- Atalaia das 09.00h à 01.00h

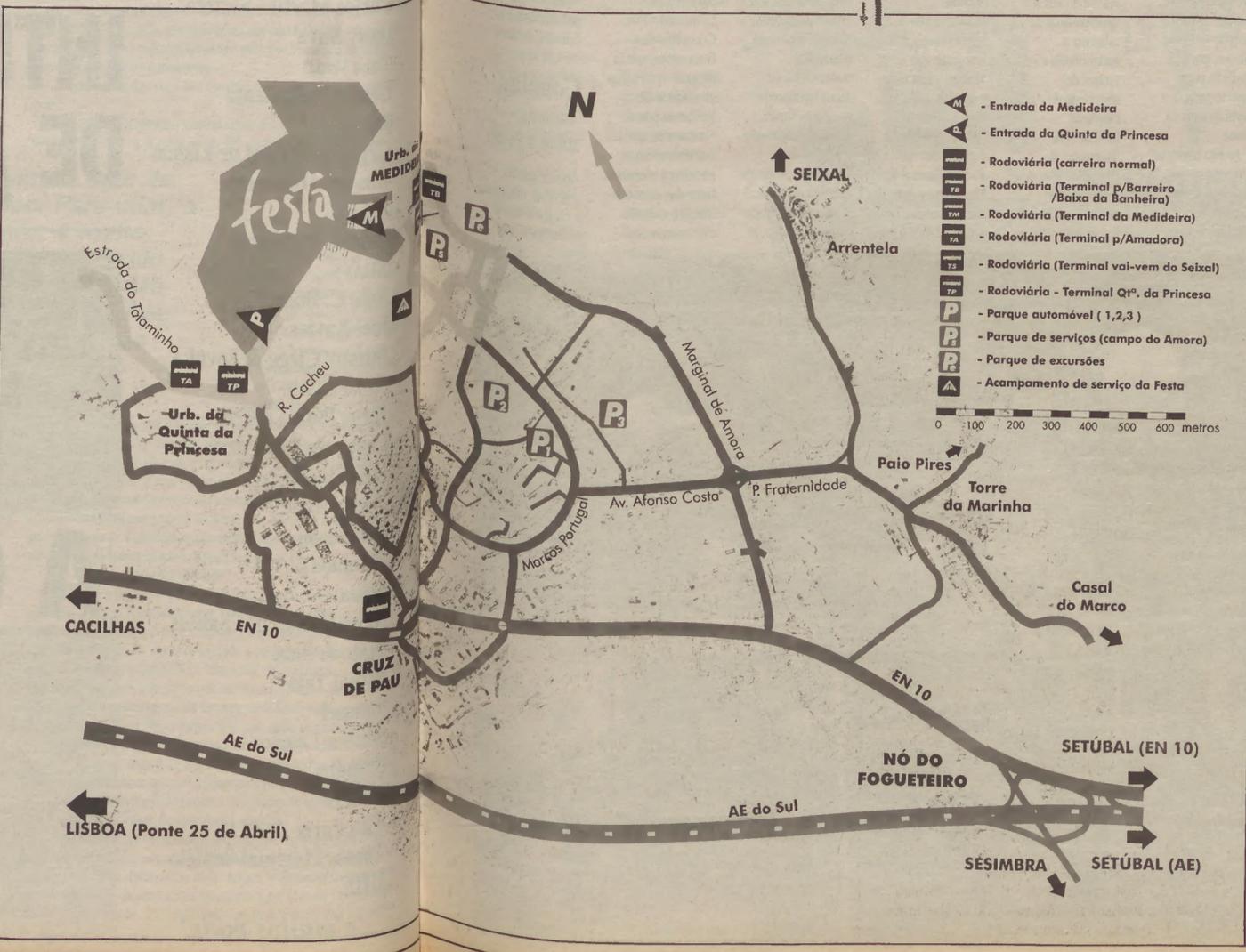
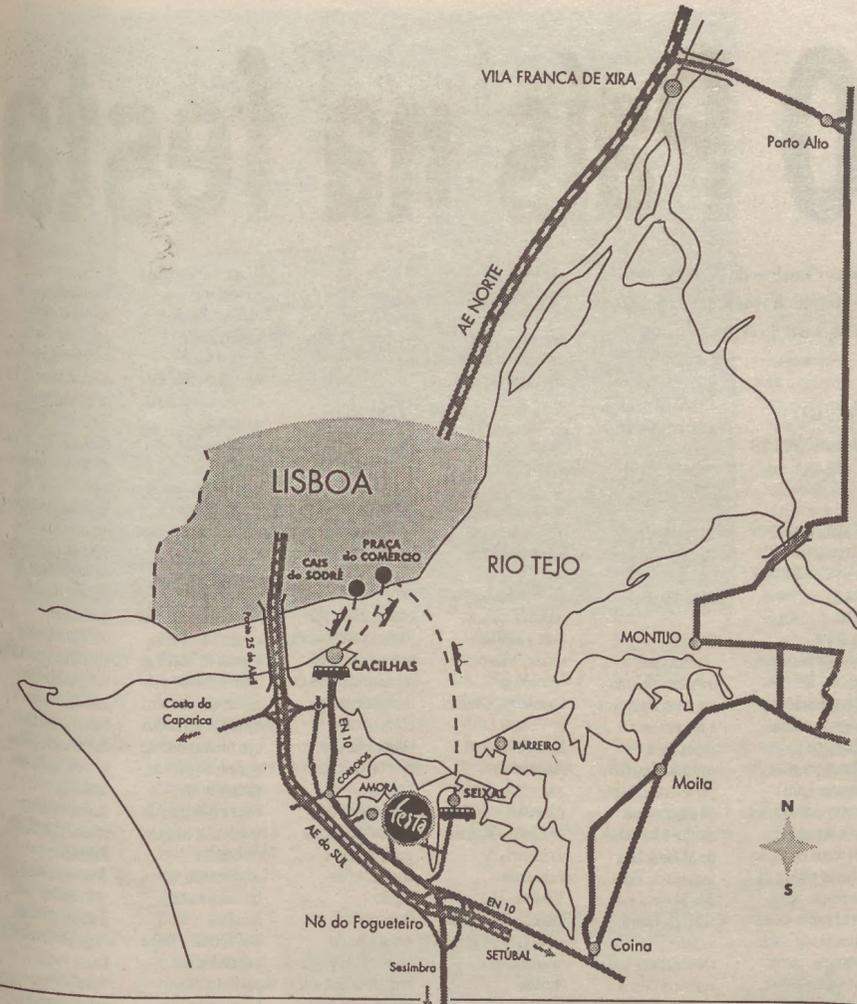
### Preços

- Bilhete de Ida - 500\$00
- Ida e volta - 700\$00

Nota - As crianças até aos 12 anos não pagam.

### Excursão Cascais-Atalaia

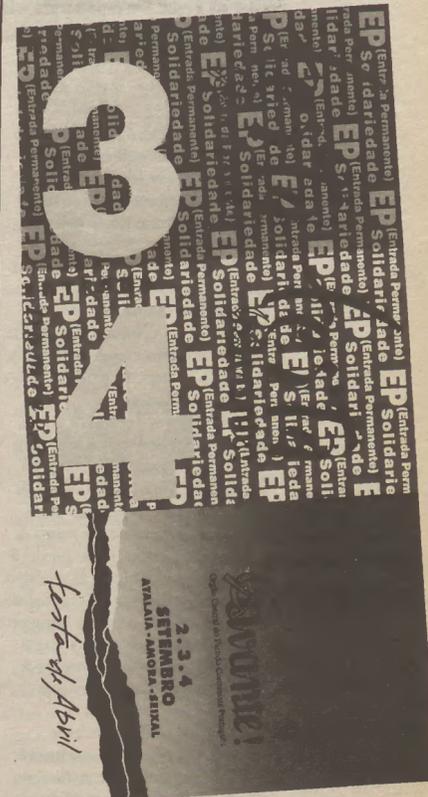
Dias 3 e 4 de Setembro com partida às 08.30h e regresso às 00.30h e 01.00h  
Inscrições no CT do PCP



# A Medalha da Festa

A assinalar a XVIII Festa do Avante será editada uma medalha, em bronze pintado, da autoria do escultor José Aurélio, que ofereceu o respectivo projecto. A medalha, realizada a convite da Direcção da Festa do Avante, tem uma edição limitada de 500 exemplares numerados e assinados pelo autor, e pode ser adquirida na Festa pelo preço de 2.500\$00. Estará à venda, durante a Festa, nas bancas do Espaço Central e do Espaço dedicado à Organização e Imprensa do Partido, entre outras.

Quem preferir, pode, no entanto, adquirir desde já a Medalha da Festa do Avante/94, por 2.250\$00, no CT da Socio Pereira Gomes, no CT da António Serpa e mesmo na Atalaia. Os pedidos de reserva podem ser feitos para o Gabinete da Festa do Avante, no CT da António Serpa.



# A EP

(entrada permanente) para os três dias da Festa custa apenas 1600\$00 e pode ser adquirida desde já em todas as sedes do PCP e da JCP

# O País na festa

**T**odas as Organizações e Sectores do PCP, do Continente, das Regiões

Autónomas, da emigração, das mulheres comunistas, dos reformados e deficientes, a JCP e também os Pioneiros de Portugal vão estar na Festa. Em espaços próprios onde recriam traços arquitectónicos, culturais e paisagísticos mais característicos, a par do artesanato e da gastronomia.

São estes espaços que animam e caracterizam a Festa e a fazem diferente. Aqui, entre o reencontro de amigos e camaradas, há convívio e debate.

Os problemas económicos e sociais das regiões e sectores, as lutas populares, as posições e a actividade das estruturas partidárias são mostradas em exposições das Organizações (Açores, Algarve, Aveiro, Coimbra, Porto, Santarém, Juventude, Reformados, etc.). Noutras, valorizam-se aspectos do património cultural, como, por exemplo, «Alentejo, tesouro escondido» e «Turismo nos Açores».

Painéis alusivos às 7 colinas de Lisboa, aspectos da Ria de Aveiro, o largo duma vila alentejana, aspectos da fachada do palácio dos Távoras (em Mirandela), da Praça Rodrigues Lobo (em Leiria), da fachada da Universidade e de murais de repúblicas de Coimbra, ou das paredes de Setúbal, nos primeiros anos da revolução, a Fonte das Fontainhas em noite de S. João, o fontanário de Viseu, a torre de Menagem de Braga e os arcos tradicionais do arraial minhoto são motivos de decoração dos Pavilhões e que indiciam a presença do País na Atalaia.

Os 20 anos de Abril também estão presentes, nas participações regionais e sectoriais, de variadas formas. No Porto através de um arco monumental concebido pelos artistas plásticos Manuel Dias e Lardosa e por uma exposição de cartazes. No Alentejo através de um monumento à resistência. Por Setúbal, Lisboa e Emigração, com exposições e painéis. No Espaço Juventude, no decorrer da Festa, alunos da ESBAL e outros artistas plásticos vão pintar 10 painéis sobre este tema que é comum ao concurso «Tomar a iniciativa» na modalidade de fotografia, este ano.

O artesanato e os artigos regionais estão presentes com qualidade e muita variedade e haverá artesãos de diferentes ramos a trabalhar ao vivo: cesteiros e ceramistas (Coimbra, Porto, Viseu), vidreiros (Leiria), rendas e bordados, madeira e couro (Porto) e ainda de diversas áreas nos espaços de Castelo Branco-Guarda, Lisboa e Juventude.

Os produtos regionais — os vinhos, os presuntos, os enchidos, os queijos, os doces, o mel — têm particular destaque nos pavilhões do Alentejo, Bragança, Vila Real, Açores, Madeira, Castelo Branco e Guarda, Porto, Santarém, Lisboa e Setúbal. Estes produtos e a cozinha regional de todo o país podem ainda ser apreciados nos grandes restaurantes: Porto, Lisboa, Setúbal, Aveiro, Coimbra, Alentejo ou nos bares espalhados por todo o recinto. Sublinhamos, pelo ineditismo, o «desmanche» do porco à moda das aldeias da Beira Alta (Viseu), e os petiscos e bebidas africanas no pavilhão das comunidades africanas (Lisboa).

Quermesses, tómbolas, divertimentos de feira, zonas comerciais (este ano com um pavilhão de exposições), estão mais uma vez presentes na Festa.

Aqui vão alguns exemplos, que entretanto nos vão chegando, do que as organizações regionais do Partido trazem à Festa. E para a semana há mais...

## Aveiro Um moliceiro no Tejo?

O moliceiro, a arte xávega, as salinas, o farol da Barra, a Ria... Estes são os motivos relacionados com o mar e a Ria que identificarão Aveiro na Festa deste ano.

Mas, para além do aspecto visual, Aveiro identifica-se pela obrigatória presença do leitão e pelos vinhos da Bairrada, pelos ovos moles e outra doçaria regional. Almoçar, jantar, merendar ou até mesmo tomar o pequeno-almoço em Aveiro, é já tradição para grande parte dos participantes na Festa.

E Aveiro continua no mesmo sítio: lá em cima junto à entrada da Medideira, com

vista para o palco principal e para as águas do Rio Tejo...

## Bragança O Nordeste saboroso

Dando continuidade ao trabalho iniciado em anos anteriores, e na perspectiva de melhorar a participação, farão parte da decoração do espaço dois motivos da Cidade de Mirandela: a fachada do Palácio dos Távoras e os arcos da Ponte Velha.

Os visitantes terão mais uma vez a oportunidade de saborear a gastronomia e os vinhos de qualidade do Nordeste. No Bar e na Tasquinha de Bragança, estarão presentes os habituais pratos das Feiras e Romarias:

a feijoada à transmontana, o rancho, as deliciosas alheiras de Mirandela, os chouriços da Terra Fria, os canelos ou pernis de porco fumados, o chispe e a orelheira, sempre acompanhados de azeitonas e do saboroso pão de centeio.

Tudo isto pode ser regado com um bom vinho da região: Vila Flor, Macedo de Cavaleiros, Sendim ou Romeu. No espaço reservado ao artesanato poderá encontrar a cestaria de Cidões-Vinhais, a cutelaria de Palaçoulo - Vimioso, as madeiras de Sendas - Bragança e as máscaras de Ousilão. Estarão à venda ainda produtos do Nordeste: os vinhos, bagaceiras e aperitivos de Vila Flor e Casal do Vale Pradinhos, o mel da área do Parque Natural de Montesinho e da Terra Quente e o azeite de Vila Flor.

A exposição político-cultural é um local de interesse a visitar.

## Braga O verde vinho

A presença da ORBraga do PCP na Festa é sempre uma excelente oportunidade para levar ao conhecimento de muitos portugueses que a visitam os principais traços da realidade social, económica e política do distrito e, sobretudo, para a divulgação e propagação dos vinhos verdes, da gastronomia e artesanato da região.

Para este ano, a decoração do espaço ORBraga, concebida por um artista plástico do distrito, assentará nos arcos tradicionais do arraial minhoto e nas cores fortes. Uma representação da Torre de Menagem de Braga identificará o local. A grande novidade da participação de

Braga na Festa 94 é o vinho verde à pressão. Fazendo a sua primeira apresentação, servido fresco, fará um grande sucesso na Atalaia.

A Adega Regional, de créditos firmados ao longo dos anos, não os vai deixar por mãos alheias: nela pontificarão os rojões, os salpicões, morcelas e outros enchidos, a posta de bacalhau frito, o caldo verde e o arroz malandro de feijão vermelho que fazem conduto apaladado para os vinhos verdes - o tinto e o branco de qualidade, seja ele do barril, engarrafado, do lavrador ou de marca.

Dos fornos a lenha instalados no pavilhão da Comissão Concelhia de Guimarães, sairão durante os três dias os assados de lombo de porco. Na doçaria, que fez nos dois últimos anos jus à merecida fama dos doces da Região, voltarão este ano a estar,

entre outras variedades, algumas das pérolas da arte doceira minhota - as clarinhas de Fão, os charutos do Bezerra (Famalicão), o pão-de-ló de Vizela, o toucinho do céu - iguarias que podem ser afagadas ou afogadas em goles de verde branco gelado, de alta qualidade. No pavilhão do artesanato poderão ser apreciados e adquiridos os barros criados e executados pelos nossos melhores artesãos, tradicionais e urbanos, Júlia Ramalho, Mistério, Ana e Rosalina Baraça, Arlindo Fagundes e outros, assim como trabalhos em verga, palha, madeira, linhos e mantas.

## Coimbra Varanda sobre a Festa

Aos visitantes podemos dizer que é fácil «irem» a Coimbra já que





está no mesmo local das anteriores realizações da Festa na Quinta da Atalaia. Uma das novidades de 94 é que o terreno sofreu melhorias e, assim, quem «está» em Coimbra é como se estivesse numa varanda sobre o Palco 25 de Abril e o Tejo. As novidades da Organização Regional de Coimbra na Festa de 94 são, também, algumas. A arquitectura, beneficiando das melhorias introduzidas no terreno, é mais harmoniosa, ressaltando como elemento de maior destaque a estilização da Torre da Universidade, e a decoração assenta em reprodução de aguarelas sobre alguns dos mais aprazíveis recantos de Coimbra e a recordação da Velha Alta, mandada destruir no tempo de Salazar para aí implantar incaracterísticos caixotes. O espaço da Organização Regional de Coimbra engloba um restaurante de cozinha regional, um bar, uma mostra de venda de artesanato, a exposição política e um recanto onde os coimbrinhas vão conviver e lembrar bons momentos, com a animação dos artistas. A exposição

política, que caracteriza a vida e a actividade do Partido no distrito, tem quatro linhas de força: A resistência e a luta no quotidiano; a CDU, na construção de uma vida melhor; Abril que permanece vivo; o PCP, partido que intervém e se reforça como condição essencial para uma alternativa necessária. Com o artesanato pretende-se mostrar duas das mais características actividades da região e como trabalham os artesãos do vime e da cerâmica, podendo os visitantes adquirir estes belos trabalhos que acabaram de ver fazer. A gastronomia tem dois espaços distintos. – O Bar, para uma refeição mais ligeira serve apetitosos petiscos – pratinhos de «chanfana», de «rancho» ou de «orelheira ensalsada», chouriços, queijinhos e broa da região acompanhados de bons vinhos ao copo, de Adega Cooperativa e, para os apreciadores, algumas das melhores reservas da Bairrada. Há também doçaria regional – espigas e pinhas doces, queijadas e pastéis de Tentúgal. – O Restaurante de

Coimbra proporciona agradáveis pratos regionais – Chanfana, como só nas romarias das aldeias serranas e na Festa do Avante se encontra (porque feitas pelas

mesmas cozinheiras), Rancho e Cozido à Portuguesa. Ah! É bom lembrar que, connosco e numa «cuba livre», poderá dar um «Viva Cuba Livre».

### Leiria O vidro e o pão

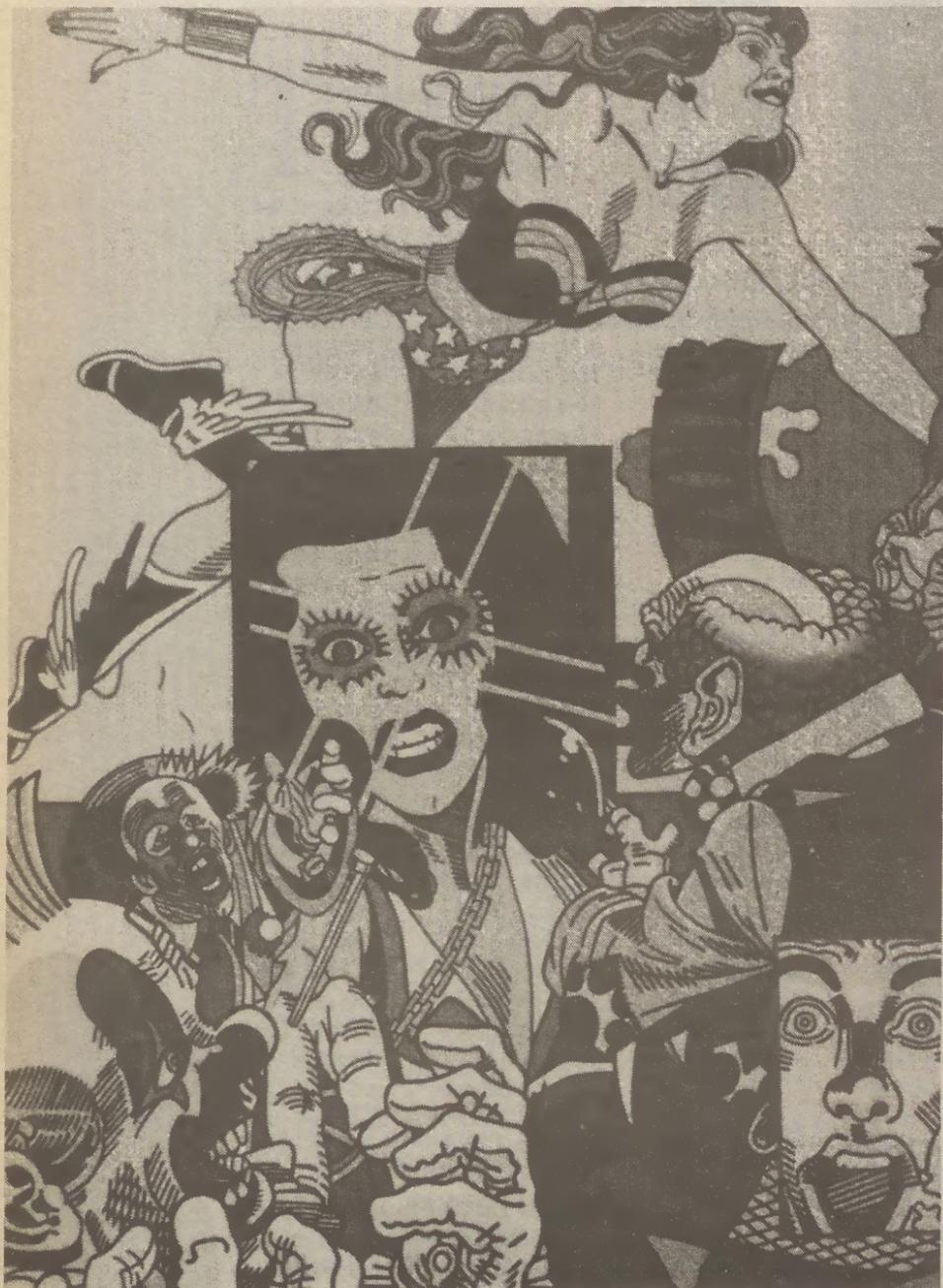
Uma réplica da Praça Rodrigues Lobo, com destaque para as arcadas e o Castelo

de Leiria em fundo caracterizam o projecto de implantação e decoração no espaço de Leiria. Será um belo e agradável espaço que agrega os habitantes da região e os visitantes da Festa à volta de um vasto leque de focos de interesse, onde se destacam: A participação cultural, que terá como principal atractivo um forno de vidro, onde um artista marinhense, de uma bola incandescente de fogo, fará nascer as mais diversas

formas. É o artesanato vidreiro, feito ali mesmo à vista de todos. Peças de vidro da Marinha Grande podem ainda ser adquiridas no Stand do Vidro. Também o artesanato das Caldas da Rainha, com destaque para a cerâmica, pode ser admirado nas barraquinhas tradicionais. Outra expressão de vida do povo do distrito é a feitura do pão no forno tradicional a lenha. O Forno de Pão de Leiria proporciona aos visitantes dois prazeres: o de assistir à feitura do pão e o de saborear o pão quente com chouriço. Há ainda uma quermesse de boa qualidade com mais cinco mil prémios. No campo da gastronomia, há diversidade, qualidade e rapidez de serviço. O snack-bar das Caldas da Rainha servirá sopas de legumes, pastéis de bacalhau, rissóis e outros salgados, sandes diversas, «pratinhos da crise» (sandes de

ovo e/ou cachorros) e pequenos-almoços. No snack-bar da Marinha Grande as especialidades são fritada de carne com arroz de feijão, bifanas e pipis, entre outras. No Kakus-Bar, uma equipa de 18 experimentados *barmen* confeccionam 18 *cocktails*, sendo novidades «Cuba sim!» e «Contra o bloqueio» em homenagem à Cuba heróica. É esta a presença de Leiria, sempre livre, sempre diferente e que pretende ser, mais uma vez um local de encontro das gentes da região e dos visitantes da Festa. Nesta altura já estão em organização excursões de vários pontos do distrito para a Atalaia. As inscrições são abertas a quem quiser aderir, pelo que os interessados se devem dirigir aos Centros de Trabalho do PCP. Aí também se encontra à venda a EP.



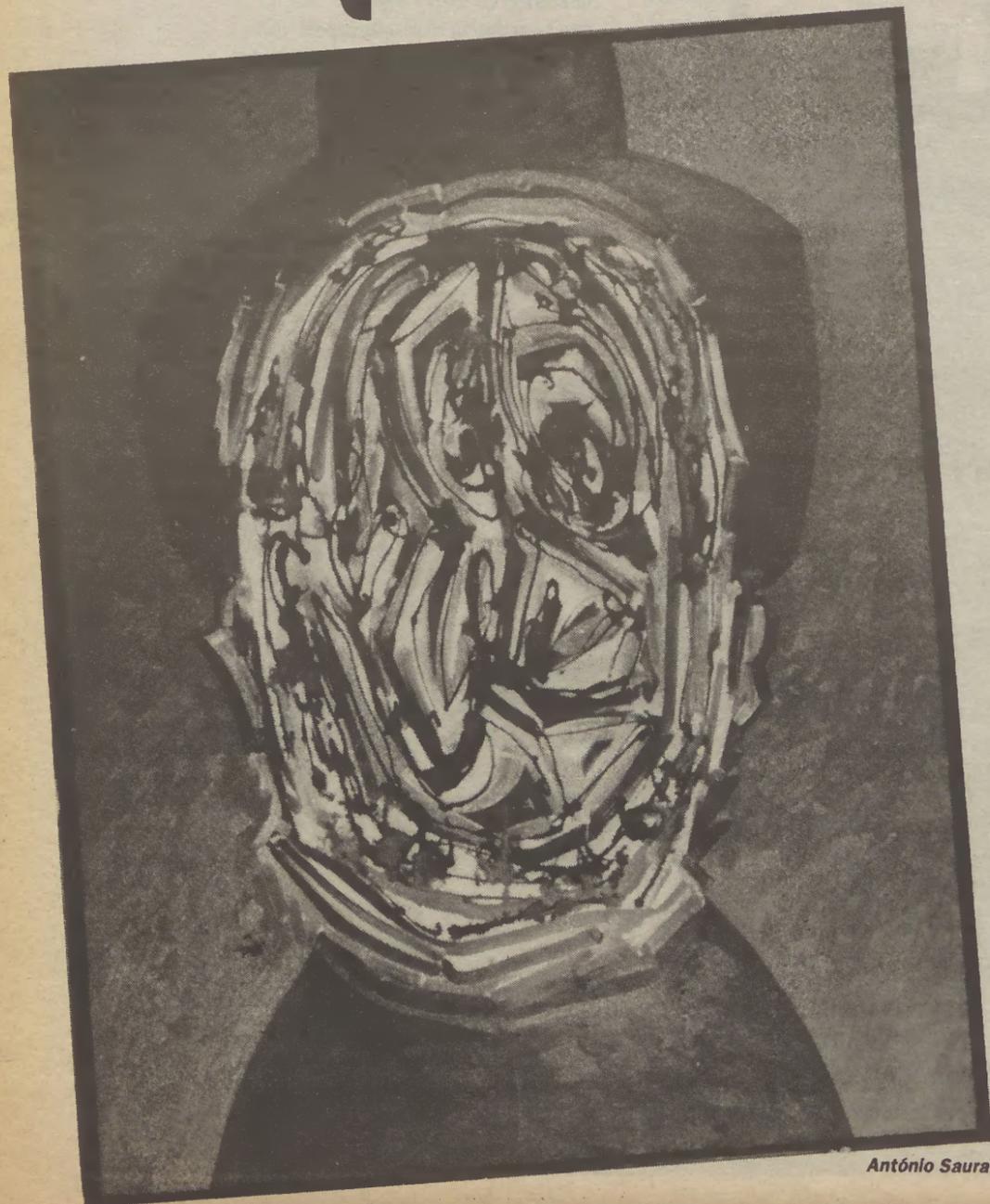


Erro



Melik Ouzani

# «Que Viva Abril» Grande exposição



António Saura

Quase meia centena de artistas, nacionais e estrangeiros, abrangendo grandes nomes da actualidade das artes plásticas, vão figurar na grande exposição da festa do «Avante!», denominada «Que viva Abril» e que assinala o 20º aniversário da Revolução portuguesa através de trabalhos plásticos de grande qualidade que abrangem múltiplas formas de expressão, que vão desde o desenho à colagem, passando pelo guache, gravura, pintura a óleo sobre tela, etc. Logo após a Festa do Avante!, os quadros seguem para França onde serão apresentados na Festa do «L'Humanité», que se realiza uma semana depois em Paris», afirmou, ao «Avante!», **Vitória Pinheiro**, membro da Comissão Executiva da Exposição de Artes Plásticas da Festa do «Avante!».

Na Atalaia, a Exposição será montada numa ampla área coberta de 350 metros quadrados, com piso em madeira, e integra-se na zona central da Festa ladeando com os espaços do Fórum, Café da Amizade e com a exposição documental «Sementes de Abril - Prelós da Liberdade». No largo interior formado por estas quatro estruturas, será colocado um monumento de ferro evocativo do 25 de Abril, da autoria de Luís Ralha.

Também em declarações ao nosso jornal, **Vitor Santos**, da Direcção da Festa e membro da Comissão Executiva da Exposição, adiantou «que estarão patentes obras de 20 artistas portugueses e de 25 estrangeiros, a quem foram pedidos trabalhos representativos dos últimos 20 anos. «Esta participação», salientou, «constitui uma homenagem inequívoca que os artistas fazem à Revolução de Abril».

Vitor Santos revelou ainda que «as obras expostas são de grande formato, havendo quadros de dois metros e vinte por metro e

meio, o que foi considerado no projecto da instalação, já que para observar um quadro com três metros são necessários dez de recuo». O evento é organizado pela Comissão de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» de que fazem parte, entre outros, **Virgílio Domingues**, **Costa Martins**, **Luís Ralha**, **Manso Pinheiro**, **Carolina Mega** e **Francisco Lebre**. Esta Comissão conta ainda com a colaboração, como consultores, de dois qualificados críticos de arte **Rui Mário Gonçalves** e **Raoul Jean Moulin**, secretário-geral honorário da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

Estes dois críticos são autores dos textos introdutórios do catálogo da exposição, que terá 70 páginas inteiramente a cores, com a reprodução da totalidade das obras expostas.

O texto de Raoul Jean Moulin, intitulado «Que Viva Abril ou o Triunfo dos Cravos» explica que «estes pintores, que por solidariedade vieram de todos os continentes juntar-se aos pintores de Portugal para em comum celebrar o vigésimo aniversário da Revolução de Abril, neste lugar simbólico da Festa do «Avante!», não se juntaram para ilustrar um acontecimento ou qualquer catequese.

«Da mesma forma que os seus mestres no passado – que interpretaram livremente ou evitavam os programas impostos, quando não trilhavam o caminho da linguagem oculta –, estes pintores de hoje não são os representantes de um pronto-a-vestir ideológico multimedia. Se a pintura desde sempre antecipa as revoluções vindouras, é só porque os pintores na sua prática e pensamento vivem uma revolução permanente na sua alma e nos seus processos de criação para conosco partilhar realidades desconhecidas. Qualquer que seja a



Valerio Adami



Vladimir Veelickovic

## Exposição internacional de artes plásticas

sua geração e cultura, técnica e expressão, é pelo seu trabalho de pintura e instrumentos mentais que eles se confrontam, se cruzam ou se misturam, compõem com os mitos e a história, com a cadeia e a trama que constituem o tecido diferenciado e unitário da humanidade».

A Exposição «Que Viva Abril» está a despertar grande interesse quer nos órgãos de comunicação social quer entre os críticos de arte, e será certamente um dos grandes pólos de atracção da Festa do «Avante!».

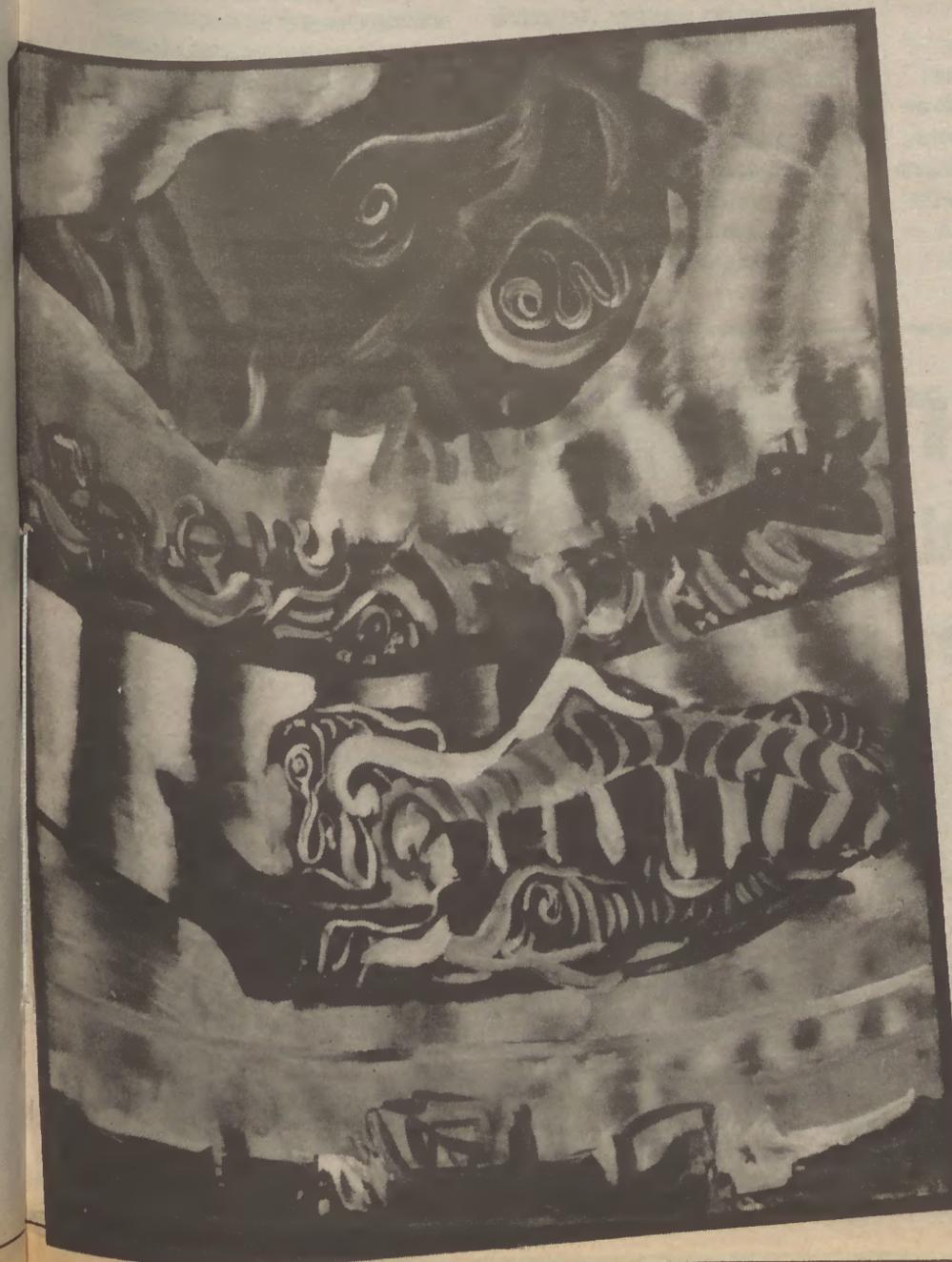
### Artistas portugueses

Álvaro Lapa,  
 Ângelo de Sousa,  
 António Costa Pinheiro,  
 António Quadros Ferreira,  
 Bartolomeu dos Santos,  
 Eduardo Nery,  
 Eurico Gonçalves,  
 Fernando Azevedo,  
 Ivo,  
 Júlio Pomar,  
 João Vieira,  
 Jorge Martins,  
 Jorge Pinheiro,  
 Manuel Batista,  
 Maria José Aguiar,  
 Pires Vieira,  
 René Bertholo,  
 Rogério Ribeiro,  
 Sá Nogueira  
 Sérgio Pombo.

Bata Mihriilovitch

### Estrangeiros

António Saura,  
 Antonio Segui,  
 Bata Mihriilovitch,  
 Bernard Rancillac,  
 Catherine Violet,  
 Claude Viallat,  
 Claude Viseux,  
 Cristian Jaccard,  
 Erro,  
 Genoveve Asse,  
 Jean Messagier,  
 Jesus Soto,  
 Jiri Kolar,  
 Jose Balmes,  
 Lavislas Kijno,  
 Melik Ouzani,  
 Nikos Kessanlis,  
 Oliver Debré,  
 Peter Stampeli,  
 Pierre Buragio,  
 Pierre Soulages,  
 Valerio Adami,  
 Villeglé,  
 Vladimir Veelickovic  
 Zao Wou-Ki.



# Espaço Internacional

## Ponto de encontro e solidariedade

Localizado entre o Espaço Central e o Espaço Juventude, o Espaço Internacional é o ponto de encontro entre realidades políticas, económicas e sociais muito distintas e de solidariedade com a luta dos povos, através das forças políticas aí representadas. Estão já confirmadas as presenças na Festa, com pavilhões próprios:

MPLA (Angola), P.C. Alemão e PDS da Alemanha, P.C. da Bolívia, P.T. do Brasil, PAICV (Cabo Verde), P.C. da China, P.C. de Cuba, P.C. Colombiano, FMLN (El Salvador), P.C. de Espanha e Partido dos Comunistas da Catalunha, P.C. Francês, P.C. da Grécia, P.C. da Índia (marxista), P. da Refundação Comunista (Itália), P.C. Libanês, P. FRELIMO (Moçambique), OLP (Palestina), P.C. Peruano, Frente Polisário (Sahara Ocidental), FRETILIN (Timor-Leste).

Nos Pavilhões do Espaço Internacional, para além da confraternização e da informação, é sempre possível adquirir lembranças e artesanato dos Países aí representados. Destaca-se a presença de dois artesãos chineses a trabalhar ao vivo na pintura à mão de T-shirts.

A cozinha tradicional de Cabo Verde, China e Cuba, poderá ser saboreada em pequenos restaurantes e nos bares do Brasil, Catalunha, França e Moçambique é possível apreciar bebidas e petiscos desses países.

Ainda no Espaço Internacional, de onde será dinamizada a Campanha de Solidariedade com Cuba, haverá debates e música no Palco da Solidariedade. Na animação deste espaço participação grupos de música cubana, brasileira, africana, timorense, francesa, celta e, claro, popular portuguesa.

## Contra o bloqueio a Cuba

A Campanha «Cuba sim. Bloqueio, NÃO!», a realizar na Festa do «Avante!», visa denunciar a dramática situação do povo cubano, a sua heróica resistência face ao bloqueio que há mais de 30 anos lhe é imposto pelos EUA e mobilizar o povo português para a crescente solidariedade com o povo cubano e a multiplicação dos protestos, exigindo o fim do bloqueio junto dos seus responsáveis.

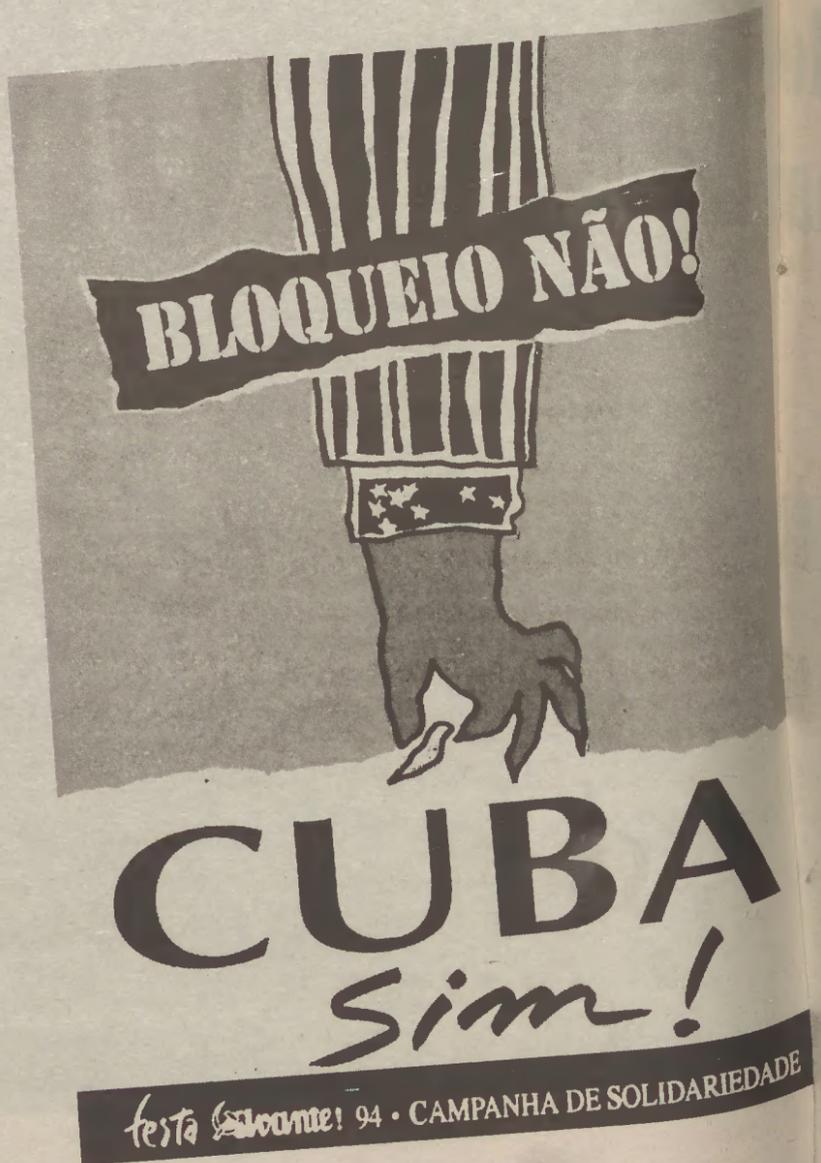
A Festa do «Avante!» vai ser um momento alto da campanha, com iniciativas que vão desde a venda de livros, discos, serigrafias, camisolas, fitas de cabeça, autocolantes, etc., em bancas de solidariedade localizadas em diversos pontos a Festa, até à edição de um postal, dirigido ao

Presidente dos EUA, exigindo o fim do bloqueio.

Também no Espaço Internacional, estará patente ao público e angariação de fundos junto dos visitantes. O objectivo da Campanha é contribuir financeiramente para a aquisição de matérias-primas para o fabrico de medicamentos essenciais que escasseiam, em resultado do bloqueio a Cuba. No Palco da Solidariedade, no Sábado à noite, dia 3 de Setembro, haverá um debate sobre a situação actual de Cuba

com a participação de uma delegação daquele país.

A participação de Cuba na Festa do «Avante!» é também marcada pela gastronomia, com um restaurante cubano, pelo desporto, com a presença de uma equipa de pugilistas que participará em combates com atletas nacionais, e pela música, com o grupo Guajira Habanera composto por 19 músicos, cantores e bailarinos capazes de produzir em palco um verdadeiro festival de alegria, som, cor e ritmo.



## Centro do Livro e do Disco

### Oportunidades a não perder



A Festa do «Avante!» vai contar mais uma vez com a presença do Centro do Livro e do Disco. Este ano o espaço é renovado, com áreas limitadas para a venda de discos, livros, brinquedos e ainda um espaço de animação, por onde passarão, durante os três dias, escritores e músicos para sessões de autógrafos e pequenas palestras. Integrado na comemoração do 20.º aniversário do 25 de Abril, será lançado o livro de Álvaro Cunhal, «Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura» e será apresentada uma reedição do livro «A Revolução Portuguesa, o Passado e o



940

# teatro na Festa

Avante teatro



## TOMAR A INICIATIVA

REGULAMENTO PARA O CONCURSO FOTOGRÁFICO DO "TOMAR A INICIATIVA" DA FESTA DO AVANTE

# Concurso de fotografia

Durante a Festa do «Avante!» e à semelhança de anos anteriores, a JCP organiza um espaço para a criatividade e convívio dos jovens.

Este ano, o concurso fotográfico «Tomar a Iniciativa» é dedicado aos 25 de Abril e à liberdade. Podem participar todos os interessados com idades até aos 30 anos. As inscrições terão lugar nas sedes da JCP, na Rua Sousa Martins, n.º 8 - Lisboa, na Rua Barão de S. Cosme, 240 - Porto e na Rua da Sofia, 78 - Coimbra, até ao dia 26 de Agosto.

Nos três dias da Festa, as inscrições estão abertas das 19 horas do dia 2 de Setembro até às 16 horas do dia 4 de Setembro, na Banca «Tomar a Iniciativa» na Cidade da Juventude e onde será entregue um rolo de 12 fotografias. No acto da inscrição serão pagos 500\$00.

O tema do concurso fotográfico é «Na Festa de Abril - a Liberdade 20 anos depois», tendo as fotos que ser

efectuadas no recinto da Festa e com o rolo entregue pela organização. Todos os trabalhos terão que ser entregues até às 22 horas do dia 4 de Setembro na referida Banca. A organização ficará responsável pela revelação do rolo. Os trabalhos seleccionados participarão numa exposição colectiva em local e data a anunciar, na edição do dia 12 de Outubro de 1994, do Jornal «Avante!». A escolha das obras a expor e a premiar ficará a cargo de um júri de selecção. No final serão atribuídos os seguintes prémios: **melhor rolo** - 50 000\$00; **às 6 melhores fotos** - 5000\$00. Podem ainda ser atribuídas **menções honrosas** no valor de 2000\$00. Os negativos das fotografias são propriedade da JCP, podendo os participantes ter acesso às respectivas ampliações. «Tomar a Iniciativa» não é uma simples competição, mas sim um espaço onde todos possam participar, colaborar e partilhar da alegria da Festa e comemorar Abril, Sempre!

No Avante teatro contamos este ano com a participação dos seguintes grupos: CDIAG (Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret), com "Greensleeves"; **Teatro O Bando**, com "Afonso Henriques" e "Amanhã"; **Cápsula-Teatro de marionetas**, com "Fausto"; **Intervalo**, com "O Cabaret do Conde/Marquês"; a **Companhia de Dança Contemporânea**, com "Dançar Zeca Afonso" e no sábado e domingo haverá manhãs infantis e animação de rua a cargo do **Teatro em Movimento - Companhia de Teatro de Bragança**.

A propósito de "Greensleeves", podemos dizer que se trata de "uma balada breve sobre a solidão, os medos e o amor ausente", mas também "um olhar sobre a SIDA e sobre os comportamentos que a terrível doença poderá provocar". Este último aspecto justifica, de resto, que a peça tenha o patrocínio da Comissão Nacional da Luta contra a SIDA e venha a ser apresentada, de futuro, por algumas escolas do país.

A peça que **O Bando** leva à Festa, por seu turno, é uma "história da nossa História a partir de um poema épico de tradição oral e crónicas da Idade Média". É a história do menino Afonso Henriques, aleijado das pernas, que um dia sonhou ser rei; de batalhas, mouros, castelhanos e um Papa zangado, entre muitas outras coisas, que não contamos para não estragar o prazer de descobrir o que foi ou poderia ter sido a vida do primeiro rei dos portugueses. Bem diferente é o "Cabaret do Conde/Marquês", que **Intervalo** nos traz. É café-teatro, Revista, Comédia, Farsa, e procura ser recreativo, divertido, não alienante, satirizador... Quem resiste a uma proposta destas? De Bragança, uma companhia nascida em 1979 que se dedica ao Teatro Infantil. Peças com robertos que já passaram pelas mais diversas escolas do país, deram um salto a Espanha e vão agora à Festa do Avante para prazer de miúdos e graúdos.

**Avante teatro**, um ponto de passagem obrigatório para todos os amantes de teatro.



Intervalo - «O Cabaret do Conde/Marquês»

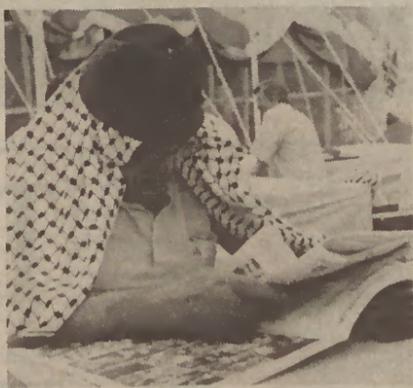


Malaposta - «Greensleeves»



O Bando - «Afonso Henriques»

# Disco



especiais, todos os livros terão um desconto (25%) superior ao praticado nas Feiras do Livro. Motivos de sobra para que cada vez mais valha a pena uma visita à Festa do Livro e do Disco.

**Futuro**, com uma introdução de Álvaro Cunhal, sobre os 20 anos do 25 de Abril.

A **Solidariedade com Cuba** também vai estar presente no Centro do Livro e do Disco. No âmbito da Campanha a ter lugar durante a Festa, haverá uma promoção especial do livro «Grão de Milho» de Fidel Castro.

Ary dos Santos vai ser recordado, nos 10 anos da sua morte, com uma promoção especial da sua obra poética.

Muito se pode encontrar no Centro do Livro e do Disco, a preços excepcionais. Além dos saldos e promoções a preços



# Futebol de Salão

## Equipa da Guarda já apurada

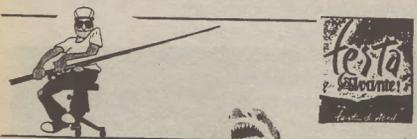
A equipa da Cervejaria Pacheco, de S. Paio, vai representar o distrito da Guarda no Torneio de Futebol de Salão na Festa do «Avante!», na Quinta da Atalaia, Amora, Seixal.

A fase de apuramento distrital da Guarda

decorreu no Polidesportivo da Junta de Freguesia de Vinhó, em Gouveia, e contou com a participação de 11 equipas distribuídas por duas séries. Em cada série foram apuradas duas equipas que disputaram as meias-finais. A final foi decidida entre o Estrela Futebol Clube de Moimenta da Serra e a equipa do Café-Cervejaria Pacheco, tendo esta última vencido por 4-1. Nos terceiro e quarto lugares classificaram-se respectivamente o Sporting Clube de Vinhó (A) e «Os Relâmpagos».

Nas equipas finalistas alinharam, pelo Estrela FC Moimenta da Serra: Paulo Santos, Nuno Nogueira, Eduardo Trepado, Bruno Marcelino, João Oliveira, Luís Isidoro, Pedro Mendes e Bruno Trepado, autor do único golo da equipa; pelo Café-Cervejaria Pacheco: Aires Mendes, Vítor Roque, António Cabral, António Albuquerque, Jorge Mendes, Carlos Bruno Pereira, António Gaspar, João Abreu (1 golo), Carlos Diamantino (3 golos na final e o melhor marcador do Torneio).

A entrega dos prémios a todas as equipas participantes teve lugar durante um beberete-convívio realizado no Café Arcada, em Nespereira-Gouveia, que desde há alguns anos vem patrocinando os Torneios da Festa do «Avante!»



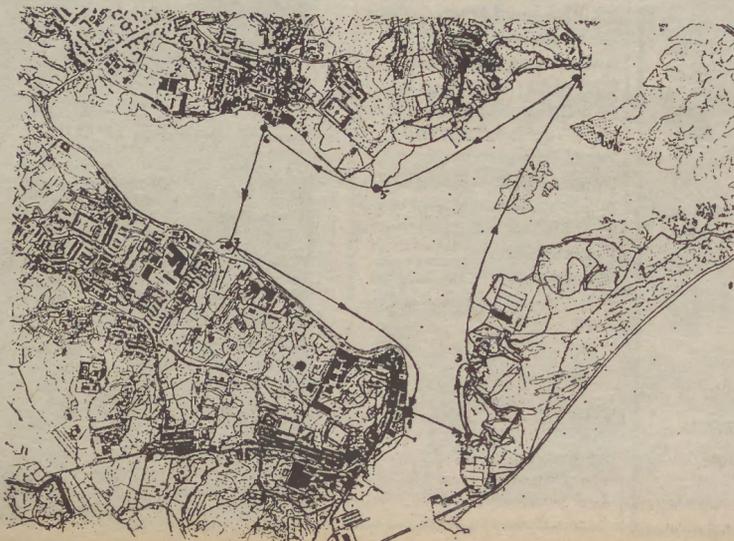
## CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA

GINJAL - OLHO DE BOI - 14 DE AGOSTO DAS 8.30H. AS 13.30H.

PRÉMIOS EQUIPAS (1ª A 3ª)  
GERAL INDIVIDUAL (1ª AO 3ª)  
MAIOR EXEMPLAR EM PESO  
JOVEM MELHOR CLASSIFICADO (ATÉ 16 ANOS)  
SENHORA MELHOR CLASSIFICADA  
ESPECIMEN ÚNICO

INSCRIÇÕES - NO C.T. DE ALMADA (R. CAPITÃO LEITÃO) - T. 275 21 21 ATÉ 12 DE AGOSTO DE 1994

PESCADOR INDIVIDUAL - 400\$00  
EQUIPE DE 3 PESCADORES - 850\$00



# CORRIDA DA FESTA

## Uma prova aberta a todos os clubes e participantes individuais

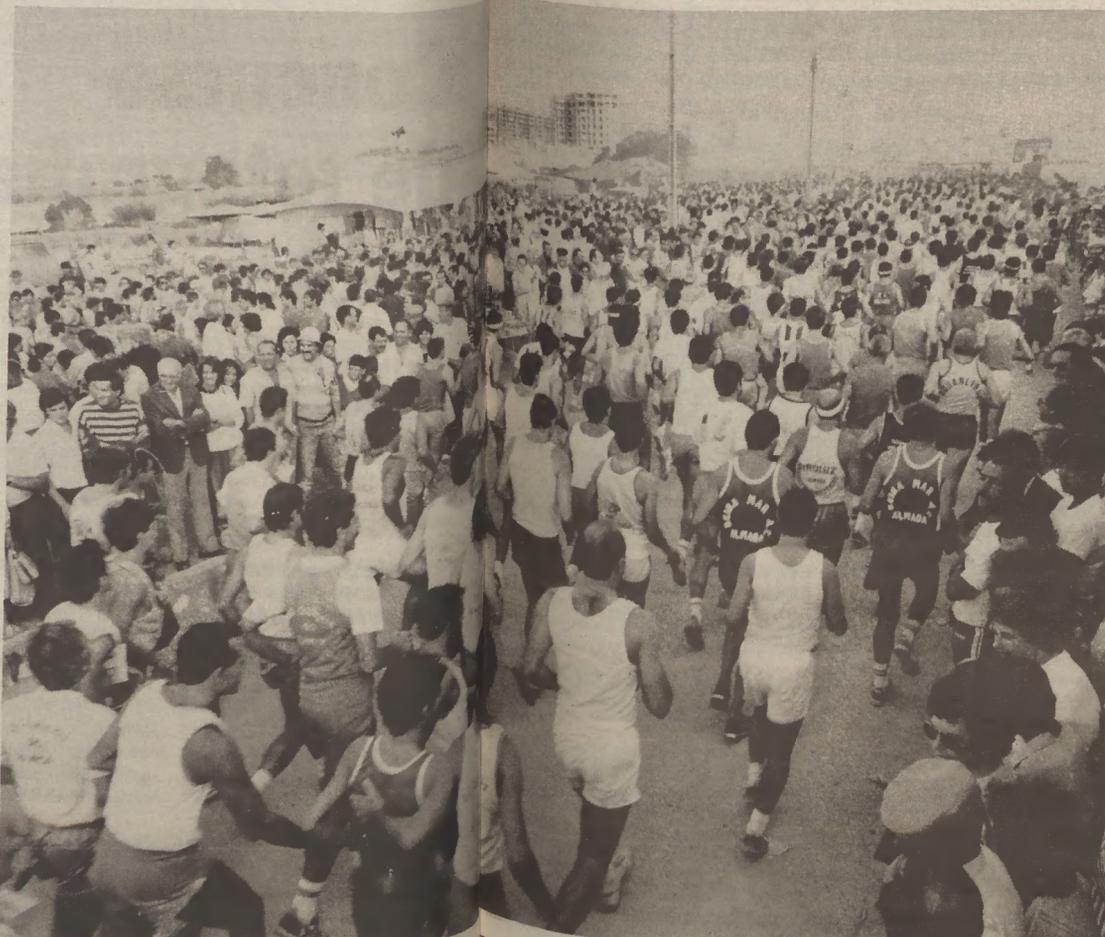
Integrada na XVIII edição da Festa do «Avante!», realiza-se no dia 4 de Setembro, com início às 9.30 h, a já bem conhecida Corrida da Festa, que conta já neste momento com mais de 300 atletas inscritos. É uma corrida aberta a todos os Clubes e

por alguns dos melhores atletas federados para o início de uma nova época desportiva em estrada e representa para os amantes da corrida uma preocupação de prática desportiva nas férias e também um regresso ao convívio.

participantes individuais de todos os escalões. As inscrições são gratuitas e deverão ser efectuadas até ao dia 26 de Agosto para «Corrida da Festa do «Avante!»», Av. António Serpa, 26, 2ª esq., 1000 Lisboa

— tel.: 793 09 73, — fax, 796 98 97.

Os dorsais serão entregues no dia da corrida, a partir das 8 horas, junto ao Campo do Amora. A partida será junto às bombas da Quinta da Medideira e a chegada ao Campo do Amora com um percurso de 13 km. Quanto aos prémios, além de troféus e taças para os melhores classificados, serão atribuídas aos vencedores absolutos, femininos e masculinos, viagens turísticas à Madeira. Sendo já uma tradição no universo português, a Corrida da Festa, apesar das suas características populares, foi também adoptada



# Eles apoiam a Corrida

**Professor Fernando Tavares Técnico da Federação Portuguesa de Atletismo**

Um grande acontecimento cultural como é a Festa do Avante! seria incompleto

prática desportiva da corrida assume-se como verdadeiramente democrática, na medida em que atletas de várias origens socio culturais comungam de um ideal comum: a participação desportiva numa vertente de confraternização e festividade sem o intuito de vencer a

prática desportiva da corrida assume-se como verdadeiramente democrática, na medida em que atletas de várias origens socio culturais comungam de um ideal comum: a participação desportiva numa vertente de confraternização e festividade sem o intuito de vencer a

prática desportiva da corrida assume-se como verdadeiramente democrática, na medida em que atletas de várias origens socio culturais comungam de um ideal comum: a participação desportiva numa vertente de confraternização e festividade sem o intuito de vencer a

prática desportiva da corrida assume-se como verdadeiramente democrática, na medida em que atletas de várias origens socio culturais comungam de um ideal comum: a participação desportiva numa vertente de confraternização e festividade sem o intuito de vencer a



Armando Aldegalega e Carlos Lopes

**Aniceto Simões Ex-atleta olímpico Técnico da equipa de atletismo do SCP**

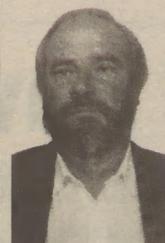
A Corrida da Festa do Avante! é uma iniciativa de louvar, visto ser uma oportunidade de juntar largas centenas, e até milhares, de atletas de vários escalões, com o principal objectivo de conviver, independentemente da parte competitiva. Apoio inteiramente estas iniciativas desportivas. Elas nunca deveriam acabar. Transmitem os meus parabéns aos organizadores desta prova.



Umbelina Nunes



Fernando Tavares



Aniceto Simões

que assistem, o que torna a Corrida da Festa uma prova inigualável.

**Umbelina Nunes Atleta desde 1965 do SLB Animadora desportiva da «União Desportiva Recreativa Casal Privilégio»**

A Corrida da Festa marca o início da época desportiva. Como eu estou a

mais importantes. Esta corrida vem mostrar a adesão de

## Percursos:



# Avantejo 94 Turismo náutico

Organizado pela Comissão Executiva do Desporto da Festa do Avante, pela Associação Náutica do Seixal e com o apoio da Associação Naval Amorense, realiza-se, no próximo dia 21 de Agosto, o circuito de turismo náutico «Avantejo 94». A partida está anunciada para as 16 horas no Seixal, frente à Associação Náutica do Seixal e são admitidas todo o tipo de embarcações. O percurso tem aproximadamente oito quilómetros que deverá ser percorrido no tempo máximo de

## náutico

90 minutos e mínimo de 75 minutos, sendo desclassificadas todas as embarcações que ultrapassem estes limites. Os prémios serão atribuídos na Festa do «Avante!», uma hora após o final da prova, onde será servido um lanche-convívio. As inscrições podem ser feitas até às 14.30 horas do dia da prova na Associação Náutica do Seixal, ou por fax para a Comissão do Desporto da Festa do Avante (01) 796 98 97.

sem uma componente desportiva de forte participação popular. Assim sendo, a corrida da Festa encontra-se no local certo e na data certa. Data certa, porque quando regressamos de férias ansiamos por um início de actividades renovado, e, de facto, o que haverá melhor do que começarmos estas actividades participando numa corrida de atletismo de grande afluência popular, num ambiente festivo? Por último, esta

qualquer preço, passando por cima de tudo e de todos, como infelizmente começa a ser comum na nossa sociedade. A todos aqueles que vão participar na Corrida da Festa imbuídos do verdadeiro espírito desportivo, bem como aos seus organizadores, felicidades.

**Carlos Lopes Campeão olímpico**

Julgo que esta prova nasceu para ter

um vasto número de participantes, que não olham a «cores». Estou convicto que a corrida de 4 de Setembro vai ser mais um êxito para o atletismo popular e nacional.

**Armando Aldegalega Atleta do SCP Técnico da equipa de atletismo do SCP**

Mais uma vez irei participar na grande festa do atletismo português que é a corrida da Festa do Avante!

# Espaço Central

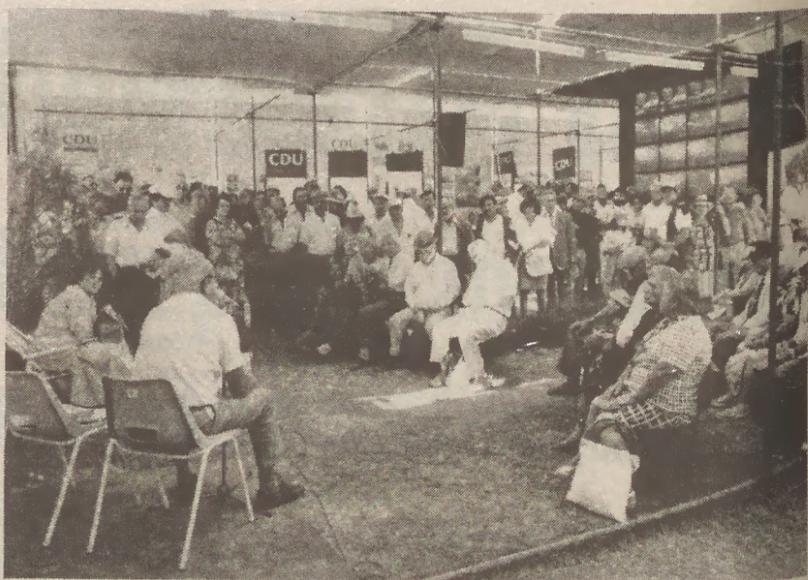
## Exposições & debates

A zona central da festa do «Avante!» surge este ano com uma nova concepção espacial e arquitectónica albergando a Exposição Política Central, a Exposição «Sementes de Abril - os Prelos da Liberdade» e a Exposição de Artes Plásticas «Que Viva Abril».

A Exposição Política Central tem como temas fortes a denúncia dos anos da ditadura e a memória da luta pela liberdade, a evocação dos anos da revolução, as conquistas da democracia, o papel do PCP na luta pela liberdade e as suas propostas para o presente e o futuro. São 20 anos da nossa história recente tratados de diversas formas com recurso à fotografia e ao vídeo-wall e a instalações plásticas especialmente concebidas para o efeito.

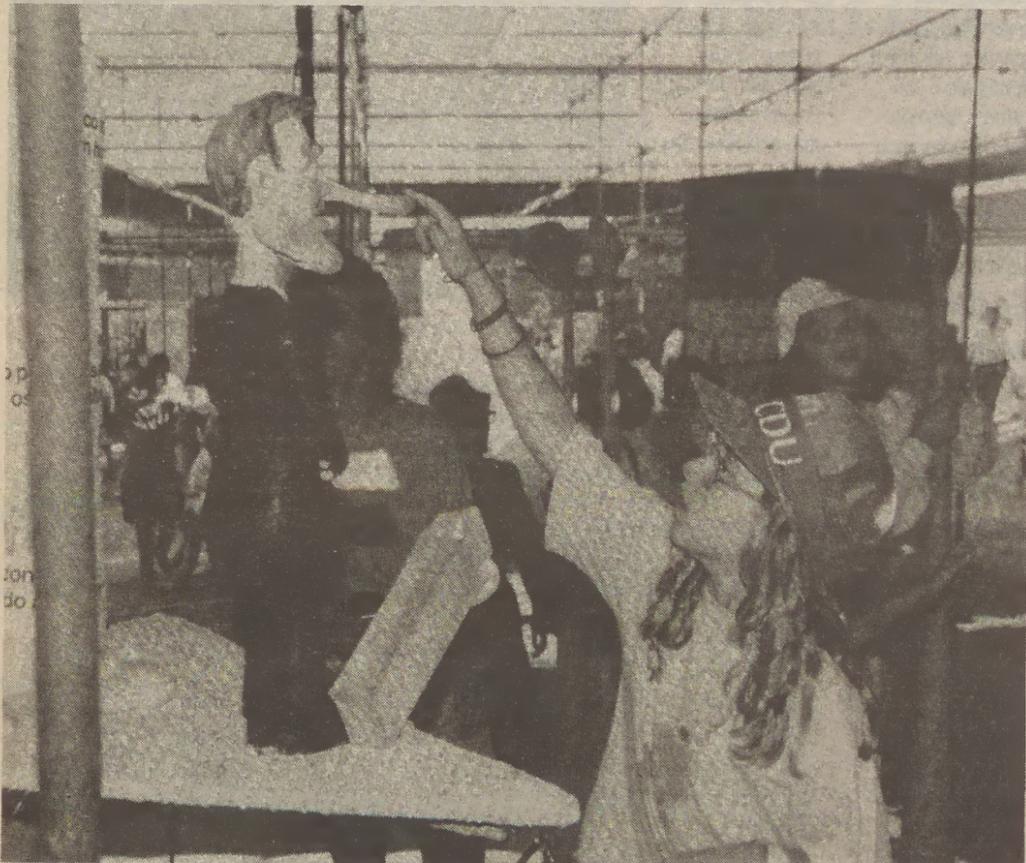
«Sementes de Abril - Prelos da Liberdade» é uma importante e inédita exposição dedicada à imprensa da resistência ao fascismo. Pela primeira vez vai estar patente ao público uma extensa colecção, em originais ou fac simile, de algumas das mais significativas publicações da imprensa operária antifascista.

No Espaço Central da Festa existe ainda



uma zona dedicada à imprensa do Partido, onde funcionará uma banca para venda e difusão do «Avante!» e de «O Militante», a par de outros materiais, estando igualmente patente uma exposição sobre a preparação da próxima Conferência Nacional do PCP. Neste local existe também um auditório onde no dia 2 de Setembro, sexta-feira pelas

No último dia da Festa, domingo, dia 4 de Setembro, é promovido um debate sobre «O papel da Imprensa do PCP, Hoje», que conta com a participação de Blanqui Teixeira, do Secretariado do CC e director de «O Militante», e Leandro Martins, membro do CC e subchefe de Redacção do «Avante!». Para o Fórum estão programados cinco



22 horas, se realiza o debate «Testemunhos da Revolução de Abril».

No dia seguinte, sob o tema «Os comunistas nas empresas - experiências e perspectivas», decorrem três debates centrados em sectores de actividade específicos: às 15 horas, Indústria; 18 horas, Transportes; 21 horas, Serviços.

colóquios enquadrados no tema geral «Nova Política para uma Vida Melhor» que contam com a participação de dirigentes e especialistas do PCP.

Saliente-se por último que no Espaço Central funcionam ainda a Banca Central e o Café da Amizade.

## Pavilhão do coleccionador



Os amantes do coleccionismo não vão ficar desiludidos. Mais uma vez a Organização Regional de Lisboa, através do Sector Centro Norte de Empresas, promove o já famoso pavilhão do Coleccionador que se tornou uma passagem obrigatória para muitos visitantes da Festa do «Avante!».

O êxito que este espaço regista deve-se em grande parte à contribuição generosa das diversas organizações do Partido. Os promotores da iniciativa renovam este ano o apelo para o envio de materiais, que devem ser dirigidos ao Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa.

São exemplos de materiais, copos com marcas, chávenas, cinzeiros, caixas, relógios antigos, chaves, isqueiros, emblemas, materias com o símbolo do Partido, medalhas, galhardetes, canetas, porta-chaves, frascos pequenos, poster's antigos, etc.

# DE O JOIO

Entrevista com  
**Veiga Trigo**

Texto Anabela Fino  
Fotos Sérgio Morais

quem são os corruptos, para que digam quem é que compraram... Agora, a partir de um fax anónimo ou duma carta anónima, emitir mandatos de busca às casas dos árbitros, está mal.

Tudo isto provoca-me um grande desencanto. Um desencanto tão grande que, se não vivéssemos um momento tão grave, já teria abandonado a arbitragem...

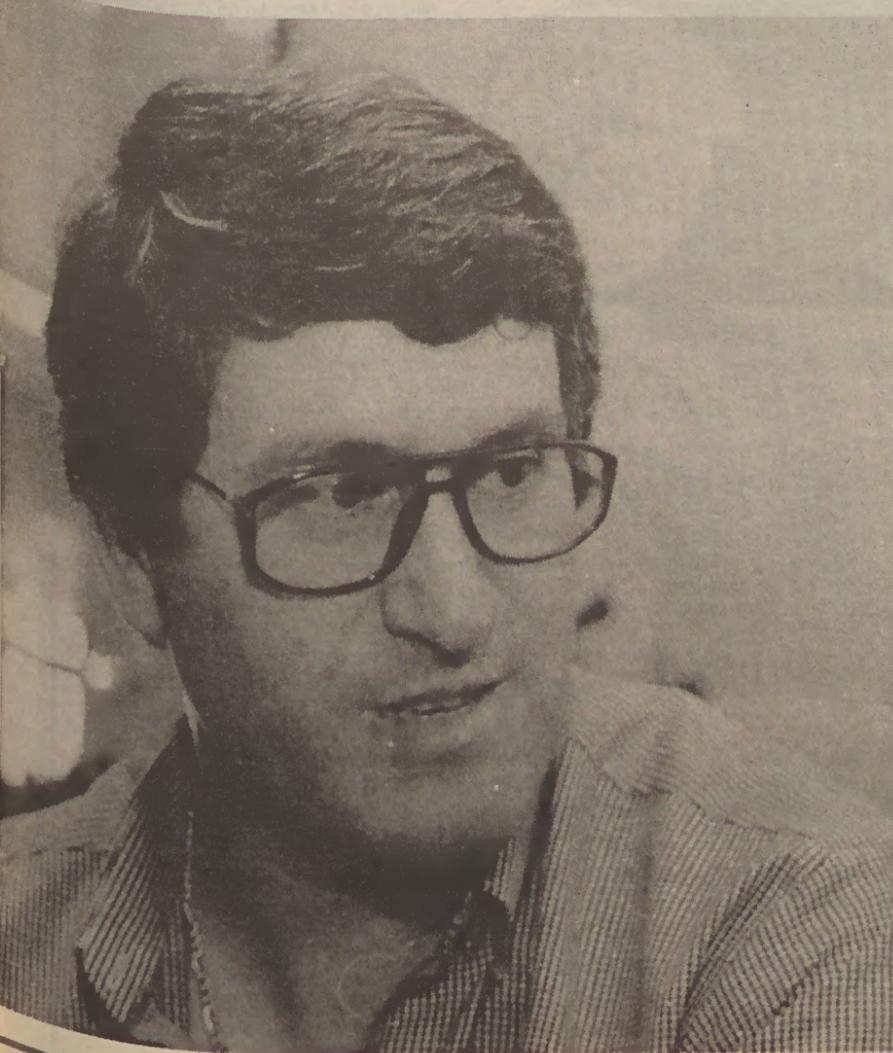
Esses escândalos estão de algum modo relacionados com o sistema de nomeação dos árbitros?

O que posso dizer é que este ano de 93/94 foi mau de mais para a arbitragem. Com tudo o que veio a lume depois das célebres reuniões antes das classificações terem saído, penso que a PJ devia ter prendido alguns dos dirigentes do Conselho de Arbitragem, porque se a corrupção existiu, existiu dentro do próprio Conselho de Arbitragem. Se há corrupção, esses senhores é que a fizeram ao nomear certos e determinados árbitros para certos e determinados jogos; depois, quando se guerrearam, como se diz aqui "guerreiam as comadres, descobrem-se as verdades", no final da época, com as classificações dos árbitros, os dirigentes vieram a descobrir tudo o que se tinha passado dentro do Conselho.

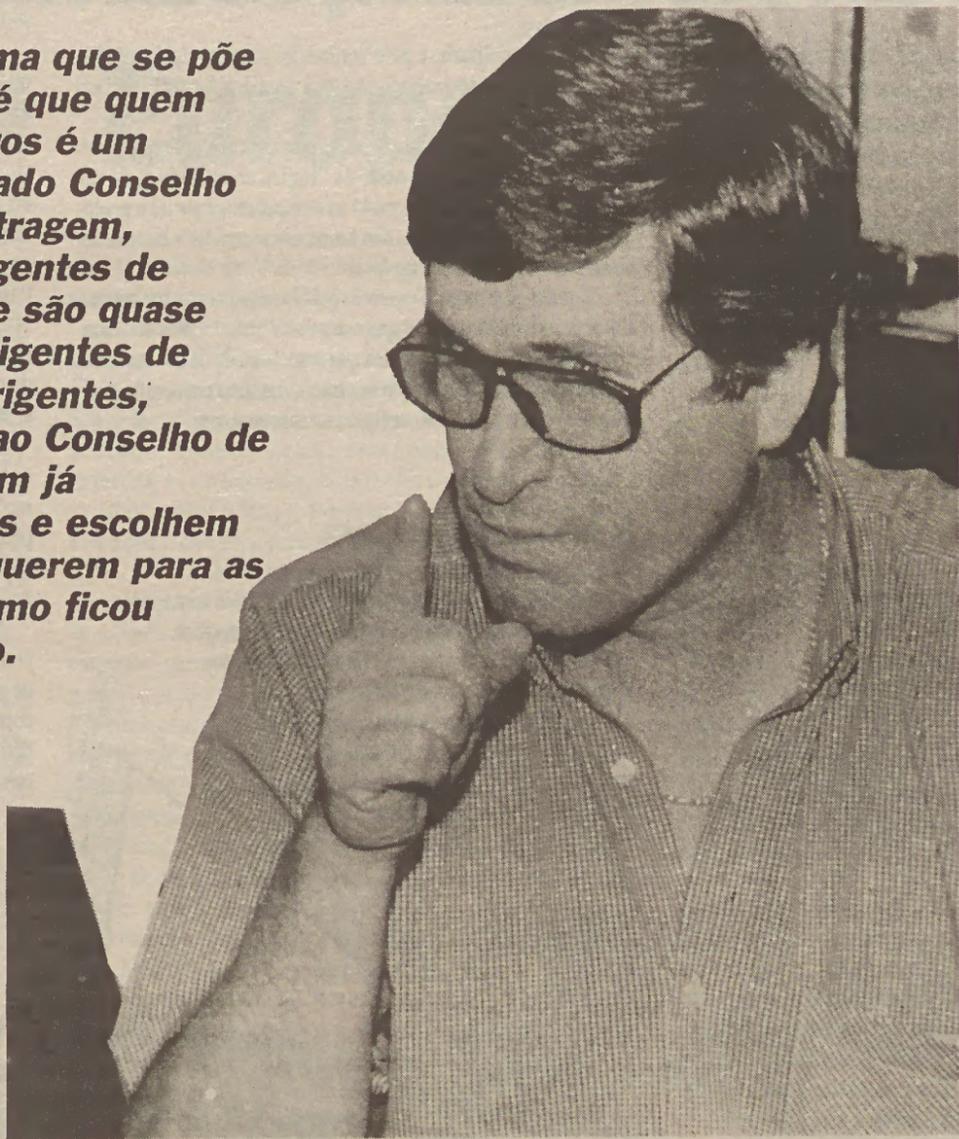
Por que é que a PJ não investiga isto? Por que não pede as actas do Conselho de Arbitragem? Não deve haver falta de matéria por onde pegar...

A Liga Profissional de Clubes vai passar a dirigir os campeonatos de futebol das principais divisões. Que consequências podem advir daqui para as arbitragens?

Como referi há pouco, pior do que está, o futebol português não pode ficar. Por isso há uma necessidade de mudança. Penso que a entrega do campeonato nacional da primeira divisão e da divisão de honra, e a entrega da presidência do Conselho de Arbitragem e do Conselho de Disciplina à Liga seria um passo positivo. Pelo menos seriam homens do futebol, com grandes responsabilidades no futebol, que iriam tomar conta desses dois órgãos. Será talvez a única maneira, neste momento, do futebol português 'lavar a cara'.



**O grande problema que se põe neste momento é que quem manda nos árbitros é um organismo chamado Conselho Nacional de Arbitragem, formado por dirigentes de Associações, que são quase todos antigos dirigentes de clubes. Esses dirigentes, quando chegam ao Conselho de Arbitragem, levam já 'panelinhas' feitas e escolhem os árbitros que querem para as suas equipas, como ficou provado este ano.**



Os árbitros não correm o risco de ficar mais dependentes dos interesses dos grandes clubes? Não há o perigo de se criar uma espécie de elite da classe?

A Liga tem condições para resolver o assunto. O respectivo presidente, com que fosse dirigir o Conselho de Arbitragem, dispõem de indicadores sobre quem são de facto os melhores 25 árbitros do país e podem efectivamente criar uma elite. Acho que há necessidade

**Penso que é uma afronta a qualquer trabalhador o que se passa no nosso futebol. Como é possível haver pessoas com fome e sem trabalho, como aqui no nosso Alentejo, e haver pessoas que, só porque dão uns pontapés num bola, ganham um balúrdio?**

de criá-la e dar melhores condições aos árbitros - que é o que a Liga exige - para que possam ter um estatuto de semiprofissional, como a Liga também defende.

Os árbitros passariam a ter mais condições para treinar, maior apoio técnico, melhor preparação.

Com a Federação nada disto sucede. A situação degradou-se a tal ponto que somos obrigados, por exemplo, a utilizar determinada marca de equipamento, para efeitos publicitários; em troca, recebemos um par de botas, um fato de treino, uns

calções, uma camisola e um par de meias. Acho que não chega, seria justo ter mais qualquer coisa. Estou mesmo a pensar em propor aos árbitros, no próximo curso que vou frequentar, que sejamos nós próprios a negociar os equipamentos e os patrocínios, em vez da Federação.

Vive no Alentejo, onde há gente a passar fome. Não o incomoda pensar nos rios de dinheiro que se gastam em Portugal com o futebol?

Penso que é uma afronta a qualquer trabalhador o que se passa no nosso futebol. Como é possível haver pessoas com fome e sem trabalho, como aqui no nosso Alentejo, e haver pessoas que, só porque dão uns pontapés num bola, ganham um balúrdio? Até aqui em Beja há jogadores a ganhar quatrocentos contos por mês, comidos e dormidos... Se formos ver o que se passa nos grandes clubes, verificamos que há jogadores a ganharem dez e doze mil contos por mês! Comparar isto com o salário de um trabalhador, seja ele da metalurgia ou da construção civil, só nos pode levar à conclusão de que a situação que se vive em Portugal é de verdadeira loucura.

O Governo devia fazer alguma coisa neste domínio. E também investigar como é que um clube que tem de receitas um milhão e duzentos mil contos pode gastar cinco milhões... De onde é que vem o dinheiro? Como é que isto pode acontecer, enquanto pequenas empresas são forçadas a fechar as portas e a despedir os seus trabalhadores por não poderem suportar os elevados juros que lhes são exigidos quando precisam de um empréstimo para continuar a sua actividade?

Este é, infelizmente, o país que temos.

Acho, no entanto, que mais dia menos dia as pessoas vão abrir os olhos e alterar esta situação escandalosa em que se investe mais no futebol do que no trabalho.

É possível defender o futebol como desporto?

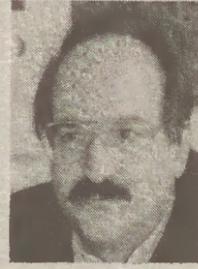
Penso que sim, mas só dentro duma lógica e de uma política de governo totalmente diferentes, não com a política do

governo laranja, que é a de dar dinheiro aos clubes grandes para satisfazerem as suas ambições, enquanto os pequenos clubes continuam a viver à base dos carolas; veja-se o caso do Futebol Clube do Porto, que quis construir uma piscina e recebeu quase um milhão de contos, ou o caso do Benfica que quis fazer mais uns complexos e recebeu trezentos ou quatrocentos mil contos, enquanto há aqui um clube em Beja que quer fazer um pavilhão e não tem dinheiro! E este pavilhão iria servir a mocidade, desviá-la de perigos como a droga e a prostituição... O governo não olha para isso.

O que é que ganhou com a arbitragem?

Quando fui para a arbitragem já sabia que não poderia ganhar grandes fortunas. Mas a arbitragem tem-me dado muitas coisas: conheço praticamente toda a Europa, tenho grangeado grandes amizades tanto a nível nacional como internacional... Não vou dizer que o dinheiro que ganho com a arbitragem não me faz falta; faz-me falta sim senhor, é um pezinho de meia que tenho no fim de cada ano e que me dá certas regalias a mim e à minha família. Mas para além de tudo isso, eu estou na arbitragem por gosto.

# A crise e a saída



**EDGAR CORREIA**  
Membro da Comissão Política

**C**onfrontados diariamente com "lógicas" económicas e políticas supranacionais e com a sua recomendação/imposição aos diferentes países por parte de conhecidos centros de decisão global e das suas agências e instrumentos especializados (\*), a reflexão sobre o futuro do nosso país não só não dispensa como crescentemente impõe a consideração do quadro das tendências, relações de forças e até ideologias, e das suas contradições, que se manifestam a nível internacional.

## Que crise é esta?

Constituindo a crise a temática recorrente de todas as análises e políticas actuais, uma primeira e crucial interrogação se impõe: *que crise é esta que estamos a atravessar?* Em que por um lado são imensas as possibilidades abertas pelo legado civilizacional e cultural, pelo acelerado desenvolvimento das forças produtivas e por uma Revolução Científica e Tecnológica que está longe sequer de ter atingido a sua fase de maturidade. Mas em que, por outro lado, o mundo está confrontado com uma regressão social sem precedentes, que não só atinge as nações e regiões menos desenvolvidas, como se estende a sectores cada vez mais vastos da população nos países desenvolvidos, acentuando os processos de exploração em que assentam as desigualdades e o dualismo das respectivas sociedades.

O quadro objectivo é deveras impressionante. A degradação da situação económica e social que atinge centenas de milhões de seres humanos. O bloqueio às possibilidades de desenvolvimento de povos e nações inteiras. O agravamento das assimetrias nacionais, regionais e sociais. O alastramento dos fenómenos da exclusão social e da pobreza - basta olharmos para o que se passa à nossa volta -, em toda a multiplicidade das suas dimensões, desde o nível muito

baixo de rendimentos, ao desemprego e à precarização do trabalho, à falta de condições de habitação, de saúde e de inserção nos próprios processos educativos.

Por toda a parte a cartilha neoliberal aparece, em nome da competitividade capitalista, e tirando partido da alteração da relação mundial de forças decorrente do afundamento da União Soviética, a pôr em causa direitos sociais que integram o património das grandes conquistas do século XX, e ameaça fazer recuar de forma intolerável os ponteiros do tempo em domínios sensíveis como a educação, a saúde, o emprego e a segurança social.

Em um tempo em que se assiste à multiplicação dos pólos de conflito e ao crescimento dos factores de instabilidade e de insegurança internacionais, constitui motivo de particular preocupação o reaparecimento de velhas intolerâncias, como o racismo e a xenofobia, e o regresso de uma extrema-direita não menos velha, embora apresentada com um novo visual.

Que a tendência (objectiva) para a internacionalização e para a globalização dos processos, nomeadamente os económicos, acarreta alterações ao nível da divisão internacional do trabalho e das especializações produtivas de cada país, é uma questão óbvia.

O que não é óbvio, e muito menos inelutável, é a natureza e a extensão das alterações que estão a ser provocadas pela mundialização de uma economia de mercado privatizada, desregula-

mentada e liberalizada, e pelo verdadeiro regresso ao "capitalismo selvagem", desenvolvido agora à escala planetária, que ela representa.

É nesta perspectiva que assume particular actualidade a crítica da desordem dominante e da "lógica competitiva" de um capitalismo global, que negando as componentes social e ecológica da política económica, não hesita em sacrificar a humanidade no altar do mercado e do lucro.

E que o problema do controlo político dos complexos processos económicos do nosso tempo, e das vias e instrumentos de desenvolvimento, numa economia em que a intensidade de conhecimentos desempenha um papel cada vez maior, constitui um desafio decisivo neste final de milénio em que nos encontramos.

## A situação portuguesa

As condições em que tem tido lugar desde 1986 a integração europeia de Portugal e a política governamental tornaram o país particularmente vulnerável às orientações neoliberais dominantes a nível internacional.

Desmentidas e destroçadas, entretanto, as "teorias" da aproximação ao "pelotão da frente" da CEE, da "democracia de sucesso" e do "oásis" com que o Governo procurou chamar a si os louros por um crescimento eco-

queira nacionais; acompanhada a destruição económica por dramáticos efeitos sociais, nomeadamente no plano do desemprego e da precarização do emprego; imposto ao país o Tratado de Maastricht, pelo PSD e pelo PS, sem qualquer debate e consulta populares e confrontado o povo português com a contínua condução pelo Governo de políticas à margem da sua vontade; — e agora, como pode o país enfrentar a situação?

Importa em particular aprofundar as razões por que, ao longo de uma década e apesar dos fundos comunitários, não se registaram alterações significativas no que respeita à especialização produtiva, que permaneceu no fundamental apoiada em produções de fraco nível tecnológico e de baixo valor acrescentado e num trabalho caracterizado pelo baixo nível das qualificações e remunerações.

Importa analisar igualmente que interesses conduziram a economia portuguesa no sentido de ser cada vez menos uma economia de produção e cada vez mais uma economia de intermediação e de comercialização, com todas as suas consequências em relação ao défice da balança comercial e às vulnerabilidades e atrasos estruturais acumulados.

E importa ainda e uma vez mais, constatar que a política de baixos salários e de subinvestimento na área social, que aparece ligada a

uma estratégia de dumping social e de atracção irrestrita de capitais estrangeiros, não só não é susceptível de resolver os problemas do desenvolvimento económico nacional, como constitui sem dúvida o seu principal obstáculo.

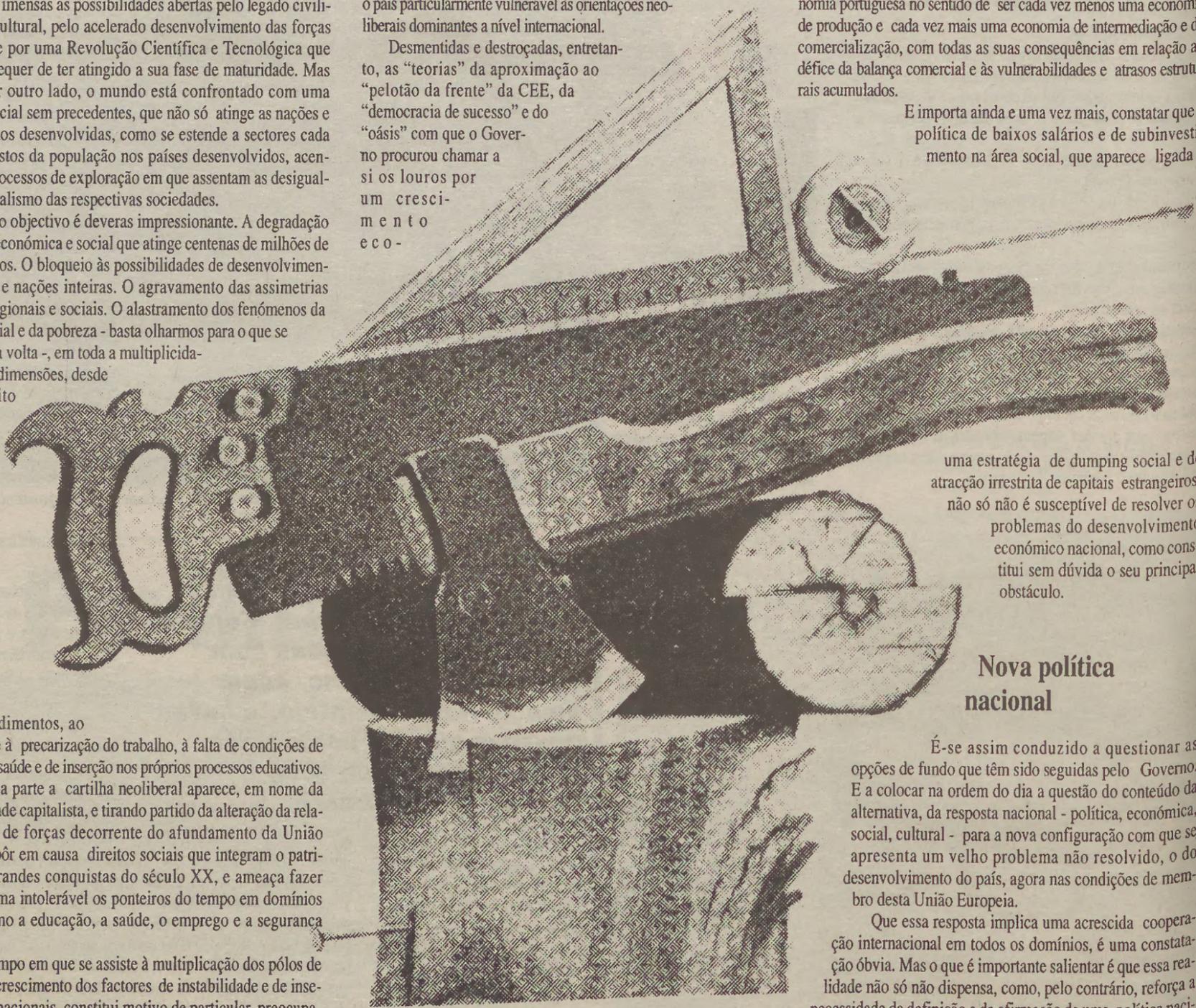
## Nova política nacional

É-se assim conduzido a questionar as opções de fundo que têm sido seguidas pelo Governo. E a colocar na ordem do dia a questão do conteúdo da alternativa, da resposta nacional - política, económica, social, cultural - para a nova configuração com que se apresenta um velho problema não resolvido, o do desenvolvimento do país, agora nas condições de membro desta União Europeia.

Que essa resposta implica uma acrescida cooperação internacional em todos os domínios, é uma constatação óbvia. Mas o que é importante salientar é que essa realidade não só não dispensa, como, pelo contrário, reforça a necessidade da definição e da afirmação de uma política nacional que, em sentido contrário ao que acontece actualmente, rejeite cedências e transferências de soberania, e protagonize de forma activa e esclarecida, nas suas várias linhas e num quadro de complexas interdependências, a defesa e a afirmação dos interesses de Portugal e dos portugueses.

A aceleração do desenvolvimento do país e o reforço da sua capacidade de decisão própria, constituem um binómio que não tem de facto alternativa.

(\* Vd., a título de exemplo, um dos mais recentes estudos da OCDE - *Évolution de la réforme structurelle: enseignements à tirer pour l'avenir*.



■ Pedro Ramos de Almeida

# O estado de uma Nação e o Tratado da União (monopolista) Europeia

**1. O Tratado da União Europeia (UE) celebrado em Maastricht, a 7 de Fevereiro de 1992, converteu a Comunidade Europeia (CE) em UE:** uma comunidade predominantemente económica, transnacional e multinacional dá assim lugar a uma união política e administrativa, financeiramente reforçada e centralizada, de base federal.

Com o Tratado, o monopolismo de Estado e organicamente federativo assume, no continente europeu, novas formas e poderes, globais e integracionistas — ao mesmo tempo que confirma e amplia os seus braços neocoloniais (acordos de Lomé e outros) pela África, Ásia e América Latina:

— A UE consagra a transformação da CE numa confederação: o federalismo soberano revela-se um meio privilegiado para estender e aprofundar, imperialistamente, o «mercado único» e as suas vias e objectivos económicos, sociais, políticos, jurídicos e ideológicos — desactivando as históricas fronteiras nacionais;

— Progridem a desigualdade e o antagonismo sociais em cada Estado; e com eles cresce, simultaneamente, o fosso que separa a Europa rica do Norte da Europa do Sul, atlântica e mediterrânea, dela dependente, atrasada e empobrecida;

— Surto imperialista alemão fecundado pela reunificação sob comando do grande capital, pela hegemonia monopolista europeia e servido internamente pelo renascimento de um nacionalismo agressivo. Em plena ofensiva cosmopolita, o expansionismo alemão — e atente-se no desmembramento da Jugoslávia e no tradicional colaboracionismo croata — surge paradoxalmente (?) como primeiro beneficiário da integração monopolista continental. E tudo isto, de uma forma e de outra, em desfavor e oposição ao livre e autónomo desenvolvimento das economias nacionais e de todos os povos europeus;

— Agrava-se mais ainda a crise portuguesa, quando o processo de integração monopolista desemboca numa crise capitalista internacional: a crise própria de uma comunidade longamente dependente da evolução, interesses e vontade dos Estados europeus mais poderosos, dos grupos sociais dominantes e dos monopólios internacionais é potenciada pela crise cíclica capitalista multinacional;

— A sociedade classista portuguesa é acentuadamente sugada de fora pela emigração de cérebros, braços e capitais e, internamente, pelo saque ou abandono de riquezas e pela desmesurada exploração, ou inutilização, do trabalho humano;

— A capacidade produtiva portuguesa — na agricultura, na pecuária, na pesca, na indústria extractiva, transformadora e nos transportes — é destruída pela liberdade de acção que a UE assegura à desigual concorrência imperialista e pela consequente desmotivação nacional; reduz-se, quantitativa e qualitativamente, a população produtiva portuguesa, enfraquecendo-se, paralelamente, o progresso e o futuro nacionais e a força democrática popular;

— A par do ataque ao Estado-Nação, à autodeterminação nacional, agudiza-se a ofensiva política do poder cavaquista contra a autonomia regional e local: o centralismo autoritário e antidemocrático, objectivamente aliado do imperialismo na acção contra a autonomia e a iniciativa própria da comunidade portuguesa, a independência e a soberania nacionais, não pode, por seu lado, tolerar o sucesso da democracia participada, designadamente da autonomia local e regional. Atacado nessas três frentes, Portugal é na UE crescentemente reduzido à condição de uma simples região, de um «país», como oficialmente tanto se repete... Região desprovida de sub-regiões, com autarquias locais de vida mais e mais dificultada pelas ambições formalmente centralistas de um Governo antipatriótico.

Assim se desenha, estrutura e avança a campanha imperialista pelo desaparecimento dos Estados-Nações e das Nações Estados: uma campanha que é a moderna forma financeira e política da conspiração contra o direito da autodeterminação dos povos; contra a soberania popular; contra o controlo democrático do poder político, financeiro e económico; um direito antiaristocrático que, sobretudo desde os séculos XVIII e XIX, esteve na base das grandes lutas populares pela conquista da independência e soberania nacionais, base da democracia moderna. Um dos princípios históricos e em que afinal assentam a formulação e defesa dos direitos do homem...

## Europeia

**2. O Tratado de Maastricht alarga e reforça a iniciativa monopolista europeia.**

Oficialmente, a UE assenta agora em «três pilares»: o 1º pilar corresponderia às anteriores comunidades (CEE, CECA, Eurátomo), e estender-se-ia agora por novos domínios: saúde, educação, cultura e «defesa dos consumidores»; o fomento da associação monopolista para a investigação e desenvolvimento tecnológicos; a interesseira, tradicional e corporativa «protecção social dos trabalhadores»; a criação de redes transnacionais de transportes, energia e telecomunicações (um esquema vital de apoio ao mercado imperialista, que não enriquece necessariamente quem o serve como ponto de passagem, e a que se pretende subordinar Portugal); a instituição de uma formal «cidadania europeia», que ignora a perseguição tantas vezes racista dos imigrantes; que não tem qualquer real expressão nas comunidades plurinacionais, em que não ultrapassa o reconhecimento do direito de petição e de protecção diplomática, e da recíproca outorga do direito de voto em eleições autárquicas ou europeias, com base na residência.

Deste pilar faz ainda destacadamente parte a organização da União Económica e Monetária (UEM) que, apontando para a criação, a partir de 1999, de uma moeda única europeia, fará também Portugal perder o direito a uma política própria, económica, financeira, cambial, fiscal e orçamental. E tudo por uma moeda única de responsabilidade do Banco Central Europeu, de localização e domínio executivo alemães...

O 2º pilar dirá respeito à política externa e de segurança comuns (PESC): com ela, a UE pretende falar a uma só voz e actuar como um só querer (!) na cena política internacional. E lá se vai a possibilidade de uma política externa independente...

A política de defesa, essa, passaria a estar ligada à União Europeia Ocidental (UEO), criada pelos Acordos de Paris (X.1954). Há quarenta anos! E desde então conservada, sem qualquer actividade relevante, à sombra da NATO...

Finalmente, o 3º pilar abrange a cooperação nos domínios da justiça e da administração interna (regulamentação — lei-se: redução ou extinção — do direito de asilo; cooperação policial dos Estados-membros; criação de um sistema policial integrado — Europol; etc., etc.).

Assinale-se, ainda neste plano, o relevo dos acordos de Schengen, que planeiam um sistema de ficheiro informatizado, registando e vigiando os cidadãos europeus, a par de novas formas de controlo de imigrantes; que consentem o direito de perseguição, 50 km adentro do território nacional, por polícias estrangeiras de Estados fronteiriços; etc., etc.

É a integração policial, que olha à direita e avança cosmopolitamente contra a esquerda social e política...

**3. A natureza da unidade e articulação dos três «pilares» da UE, em suma, a condição do regime político desta estrutura multi e transnacional é definida e promovida pelo carácter das soberanias em que assenta, pela competência e atribuições dos órgãos que a orientam. São todos eles — órgãos, soberanias e poderes — que a caracterizam como uma estrutura transnacional, de índole crescentemente oligárquica, desigualmente antidemocrática e antipatriótica.**

A Comissão é «a guardiã dos tratados comunitários», a «instância executiva das políticas comuns», o órgão que melhor asse-

gura o seu carácter transnacional. Está dotada do direito exclusivo de fazer propostas («direito de iniciativa»). É composta por 17 comissários designados por 5 anos pelo Conselho, com a intervenção também do Parlamento Europeu. Cada Estado-membro, por mais pequeno que seja, deve ter pelo menos um comissário. O que pode é ter funções insignificantes...

O Conselho Europeu reúne os Chefes de Estado e de Governo e funciona como suprema instância de orientação geral.

O Conselho de Ministros é o órgão central de deliberação. Para que as suas resoluções sejam efectivas em qualquer Estado-membro, exige-se apenas uma maioria qualificada (54 dos 76 votos). É desigual o peso em votos de cada Estado-membro: Alemanha, França, Itália, Grã-Bretanha — 10 votos cada; Espanha — 8 votos; Bélgica, Holanda, Grécia, Portugal — 5 votos; Dinamarca, Irlanda — 3 votos; Luxemburgo — 2 votos.

Moral da história: três Estados (dois grandes e a Dinamarca ou a Irlanda) opõem-se eficazmente à maioria qualificada...

Cinco Estados (Bélgica, Holanda, Grécia, Portugal e Luxemburgo) não podem evitar resoluções obrigatórias. É a lei dos grandes...

O Parlamento Europeu (PE), único órgão directamente eleito da UE, é centralmente uma instância de debate e controlo político, com poderes de intervenção no processo legislativo da UE. Tem ainda uma acção relevante na defesa do orçamento comunitário, do mercado interno, etc. Favorecendo a tendência de redução da soberania nacional e sendo, a par da Comissão, um órgão de base transnacional, o PE tem visto crescer a sua impor-



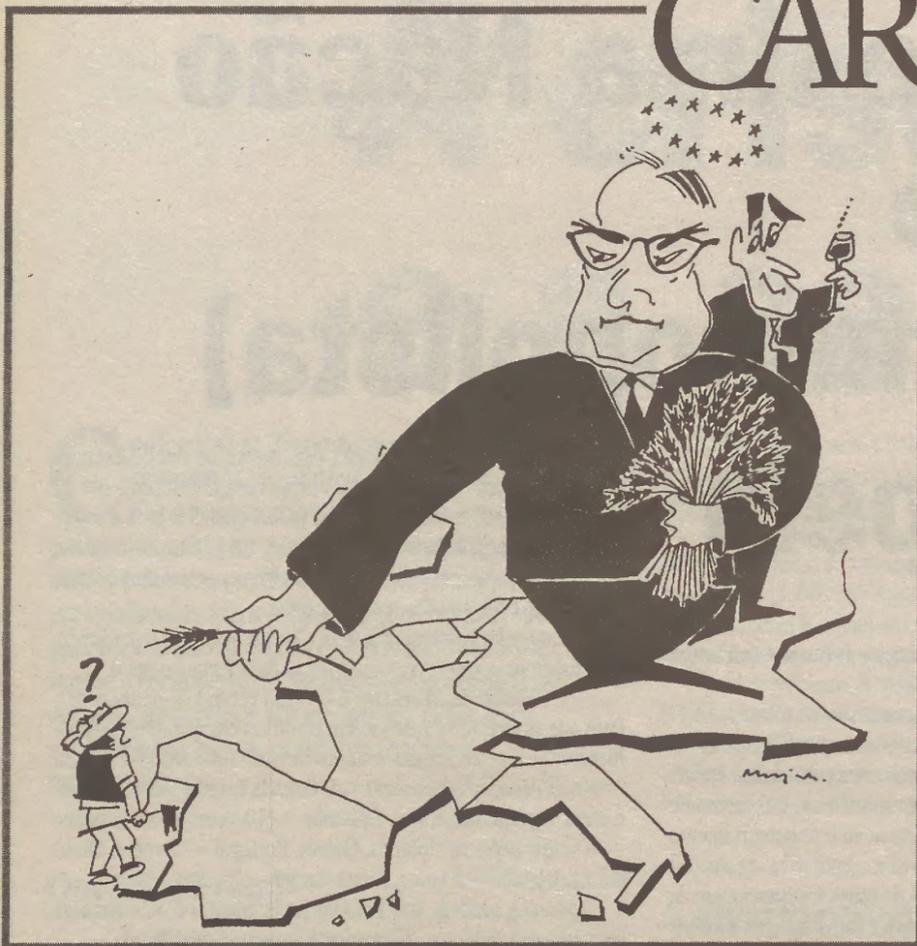
tância. As grandes potências, designadamente a Alemanha, aumentam o número dos seus deputados: o PE tinha primitivamente 518 deputados, que incluíam 81 da Alemanha, e outros tantos da França, Itália e Grã-Bretanha. Portugueses eram 24. Hoje há 567 deputados no total, dos quais 99 são alemães. Portugueses, há apenas mais um: são agora 25...

Refira-se ainda que a justiça está entregue ao Tribunal de Justiça e ao Tribunal de Contas.

Como órgãos consultivos há ainda o Comité Económico e Social e o Comité das Regiões. Ambos com 189 membros. Em cada um deles, 12 são portugueses... Há proporções piores: sempre são 6%! Se não falam, ao menos ouvem...

O federalismo da perda de soberania e da consagração e agravamento da desigualdade dificilmente é o caminho da liberdade. Mas é facto dominante do estado da Nação.

# PONTOS CARTEAIS



## Com amor se paga

Alemanha. Em resposta a insistência do Partido do Socialismo Democrático, o governo Kohl teve recentemente de dar a conhecer ao Bundestag um (excessivamente breve) balanço de algumas actividades dos neonazis. 23 378 casos de violência. Em 9149 deles, as vítimas foram imigrantes. 703 tiveram carácter anti-semita. Abertos 16 050 inquéritos, sem qualquer resultado. Só 2191 casos deram lugar a processos. Mas 9 em cada 10 crimes neonazis ficaram impunes. E as penas, quando aplicadas, foram leves, e muitas vezes suspensas. Por outro lado, os resultados de várias eleições, este ano, na Alemanha, mostra que grande parte dos eleitores neonazis votou agora no partido do Chanceler Kohl...

## Os «spots» do Governo

«Impensável e ilegal», foi como um elemento do Conselho Superior do Audiovisual francês considerou ser, em França, «a difusão de qualquer tipo de propaganda governamental na televisão ou rádios», segundo escreve no «Diário de Notícias» o seu correspondente em Paris. Em Londres, entretanto, outro correspondente desse jornal afirma que «os britânicos não imaginam sequer a possibilidade de John Major lhes aparecer, na televisão, entre um comercial de sabonete e outro de uma cerveja».

Em duas capitais europeias, portanto, o que se passou em Itália, com Berlusconi, não se passaria em televisões do Estado. E, enquanto a RAI italiana já decidiu suspender a publicidade governamental — não apenas porque a oposição se opôs, mas porque na maioria de direita houve parceiros que levaram a mal —, a publicidade continua nas privadas que Berlusconi controla.

Quanto a Portugal, ninguém se surpreenderia. Embora o DN se não tenha dirigido propriamente à oposição, o certo é que toda a gente sabe que Cavaco, com «spots» ou sem eles, aparece na TV do Estado, sozinho ou acompanhado de ministros, e o Governo não se cansa de propagandear os seus feitos, nem que seja à custa do lixo para esconder em aterros ou desfazer em fumos. O Governo, em Portugal, não precisa propriamente de «spots». E se o primeiro-ministro fosse Balsemão, nem sequer a TV do Estado era necessária...

## O português vai nu

Desde tempos imemoriais que há estátuas e pinturas de gente tão nua como veio ao mundo. Também é verdade que, ao longo dos tempos, sempre houve quem magoasse os olhos e a alma ao ver tão cruamente — sem nenhuma fantasia a cobri-la — a nudez das estátuas e das pinturas. Há por esse mundo fora sixtinas inteiras com gessos a tapar as cruzeiras e cores a esconder «vergonhas». E sempre esses pudores disfarçavam inconfessáveis razões.

O que aconteceu em Tondela e a imprensa tem relatado, é um desses casos que, nestes tempos de rabo ao léu, não deixa de ter a sua graça. Consta que os emigrantes ficaram chocados com a nudez de uma estátua que pretendia homenageá-los, representando-os. «Os contestatários», diz o DN, «põem em causa a nudez da estátua, pois, dizem, ninguém parte da sua terra nu como um desgraçadinho». Esquecimento de tempos difíceis?

Um vereador da terra, explica por sua vez: «A figura humana despida serve simplesmente para simbolizar a falta de condições materiais que têm na sua terra natal, razão pela qual partem para o estrangeiro». Mas se era isso mesmo que alguns hoje pretendem esconder!...

## FRASES da SEMANA

«Para procurar leis justas e uma sociedade ordenada, mais protegida de ameaças, não se faz obras de engenharia constitucional. A Constituição prevê ser corrigida em pontos específicos. Mas certamente não subvertida; e sem golpes de maioria, mas por decisão e acordo dos cidadãos.»

«(do manifesto de intelectuais italianos sobre os riscos da liberdade e da democracia em Itália - «Público», 4.08.94)

«Seria uma verdadeira antecâmara da ditadura a aplicação de leis e normas que impedissem no futuro a minoria de proceder a uma eventual transformação; se tal for a vontade popular maioritária.»

«(idem)

«A dimensão mítica da Constituição como boceta de Pandora que periodicamente haveria que esvaziar, por meio de revisão constitucional tem defraudado o mecanismo de revisão.»

«(idem)

«Insistir em revisões constitucionais tão abrangentes é caminhar para a flexibilização da Constituição, deixando esta de ser base do ordenamento jurídico para se transformar num texto incapaz de servir como paradigma de referência e controlo.»

«(idem)

«Manuel Monteiro começa a ter um hábito grave: muda de opinião todas as semanas.»

«(Nuno Brederode dos Santos - «Expresso-Revista», 6.08.94)

«Se me candidatar (à Presidência da República) lanço um partido.»

«(Basílio Horta - «Expresso», 6.08.94)

«Eu e Cavaco Silva sempre pensámos arranjar para Lisboa alguém prestigiado, que tivesse quase uma espécie de efeito Clinton.»

«(Isaltino de Morais - «O Independente», 5.08.94)

«Deve começar a ser muito difícil dirigir um partido onde um grande número de militantes já não se move por convicção ou idealismo mas por oportunismo ou por interesse.»

«(José António Saraiva, «Política à Portuguesa» - «Expresso», 6.08.94)

«Para celebrar o cinema, o melhor é fazer filmes.»

«(Michel Piccoli - «Público», 4.08.94)

## PONTOS NATURAIS

### Viagem Dentro da Gaveta

#### Seara de crimes

Para fazerem um favor aos seus colegas de Brooklin, os detectives Madigan e Bonaro perseguem e prendem Barney, um velho criminoso procurado pela investigação. Barney desarma-os e consegue escapar de novo. Entretanto, descobre-se que o criminoso estava envolvido noutra assassinato...

#### Dallas

Katherine coloca em confronto Naldo, Yienna e Bobby, mas não fica satisfeita. Roy e Donna descobre o segredo utilizado para fazer chantagem com Randolph...

#### Furillo em acção

O capitão Furillo tenta ajudar um polícia ainda inexperiente na investigação de um caso de tiroteio em que ele é acusado de ter colocado uma arma nas mãos de um suspeito já morto...

Hill e Renko procuram reconhecer um rosto entre os cadáveres e Bates ataca com violência um antigo apaixonado...

#### Antiguidades

Edward e Nicole estão interessados em duas moedas romanas oferecidas a um museu por James Bexton, ao que parece, um famoso vigarista...

Quem ficará com a antiguidade? Lovejoy, o Estado ou um estranho criminoso conhecido por fazer-se sempre acompanhar de um machado?

#### Turner

O coronel Turner não consegue ordenar a execução do cientista, contrariando a vontade do seu adjunto, um homem cruel e vingativo...

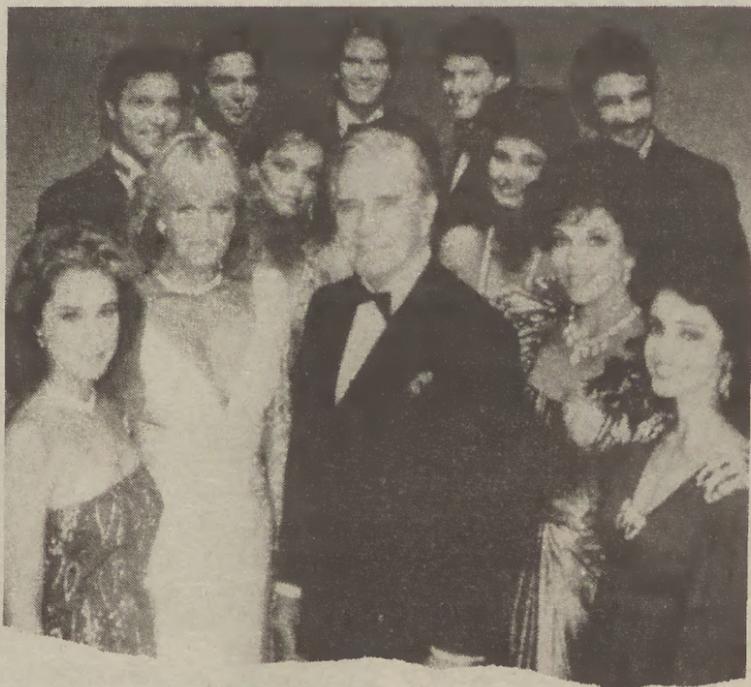
#### Suspense!

Arthur Lambert procura sempre enaltecer a sua imagem. Mas

Nick, que mantém importantes contactos com o mundo do crime, tem outra opinião...

#### Infidelidade - I

O marido de Carolyn morrerá há já alguns anos. No entanto, ela teme que aquele ainda lhe venha a cobrar algumas infidelidades que cometeu no passado...



#### Infidelidade - II

A mãe de Maddie desconfia que o marido lhe é infiel. Disso dá conta à filha. Esta começa a investigar e descobre que...

#### Código de silêncio

A Brigada Especial tenta entrar em contacto com a Máfia local, na sequência de um assassinio no mercado...

Luigi Parisi aparece assassinado. Todas as pistas indicam que a Família Caruso, uma espécie de máfia local, é responsável pelo caso. Mas todos optam por um silêncio total.

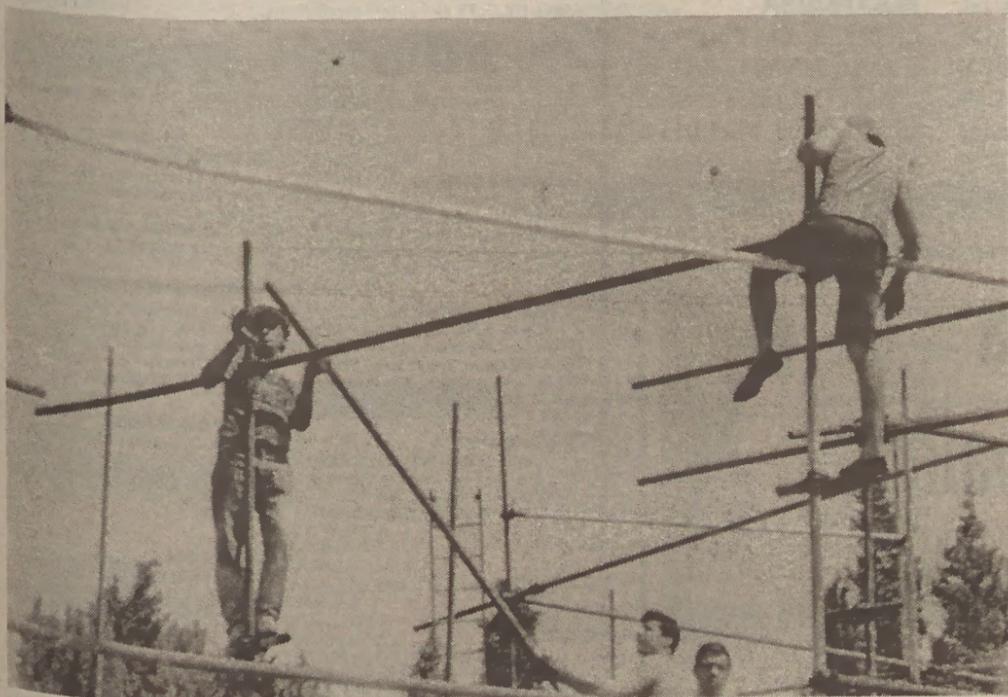
Uma história sórdida de intriga e paixão.

(Extractos de alguns resumos fornecidos à imprensa pela RTP)

Mário Castrim

*Vamos  
 construir  
 a Festa!*

No passado fim-de-semana foi assim, como as fotos mostram. Trabalho voluntário, muito e variado, à espera do jeito, do saber de ofício ou da simples boa vontade. Que dá direito ainda a bons momentos de convívio



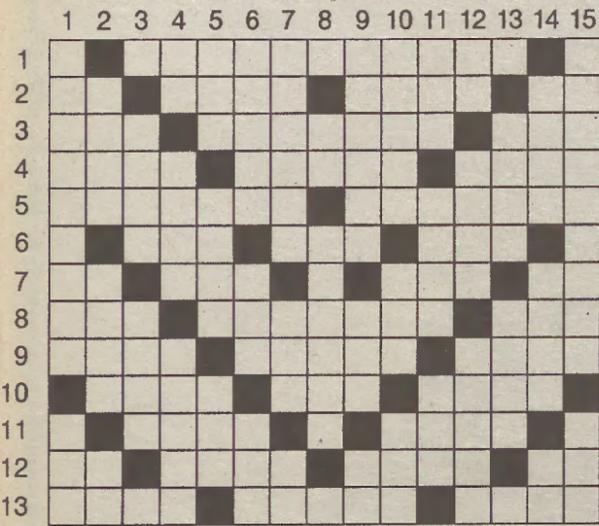
No próximo fim-de-semana, que se prolonga com o feriado de segunda-feira, há mais. E muitos militantes e amigos não deixarão de participar



**É que só faltam 3 semanas**



## PALAVRAS CRUZADAS



**HORIZONTAIS:** 1 — Sarapintados. 2 — Índio (s.q.); vai com grande rapidez; licor de erva-doce; ouro em França. 3 — Lista: conduzir à força; acolá. 4 — Vila no distr. de Portalegre; erudita; antigo canhão. 5 — Velhacos; tolice. 6 — Marido de Fátima e genro de Maomet; Rio da Suíça; Deus dos muçulmanos. 7 — Piedade; pedra de altar; vazia; prep. 8 — Eternidade; com má cor; gracejar. 9 — Rio que banha Alcácer do Sal; não acentuada; completa. 10 — Pref. neg.; nascido; habitação; letra grega. 13 — Lume; vento leste entre os gregos; em forma de ovo.

**VERTICAIS:** 1 — Monumentos do Antigo Egipto que serviam de túmulos reais; sistema montanhoso marroquino. 2 — Novidade; o seu pão de ló é afamado; pedra de amolar. 3 — Antigo instrumento musical de cordas; composições poéticas. 4 — Quarto; cabedal; digo a minha opinião. 5 — Hora canónica; fita; iça. 6 — Seródio; gosta apaixonadamente; prep. 7 — Elegante; amarro; alternativa. 8 — Ouro (s.q.); o nascer do Sol. 9 — Dissipar; nome de letra; Cobalto (s.q.). 10 — Dólmene; panela; defeito. 11 — Espaço de tempo; bocado; pron. pess. 12 — Ósmio (s.q.); quadro; pedaço de lenha meio queimado. 13 — Cantiga; a dos ventos indica-nos os pontos cardeais. 14 — Perfume; irmã de Pigmalião fundadora de Cartago; forma redutiva de rapaz. 15 — Uma das quatro estações; sinal ortográfico.

## SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

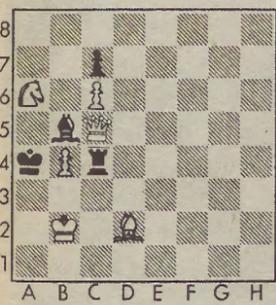
**HORIZONTAIS:** 1 — Tupis; Uno; Incas. 2 — Imã; casacão; até. 3 — Relá; ratão; odor. 4 — Ormuz; dós; crime. 5 — Loa; eia; olé; son. 6 — És; rum; opa; Só. 7 — Rés; iam; ala. 8 — Vai; odres; ola. 9 — Passado; sarrafo. 10 — Iró; ré; LI, Sir. 11 — Rã; nu; rio; má; MC. 12 — Pó; feliz; tá. 13 — Ulisses; lazeres.

**VERTICAIS:** 1 — Tirolês; Pireu. 2 — Úmeros; vara. 3 — Palma; raso; pi. 4 — Au.; reis; nós. 5 — Sc.; Zeus; aru. 6 — Ar; im; ode; fé. 7 — Usada; ido; rés. 8 — NATO; par; FIL. 9 — Ocaso; mês; oil. 10 — Ao; jó; sal; za. 11 — Io; cepa; rim. 12 — Or; alor; até. 13 — Cadis; alas; ar. 14 — Átomos; afim. 15 — Serenos; orcas.

## XADREZ

CDLXXII - 11 DE AGOSTO DE 1994  
PROPOSIÇÃO Nº 1994X057  
Por: P.A. ORLIMONT  
V. 5946. Deutsches Wochenschach,  
25.IX.1904

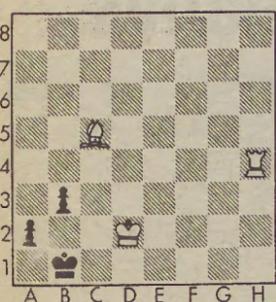
Pr: [4]: Pç7 - Bb5 - Tç4 - Ra4  
Br: [6]: PS.b4, Ç7 - Ca5 - Bd2 - Dç5 - Rb2



Mate em 3 lances

PROPOSIÇÃO Nº 1994X058  
Por: H. WEENINK  
Algemeen Handelsbead,  
1919

Pr: [3]: PS. a2, b3 - Rb1  
Br: [3]: Bç4 - Th4 - Rd2



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDLXXII

Nº 1994X057 [P.A.O.]: 1. Df5!, Tç6; 2. Dç5!, Tç5; 3. Cç5++

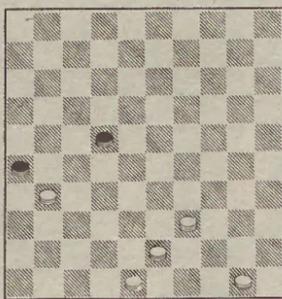
Nº 1994X058 [H.W.]: 1. Th1+, Rb2, 2. Th3, al=D; 3. T:b3+, Ra2; 4. Rç2, Dd4; 5. Tç3+ e.g.

A. de M. M.

## DAMAS

CDLXII - 11 DE AGOSTO DE 1994  
PROPOSIÇÃO Nº 1994D057  
Por: M. VASSEUR - FR., 1933  
Fonte: 1001 Miniatures, Londres 1938

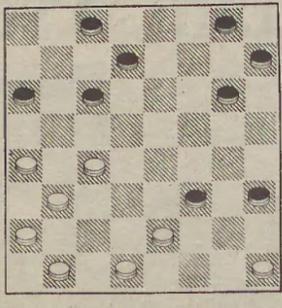
Pr: [2]: 22-26  
Br: [5]: 31-39-43-48-50



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO Nº 1994D058  
GOLPE Nº 81  
Por: JACINTO JOAQUIM  
Tomar, 14.VI.1956

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 12-16, 21-17; 5. 9-13, 28-2; 6. 11-14, 26-21; 7. 13-18, 22-13; 8. 7-12, 13-9; 9. 6-11, 17-13; 10. 10-26, 30-21; 11. 11-15, 29-26; 12. 2-6



Pretas jogaram: 12. ..., 21-17 e perderam!

SOLUÇÕES DO Nº CDLXXII

Nº 1994D057 [M.V.]: 1. 39-33!, (26x37); 2. 33-28!, (22x33); 3. 50-45!, (33-31); 4. 43x34, -SE; 5. ... (41-47=D); 6. 42-38+ SE; 3. ... (37-41); 4. 43-38+

Nº 1994D058 [J.J.]: 13. 6:13, 17:10; 14. 3-6, 10-3-D; 15. 1-5, 9-2-D; 16. 15-20, 24:15; 17. 12-28, 31:24; 18. 4-7, 3:12; 19. 8:15, 2:20; 20. 16:30=D+

A. de M. M.

## TEATRO

## CONVENIENTE

Lisboa, Rua dos Remolares, 40. Tel. 3472487. Todos os dias às 22h. **JOGOS DE NOITE**, textos de Stig Hagermann, encenação de Mónica Calle (até 14 de Agosto)

## FACULDADE DE LETRAS

Lisboa, Alameda da Universidade. Tel. 7970969. De 4ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00: **OLEANNA**, de David Mamet, encenação de João Lourenço (até 28 de Agosto)

## TEATRO ABERTO

Lisboa, Pç. de Espanha. Tel. 7970969. 6ª e sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **ALGUÉM OLHARÁ POR MIM**, de Frank McGuinness, encenação de João Lourenço (até 28 de Agosto)

## TEATRO MIRITA

**CASIMIRO**  
Monte Estoril, Lg. do Cruzeiro. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**, de Frances Goodrich e Albert Hacquet, encenação de Carlos Avilez

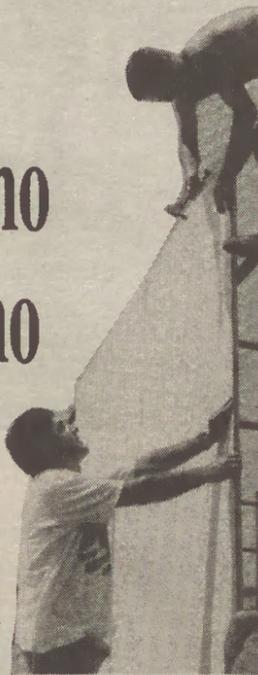
## TEATRO DO SÉCULO

Lisboa, R. do Século, 41. Tel. 3429992. De 5ª a dom. às 22.00. **RESÍDUOS**, de Samuel Beckett, adaptação e encenação de José Meireles (até 4 de Setembro)

## TEATRO POLITEAMA

Lisboa, R. das Portas de S. Antão. Tel. 3431200. De 3ª a 6ª às 22.00, sáb. e dom. às 16.00 e 22.00. **MALDITA COCAÍNA**, texto e encenação de Filipe La Féria

# Jornada de Trabalho do concelho de Sintra na Atalaia



Sábado e domingo

Transporte assegurado  
Partida do CT do Cacém às 8 h.



## FILMES

## QUINTA, 11

## Águilas em Alerta

«A Gathering of Eagles» (EUA/1962). Real: Delbert Mann. Int: Rock Hudson, Mary Peach, Rod Taylor, Barry Sullivan. Cor, 111 min. Ver Destaque. (14.35, TV 2)

## O Que Elas Querem é Casar

«Ask Any Girl» (EUA/1959). Real: Charles Walters. Int: Shirley MacLaine, David Niven, Gig Young, Rod Taylor, Jim Bakus. Cor, 97 min. Comédia. (16.15, SIC)

## Morte ao Luar

«The Clearing» (EUA/1991). Real: Vladimir Alenikov. Int: George Segal, Tamara Tana, Nikolai Kochegarov. Cor, 88 min. «Thriller». (00.10, Canal 1)

## SEXTA, 12

## Os Prados do Céu

«The Green Pastures» (EUA/1936). Real: William Keighley e Marc Connelly. Int: Rex Ingram, Osgood Polk, Eddie Anderson. P/B, 90 min. Ver Destaque. (14.35, TV 2)

## A Via Láctea

«The Milky Way» (EUA/1936). Real: Leo McCarey. Int: Harold Lloyd, Adolphe Menjou, Verree Teasdale, Helen Mack. P/B. 87 min. Comédia. (15.30, SIC)

## A Terceira Geração

«Der Dritte Generation» (RFA/1979). Real: Rainer Werner Fassbinder. Int: Hanna Schygulla, Eddie Constantine, Margit Carstensen, Bulle Ogier. Ver Destaque. (00.35, SIC)

## O Papá das Pernas Altas

«Daddy Long Legs» (EUA/1955). Real: Jean Negulesco. Int: Fred Astaire, Leslie Caron, Terry Moore, Thelma Ritter. Cor, 125 min. Ver Destaque. (01.15, Quatro)

## Bonecos Mortais

«Dolls» (EUA/1987). Real: Stuart Gordon. Int: Ian Patrick Williams, Carolyn Pundy-Gordon, Carrie Lorraine, Guy Rolfe. Cor, 74 min. Horror. (01.20, Canal 1)

## SÁBADO, 13

## Cartouche

«Cartouche» (Fr./It./1964). Real: Philippe de Broca. Int: Jean-Paul Belmondo, Claudia Cardinale, Odile Versois. Cor, 110 min. Ver Destaque. (11.55, TV 2)

## E o Céu Ficou em Chamas

«The Blazing Forest» (EUA/1952). Real: Edward Ludwig. Int: John Payne, Richard Armen, Agnes Moorehead. Cor, 87 min. Aventuras. (15.00, SIC)

## A Guerrilha de Sharpe

«Sharpe's Eagle» (EUA/1982). Real: Tom Clegg. Int: Sean Bean, Assumpta Serna, Brian Cox, Daragh O'Malley. Cor, 106 min. Telefilme. (15.35, Canal 1)

## O Aventureiro

«Doc Savage - The Man of Bronze» (EUA/1975). Real: Michael Anderson. Int: Ron Ely, Paul Gleason, Bill Luttinger. Cor, 100 min. Ficção Científica. (17.00, Quatro)

## Caidos do Céu

«Caídos del Cielo» (Perú/Esp./1990). Real: Francisco Lombardi. Int: Gustavo Bueno, Diana Quijano, Leonina Antonia. Cor, 122 min. Drama. (22.05 ou 22.30, TV 2)

## Hugh Haffner,

## O Patrão da Playboy

«Hugh Haffner: Once Upon a Time» (EUA/1992). Produção de David Lynch e Mark Frost. Cor-P/B, 90 min. Documentário. (00.10, SIC)

## O Embate

«Collision Course» (EUA/1988). Real: Lewis Teague. Int: Pat Morita, Jay Leno, Chris Sarandon, Ernie Hudson. Cor, 94 min. Comédia de Acção. (00.10 ou 01.00, Canal 1)

## 8 Milhões de Maneiras Para Morrer

«8 Million Ways to Die» (EUA/1986). Real: Hal Ashby. Int: Jeff Bridges, Rosanna Arquette, Alexandra Paul, Andy Garcia. Cor, 115 min. Policial. (00.30, Quatro)

## As Asas do Perigo

«Wings of Danger» (Gr.Br./1952). Real: Terence Fisher. Int: Zachary Scott, Robert Beatty, Kay Kendall, Naomi Chance. P/B, 70 min. Policial. (01.45 ou 02.35, Canal 1)

## DOMINGO, 14

## A História de Oliver

«Oliver's Story» (EUA/1978). Real: John Korty. Int: Ryan O'Neal, Candice Bergen, Ray Milland. Cor, 90 min. Romântico. (13.15, SIC)

## Viagem ao Centro da Terra

«Journey to the Center of the Earth» (EUA/1993). Real: William Dear. Int: David Dundara, Farrah Fok, Francis Guinan. Cor, 96 min. Aventuras. (14.45, Quatro)

## Smith

«Smith!» (EUA/1969). Real: Michael O'Herlihy. Int: Glenn Ford, Nancy Olson, Dean Jagger, Keenan Wynn, Warren Oates. Cor, 97 min. Ver Destaque. (15.50, Canal 1)

## Suspiros

«Whispers» (EUA/1990). Real: Douglas Jackson. Int: Victoria Tennant, Chris Sarandon, Jean LeClerc. Cor, 96 min. «Thriller». (22.30, SIC)

## Diagnóstico do Destino

«The Doctor» (EUA/1991). Real: Randa Haines. Int: William Hurt, Christine Lahti, Elizabeth Perkins, Mandy Patinkin. Cor, 118 min. Ver Destaque. (23.25, Canal 1)

## Vilões e Anões

«Auch Zwerge Haben Klein Angefangen» (RFA/1970). Real: Werner Herzog. Int: Helmut Doring, Gerd Gickel, Paul Grauer. P/B, 93 min. Sátira. (23.30, TV 2)

## SEGUNDA, 15

## Kim

«Kim» (EUA/1950). Real: Victor Saville. Int: Errol Flynn, Dean Stockwell, Paul Lukas, Robert Douglas, Thomas Gomez. Cor, 108 min. Aventuras. (14.00, TV 2)

## Os Especialistas

«Les Spécialistes» (Fr./1984). Real: Patrice Leconte. Int: Bernard Giraudeau, Gérard Lanvin, Christiane Jean. Cor, 90 min. Aventuras. (14.20, SIC)

## As Minas do Rei Salomão

«King Solomon's Mines» (EUA/1950). Real: Compton Bennett e Andrew Marton. Int: Deborah Kerr, Stewart Granger. Cor, 105 min. Ver Destaque. (15.30, Quatro)

## O Anjo das Sombras

«The Guardian» (EUA/1990). Real: William Friedkin. Int: Jenny Seagrove, Dwier Brown, Carey Lowell, Brad Hall. Cor, 93 min. Horror. (22.30, SIC)

## Os Príncipes

«Les Princes» (França). Real: Tony Gatlif. Int: Gérard Darmon, Muse Dalbray, Dominique Maurin, Hagop Arslanian. Cor, 96 min. Documentário. (00.20, Canal 1)

## TERÇA, 16

## Segunda Vitória

«The Second Victory» (Gr.Br./1985). Real: Gerald Thomas. Int: Anthony Andrew, Max Von Sydow, Helmut Griem. Cor, 98 min. Policial. (14.05, TV 2)

## «Mad Bull»

(título português não fornecido - EUA/1977). Real: Walter Doniger e Len Steckler. Int: Alex Karras, Susan Anspach. Telefilme. (14.20, SIC)

## Entre Linhas

«Between the Lines» (EUA/1977). Real: Joan Micklin Silver. Int: John Heard, Lindsay Crouse, Jeff Goldblum. Cor, 101 min. Ver Destaque. (22.30, TV 2)

## História, Precisa-se

«The Dark Road» (Gr.Br./1947). Real: Alfred Goulding. Int: Roddy Hughes, Anthony Holles, Farmaham Baxter. P/B, 68 min. Melodrama. (01.15, Canal 1)

## QUARTA, 17

## A Vida Apaixonada de Van Gogh

«Lust for Life» (EUA/1956). Real: Vincent Minnelli. Int: Kirk Douglas, Anthony Quinn, Pamela Brown, James Donald. Cor, 122 min. Ver Destaque. (13.50, TV 2)

## O Herdeiro

«King of the Gypsies» (EUA/1978). Real: Frank Pierson. Int: Eric Roberts, Judd Hirsch, Susan Sarandon, Sterling Hayden, Brooke Shields, Shelley Winters. Cor, 108 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

## Os Fugitivos de Alcatraz

«Escape from Alcatraz» (EUA/1979). Real: Don Siegel. Int: Clint Eastwood, Patrick McGeehan, Roberts Blossom. Cor, 108 min. Ver Destaque. (22.10, Canal 1)

## Nada em Comum

«Nothing in Common» (EUA/1986). Real: Garry Marshall. Int: Tom Hanks, Jackie Gleason, Eva Marie Saint, Hector Elizondo. Cor, 119 min. Comédia. (22.15, Quatro)

## O Jovem Fugitivo

«The Runnin' Kid» (EUA/1988). Real: Max Tash. Int: David Packer, Steven Eckholdt, Brie Howard, Kenneth Tigar. Cor, 96 min. Comédia Dramática. (00.30, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 11

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 «Camp Wildretness»
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.00 Memórias
15.55 Disfarces
16.50 Acção em Miami
17.55 Culinária
18.15 Ana Raio e Zé Trovão
18.55 Lotaria Nacional
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.40 Fera Ferida
21.30 Isto... Só Vídeo
22.00 Manequim do Ano 1994
23.15 Os Inocentes
23.50 24 Horas
00.10 Morte ao Luar
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
13.30 Desporto - Basquetebol
14.35 Águias em Alerta
(ver «Filmes na TV»)
16.30 Aprender com a Vida
17.20 Infantil
17.50 Heróis em Tempo de Guerra
18.45 Desporto - Campeonato da Europa de Atletismo
20.45 Calçada Portuguesa
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.40 Theodor Chindler
23.30 O Grande Irá
00.10 Sexorama
01.05 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicante
13.00 Notícias
13.30 Ora Bolas, Marina
14.00 A Brincar, a Brincar
14.50 Volta a Portugal em Bicicleta
16.15 O Que Elas Querem é Casar
(ver «Filmes na TV»)
18.00 Notícias
18.15 Paraíso
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Volta a Portugal em Bicicleta
20.50 Mulheres de Areia
21.50 Minas e Armadilhas

Sexta, 12

CANAL 1

08.05 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Goal
10.25 Os Raposinhos
10.50 Camp Wildretness
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
14.55 Memórias
15.50 Táxi
16.15 Disfarces
17.05 Acção em Miami
18.25 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.25 Futebol: F.C. Porto-La Coruña
22.30 Fera Ferida
23.20 Jogos Sem Fronteiras
01.00 24 Horas
01.20 Bonecos Mortais
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
12.30 Expedições num Mundo Mágico
13.30 TV2 Desporto
14.35 Os Prados do Céu
(ver «Filmes na TV»)
17.20 Infantil
18.10 Desporto - Atletismo
20.20 Os Alpes
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.10 Fórmula 1
22.25 Remate
00.10 Billie Holiday - The Long Night of Lady Day
01.15 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicante
13.00 Notícias
13.30 A Brincar, a Brincar
14.15 Volta a Portugal em Bicicleta
15.30 A Via Láctea
(ver «Filmes na TV»)
17.10 Notícias
17.30 Ora Bolas, Marina
18.00 Paraíso
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.35 Volta a Portugal em Bicicleta
20.45 Mulheres de Areia
21.45 Moda Roma
21.55 Mini Chuva de estrelas
23.00 Último Jornal
23.20 Volta a Portugal em Bicicleta
23.35 Playboy

Sábado, 13

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.00 Luta Livre Americana
13.00 Notícias
13.10 Made in Portugal
13.40 Heróis do Ar
15.10 Emoções Fortes
15.35 A Guerrilha de Sharpe
(ver «Filmes na TV»)
17.20 Onda de Verão
18.50 Beverly Hills
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.25 Futebol
22.25 Na Paz dos Anjos
23.00 Parabéns
01.00 O Embate
(ver «Filmes na TV»)
02.35 As Asas do Perigo
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

11.00 A Arca
11.55 Cartouche
(ver «Filmes na TV»)
14.10 Musical: «Frank Zappa»
15.00 Acto de Coragem
16.00 Os Amish
20.00 De Lisboa, Com Amor
20.30 Desenhos Animados
20.40 No Cumprimento do Dever
21.30 Nos Bastidores...
22.05 Caídos do Céu
(ver «Filmes na TV»)
00.10 Whoops

SIC

11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.20 Portugal Radical
13.30 Volta a Portugal em Bicicleta
15.00 E o Céu Ficou em Chamas
(ver «Filmes na TV»)
15.15 Volta a Portugal em Bicicleta
16.40 Passageiro Imprevisto
17.00 Curvas Perigosas
18.00 Lei e Ordem
19.00 Minas e Armadilhas
20.00 Jornal da Noite
20.40 Volta a Portugal em Bicicleta
20.50 Mulheres de Areia
21.50 Moda Roma
22.00 Os Trapalhães
23.00 A Brincar, a Brincar
23.50 Volta a Portugal em Bicicleta
01.10 Hugh Hefner, o Patrão da Playboy
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

08.00 Animação
09.30 Lassie
10.00 Peregrinação Nacional do Emigrante
13.00 Contra-Ataque
14.00 Top 25
14.35 Estrela

Domingo, 14

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.30 Sem Limites
13.00 Notícias
13.10 Blossom
13.40 Top +
14.30 Dinossauros
15.00 Missão Impossível
15.50 Smith
(ver «Filmes na TV»)
17.40 Onda de Verão
19.15 Os Simpsons
19.45 Joker
20.00 Jornal de Domingo
20.30 Casa Cheia
21.10 Na Paz dos Anjos
22.10 Sozinhos em Casa
22.30 Tramas de Seda
23.35 Diagnóstico do Destino
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

08.00 Caminhos
08.30 Desporto - Atletismo
09.30 Novos Horizontes
10.45 70 x 7
11.00 Missa
11.55 Forum Musical
12.45 Regiões
13.45 TV2 Desporto
20.00 Amortis
20.30 Artes e Letras: «Waldo Salt»
21.20 Desenhos Animados
21.30 Desporto - Basquetebol
23.30 Vilões e Anões
(ver «Filmes na TV»)
01.05 Whoops

SIC

11.00 Verão Radical
11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.15 A História de Oliver
(ver «Filmes na TV»)
15.15 Volta a Portugal em Bicicleta
17.30 Portugal
17.50 Tudo pelas Notícias
18.50 Vida Selvagem
20.00 Jornal da Noite
20.40 Volta a Portugal em Bicicleta
20.50 Os Trapalhães
21.30 Labirinto
22.20 Moda Roma
22.30 Suspiros
(ver «Filmes na TV»)
00.25 Último Jornal
00.45 Volta a Portugal em Bicicleta
01.00 Balada de Nova Iorque
02.00 Desporto

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Animação
11.30 Informação Religiosa
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
13.40 Céus de África
14.05 O Sonho do Oeste

Segunda, 15

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Camp Wildretness
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.45 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.05 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.50 Caderno Diário
18.20 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Pátio da Fama
22.30 Contos Assombrosos
23.00 Calor Tropical
24.00 24 Horas
00.20 Os Príncipes
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Missa
13.00 Os Caminhos da Arte
14.00 Kim
(ver «Filmes na TV»)
15.50 Aprender com a Vida
16.40 Sobreviver
17.00 Desporto
18.00 Infantil
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Desaparecidos
20.25 Pólo a Pólo
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.30 Teatro: «Pompas Fúnebres»
23.35 Um Ano em Grande
00.30 Cenários do Crime

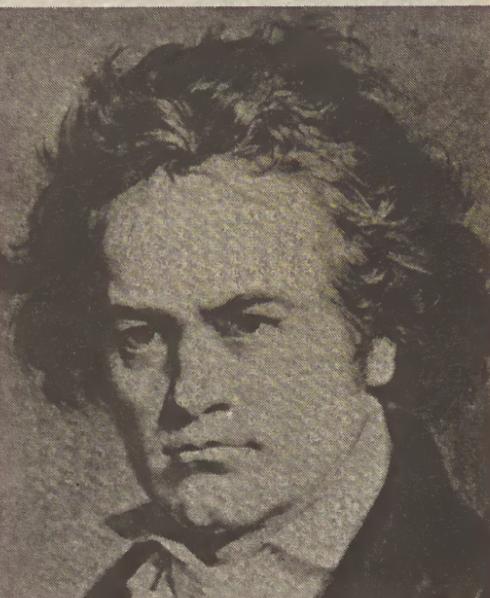
SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicante
13.00 Notícias
13.20 Retrato de Mulher: Eloísa
14.20 Os Especialistas
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.50 Ora Bolas, Marina
22.30 O Anjo das Sombras
(ver «Filmes na TV»)
00.20 Último Jornal

Terça, 16

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Camp Wildretness
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.50 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.10 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.05 Caderno Diário
18.25 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Nico d' Obra
22.00 A Magia de David Copperfield
22.55 Você Decide



Beethoven e os seus Concertos para Piano são tema de uma curta série a apresentar pela TV2, com início quarta-feira

23.55 A Lei das Ruas
00.55 24 Horas
01.15 História, Precisa-se
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Para Além do Ano 2000
14.05 Segunda Vitória
(ver «Filmes na TV»)
15.55 Aprender com a Vida
16.40 Aviões Militares
17.00 Desporto
18.00 Infantil
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.50 A Vida de Joe
20.15 Rotações
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.40 Entre Linhas
(ver «Filmes na TV»)
00.20 As Heroínas de Colette
01.15 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicante
13.00 Notícias
13.20 Retrato de Mulher: Dulcineia
14.20 Mad Bull
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.50 Cenas de Um Casamento
22.50 20 Anos, 20 Nomes
23.55 Último Jornal
00.15 Sim, Sr. Ministro
00.45 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Dama de Rosa
14.00 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
15.30 As Aventuras do Rei Salomão
(ver «Filmes na TV»)
16.50 Flintstones
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 Marés Vivas
21.05 Parker Lewis
21.35 Luzes da Ribalta
23.05 Farmácia de Serviço
24.00 Fora de Jogo
00.15 Aventuroiros

Quarta, 17

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Camp Wildretness
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.10 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.20 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.25 Vamos Jogar no Totobola
21.40 Só Riso
22.10 Os Fugitivos de Alcatraz
(ver «Filmes na TV»)



Beethoven e os seus Concertos para Piano são tema de uma curta série a apresentar pela TV2, com início quarta-feira

00.10 Informação
00.30 O Jovem Fugitivo
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
12.30 Beethoven - Concertos para Piano (1º progr.)
13.50 A Vida Apaixonada de Van Gogh
(ver «Filmes na TV»)
15.55 Aprender com a Vida
16.45 O Barroco nos Caminhos do Ouro
17.00 Desporto
18.00 Infantil
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 A Vida de Joe
20.20 Roanoak
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.30 Grande Noite
23.35 Montparnasse Revisitado
00.30 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicante
13.00 Notícias
13.30 Praça Pública
14.10 O Herdeiro
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Caça ao Tesouro
23.10 Festival Internacional de Circo
01.15 Último Jornal
01.35 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.30 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Dama de Rosa
14.00 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.20 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
16.55 Alf
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 Parker Lewis
20.30 Futebol - Milão-Bayern de Munique
22.15 Nada em Comum
(ver «Filmes na TV»)
00.25 Informação
00.50 Fora de Jogo
01.05 Telemotor



A maravilhosa Billie Holiday numa biografia programada pela TV2: sexta-feira ao fim da noite

23.00 Moda Roma
00.35 Último Jornal
00.55 Volta a Portugal em Bicicleta
01.15 Playboy

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Dama de Rosa
14.00 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Caixa de Perguntas
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.30 Estrela
19.00 Caprichos
19.30 Informação Quatro
20.00 Futebol - Torneio Triangular Italiano
22.50 Duas Faces para o Sucesso
23.20 Farmácia de Serviço
00.15 Informação
00.40 Fora de Jogo
00.55 Modelo e Detective

00.35 A Terceira Geração
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

10.00 Lumen
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Dama de Rosa
14.00 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
15.30 Coisas de Família
15.45 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.30 Estrela
19.00 Caprichos
19.30 Informação Quatro
20.05 Marés Vivas
21.00 Parker Lewis
21.35 Duas Faces para o Sucesso
23.30 Farmácia de Serviço
24.00 Informação
00.25 Fora de Jogo
00.45 O Papá das Pernas Altas
(ver «Filmes na TV»)

17.30 O Aventureiro
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Informação Quatro
20.05 Marés Vivas
21.05 O Jogo do Ganso
00.05 Informação
00.20 Oito Milhões de Maneiras de Morrer
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

15.05 Viagem ao Centro da Terra
(ver «Filmes na TV»)
16.30 Queridos Inimigos
18.30 Duque de Ouros
19.30 Informação
20.05 Futebol - Pádua-Juventus
22.25 Turno da Noite
00.25 Passaporte
00.50 Últimas Notícias
01.05 Caixa de Perguntas



Frank Zappa e a sua música: sábado à hora do almoço

00.30 Boxe
01.10 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Informação Religiosa
11.00 Missa
12.30 O Justiciero
13.30 Dama de Rosa
14.00 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
15.30 As Aventuras do Rei Salomão
(ver «Filmes na TV»)
16.50 Flintstones
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.15 Marés Vivas
21.05 Parker Lewis
21.35 Luzes da Ribalta
23.05 Farmácia de Serviço
23.35 Informação
24.00 Fora de Jogo
00.15 Aventuroiros

## Por isto e por aquilo...

### Águias em Alerta (Quinta, 14.35, TV 2)

Vindo da televisão, o realizador deste filme - Delbert Mann - ganhou alguma notoriedade no início da sua carreira ao realizar dois filmes com argumento de um grande escritor para o cinema - Paddy Chayefsky - mas, apesar de algumas suas obras posteriores lhe terem valido alguns Óscares, nunca foi dos mais entusiasmantes representantes do cinema de Hollywood. O filme que a TV 2 hoje transmite, com uma história que decorre num ambiente militar, tem o à-vontade despachado e oficial que caracterizava o cineasta mas vale, sobretudo, pela presença nos principais papéis de Rod Taylor e Rock Hudson, em particular deste último que tem aqui uma das suas melhores interpretações no cinema.

### Os Prados do Céu (Sexta, 14.35, TV 2)

Mais uma vez verdadeiramente criminosa é a escolha deste horário para a transmissão de um filme que, para além de ser um clássico praticamente desconhecido entre nós, apresenta a particularidade de ser totalmente interpretado por actores negros na transposição para o cinema daquela que foi uma das mais interessantes produções teatrais negras, na encenação de uma fantasia popular sobre as histórias do Velho Testamento contadas com extrema sensibilidade e sentido de humor. Face ao ineditismo e à invulgaridade do filme, é de gravar, para ver depois do trabalho ou da praia.

### A Terceira Geração (Sexta, 00.35, SIC)

Trata-se de uma das melhores obras do realizador alemão R. W. Fassbinder que a SIC nos está a proporcionar. Desta vez, é uma comédia negra que o cineasta polemicamente encena à volta de uma história de terroristas da classe alta - uma viragem temática provocatória e «chocante» que, em plena década de 70, provocou não pequena polémica numa Alemanha ainda mergulhada nas repercussões de anos escaldantes na matéria. A par da eterna Hanna Schygulla, a surpresa de Eddie Constantine...

### O Papá das Pernas Altas (Sexta, 01.15, Quatro)

Aqui está mais uma obra que, de certo modo, marcou o cinema musical norte-americano, embora, visto hoje, proventura se lhe detectem algumas fragilidades sobretudo no que toca à diferença de idades entre Fred Astaire (56 anos) e Leslie Caron (24) - o que vem tornar ainda mais ridículo e inverosímil o sentimentalismo datado do seu argumento - ou ao «mastigar» do seu tempo filmico, patente nos extremamente longos bailados coreografados por Roland Petit, a que escapa um brilhante *Sluefoot*. Para o genérico - e para perdurar durante todos estes anos no ouvido - ficou uma excelente canção de Johnny Mercer: *Something's Gotta Give*. Já não é mau. Reparem, entretanto, a que horas é que isto é transmitido!

### Cartouche (Sábado, 11.55, TV 2)

*Cartouche* é uma deliciosa fita de aventuras, com montes de acção e romance - à maneira dos melhores filmes de *capa e espada* - e, em qualquer caso, das melhores obras de um cineasta (Philippe de Broca), irregular nos tempos iniciais da *nouvelle vague* mas que depois enveredou, com proveito, pelo género *comédia* de grande orçamento. A história é a do célebre bandido do séc. XVIII parisiense, uma espécie de *Robin Wood* à francesa, a que Jean-Paul Belmondo, irresistível e acrobático à maneira de um Errol Flynn ou um Douglas Fairbanks, dá o necessário tom. Ele e Claudia Cardinale parece nunca terem estado tão bem no cinema. Inconcebível, entretanto, é passar-se *Cartouche* a meio da manhã de um sábado com Verão, sol e praia à espera! Tanto mais que, para este horário, têm sido relegadas fitas em geral mediocres (que, aliás, melhor não merecem), o que acabou por caracterizá-lo como um espaço menor.

### Smith (Domingo, 15.50, Canal 1)

Simpático, bem feito quanto basta, este *western* produzido pelos estúdios Disney tem a caracterizá-lo o facto de alguém que o povoa - como o fazendeiro interpretado por Glenn Ford - ser amigo dos índios, o que não deixa de ser uma originalidade.

### Diagnóstico do Destino (Domingo, 23.25, Canal 1)

Poderíamos estar aqui perante um filme que, primariamente escrito e realizado, se arriscaria a constituir um veículo demagógico de gratuito ataque à classe médica - dos que agora tão em voga estão, quase sempre para alimentar o sensacionalismo dos *telejornais*, nas peças de informação sobre a (importante mas delicadíssima) temática da *prestação dos cuidados de saúde* ou da *negligência médica* em que a investigação séria, prudente e conscienciosa do novo *jornalismo-vedeta* em regra estão completamente ausentes. Mas parece que não. As referências dizem-nos que esta é a história, credível, de um reputado médico que, de súbito atingido por uma doença gravíssima, se vê também ele confrontado com a burocracia, o desprezo pelo doente e a insensibilidade e arrogância profissional dos seus pares - que era, também, a sua postura quando cidadão são. Um filme com o qual tantos espectadores certamente se identificarão, realizado sem grande brilhantismo mas alguma eficácia por uma cineasta relativamente desconhecida - Randa Haines - e em que se destaca, sobretudo, a interpretação de William Hurt.

### As Minas do Rei Salomão (Segunda, 15.30, Quatro)

Claro que se aconselha ao espectador que coloque a sua inteligência em repouso, caso contrário mui justamente escandalizado ele ficaria com os tíques racistas e a mentalidade colonialista que transpiram por todos os poros deste conhecidíssimo filme de aventuras. Entretanto, se a palavra *kitsch* tem alguma tradução visual no cinema, ela vem-nos aos lábios ao contactarmos com os modos de produção e realização deste grandioso espectáculo à boa maneira da M.G.M., na segunda adaptação ao cinema da obra homónima de Rider Hag-



Kirk Douglas, em «A Vida Apaixonada de Van Gogh», de Vincent Minnelli

gard - aqui acrescentada da história das tórridas relações entre uma delicadíssima *lady* britânica (Deborah Kerr) e o intrépido guia (Stewart Granger) de uma expedição em África em demanda de uma lendária mina de diamantes. É precisamente o lado do espectáculo e do divertimento que ficou a marcar este filme que a *Quatro* avisadamente colocou na *matinée* de um feriado. Convenhamos que, tão conhecido que é, não merecia mais.

### Entre Linhas (Terça, 22.30, TV 2)

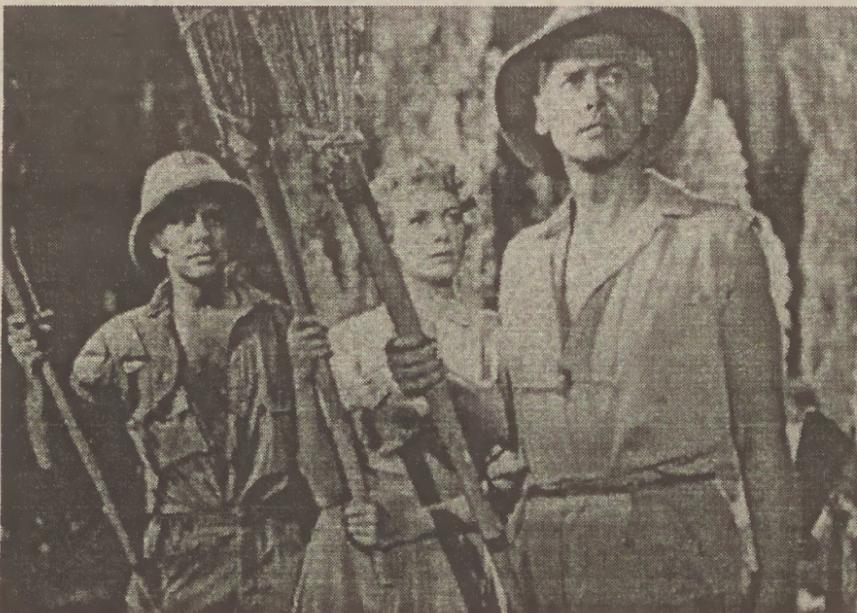
A curiosidade deste filme - cuja história gira à volta dos problemas vividos pelos redactores de um jornal independente em vésperas de ser comprado por um magnate do ramo - reside na descoberta, no seu elenco, dos rostos de jovens actores e actrizes, hoje de primeiro plano, que, à época, ensaiavam os primeiros passos no cinema.



Rex Ingram e Eddie Anderson, dois dos principais intérpretes de «Os Prados do Céu», de William Keighley e Marc Connelly



Claudia Cardinale e Jean-Paul Belmondo, o irresistível par de «Cartouche», de Philippe de Broca



Richard Carlson, Deborah Kerr e Stewart Granger, em «As Minas do Rei Salomão», de Compton Bennett e Andrew Marton

### A Vida Apaixonada de Van Gogh (Quarta, 13.50, TV 2)

Raramente o cinema de Hollywood retratou de forma tão rigorosa a biografia de artistas célebres. Mas, vindo de um cineasta como Minnelli, talvez

cúmplices da tenebrosa prisão da ilha de Alcatraz - precisamente tida como «aque-la de que era impossível fugir». Os fugitivos jamais foram encontrados e a prisão seria encerrada um ano depois. Clint Eastwood tem aqui um grande momento na sua carreira, numa obra que ficou como um modelo clássico do género.



Um fotograma de «O Herdeiro», de Frank Pierson

isso não constitua surpresa, independentemente do facto de ser apesar de tudo notável a recusa das fórmulas do «espectáculo pelo espectáculo» privilegiando, muito mais, o apego aos factos, nomeadamente as complexas relações de Van Gogh com Gauguin. Quanto ao resto, basta o espectador apreciar a evolução da própria cor durante o filme para se dar conta do respeito do realizador pela obra do grande pintor, na sua descoberta progressiva da criação, do talento, da exigência interior.

### O Herdeiro (Quarta, 14.20, SIC)

(Quarta, 14.20, SIC)

Neste filme em que constantemente o espectador se sente a traçar inevitáveis paralelos e comparações com a saga *O Padrinho*, de Coppola, o cinema americano aborda, pela primeira vez, os costumes e tradições da comunidade cigana nos Estados Unidos, esta situada em Nova Iorque. Só por isso, valeria a pena ver esta curiosa, embora limitada, obra de Frank Pierson, um realizador que já falhara a tentativa de um *remake* de *Nascu Uma Estrela* para Barbra Streisand. Mas, independentemente do tom por vezes insuportavelmente melodramático desta terceira tentativa do argumentista atrás das câmaras, o filme de Pierson vale, às vezes, por uma saudável atmosfera crítica quanto ao modo de vida da classe média, perante o humor feroz e a picante marginalidade de uma comunidade tão incompreensível como incompreendida.

### Os Fugitivos de Alcatraz (Quarta, 22.10, Canal 1)

(Quarta, 22.10, Canal 1)

Realizado com grande contensão de processos por Don Siegel, esta é a crónica (quase documental) da preparação e concretização, a par e passo, da célebre fuga de um criminoso, Frank Morris, e seus dois

■ Francisco Costa

# O Verão do nosso descontentamento

Tem sido sempre assim, nos últimos anos, quando chega o Verão.

Se em período de «vacas gordas» - de meados de Setembro a fins de Junho - o crítico ainda dá tratos de polé à sua boa vontade para encontrar nas programações laboriosamente congeminações pelos responsáveis das várias estações de televisão alguns motivos de interesse que procurem orientar o espectador na separação do pouco trigo para o muito joio, já em época de estio - ansiando por férias ou desesperando por elas já terem acabado - as dificuldades do dito crítico acabam, então, por revelar-se por vezes inultrapassáveis.

Diga-se, de passagem, que o lamentável panorama do audiovisual português, no que toca à televisão, já nem sequer permite a distinção entre «época alta» e «época baixa» - o que aqui fartamente se tem comprovado e documentado. Em boa verdade, dificilmente os mais generosos poderiam ter imaginado o estado de verdadeira miséria a que, em apenas dois anos, iria chegar a oferta dos vários canais - após a abertura da televisão à chamada iniciativa privada. E é ver, agora, nas páginas especializadas da imprensa diária ou semanal, aqueles mesmos que reivindicavam, tão liberais, a abençoada «abertura» mostrarem-se agora saudosos dos tempos em que a aposta no advento das televisões privadas ilusoriamente constituía como que um refúgio e um alibi para a sua distração quanto à exigência - essa sim prioritária - de um verdadeiro serviço público de televisão.

E o resultado está à vista: raramente se desceu tão baixo em termos de qualidade televisiva no nosso país.

Por exemplo, no que toca à cultura ou ao divertimento.

Por exemplo, no que toca às séries de televisão.

## Canalhices à solta

Foi na passada sexta-feira.

Debatendo-se, antecipadamente, sobre o que iria discorrer para este número, o escriba de serviço premia aflito os botões do telecomando procurando descortinar, de entre tão «plural» oferta, algo que pudesse aliviar-lhe a inquietação pela falta de assunto.

E, da esquerda para a direita, que via ele? No Canal 1, a enésima versão de um concurso «eurovisivo» em patética crise - os Jogos Sem Fronteiras. Baaah... Na TV 2, a transmissão em diferido de uma corrida de touros. Olééé... Na SIC, essa outra obscenidade que dá pelo nome de Mini-Chuva de Estrelas. Ufffff... E, na Quatro, uma série americana em três episódios com um curioso título de ressonâncias cavaquistas - Duas Faces Para o Sucesso... Resolveu, timidamente, optar por esta. Sempre era uma estreia...

Construída de forma canhestra, macaqueando com indistigável primarismo (logo nas primeiras sequências) aquilo a que os grandes filmes ou as grandes séries televisivas nos habituaram a mostrar (ou, melhor ainda, a sugerir) com sensibilidade e talento - a identificação das situações ou a caracterização das personagens -, o episódio inicial passou o primeiro quarto de hora a fazer desfilar perante nós, num arremedo de montagem paralela, um rol de sujeitos e sujeitas piores que o «Deus me livre», num apressado digest que nem a pior telenovela brasileira jamais terá ousado construir.

Ele era o velho chefe de um potentado financeiro e industrial, à beira da morte num leito de docel cheio de lindos brocados. Ele era a filha mais velha, mancomunada com o advogado da família, sempre à beira do moribundo, sempre a ler a *Businessweek*, mas pronta a substituir-se-lhe no poder. Ele eram os simpáticos filhos da segunda mulher (ex-corista, ex-modelo, mas tão saudosa esposa...) do chefe de família: a pequena tão boazinha, o pequeno tão marcado pelo abandono a que o pai levianamente votara ambos. Ele era um outro filho - este matulão, de musculatura ampla e cachão volumoso, qual garanhão saído de um edificante

episódio do *Playboy-Inside-Out* - o que poderíamos amplamente comprovar pelas cenas de cama perpetradas com a secretária do tal advogado (puro acaso!), uma desenvolta jovem em perseguição de um pedaço da herança e que, por entre suspiros e gemidos, candidamente confessava «estar farta de trabalhar para ganhar dinheiro». Ele era a irmã desta, empregada de bar, também muito dada e letrada, lendo a *Cosmopolitan* por entre o serviço de *cachorros quentes* e *hamburguers*, ansiosa por transmitir calor ao herdeiro mais novo, de algibeiras tilintantes. Ele era o trabalhador moreno e de ar latino, convenientemente apelidado de Torres, despedido sem justa causa pela filha péssima e reivindicando um encontro com o seu velho patrão, tão boa pessoa, que certamente não tinha sido para ali ouvido nem achado. Ele era a ama-governanta de meia-idade, confidente do velho (e quicá sua secreta paixão...) que, desinteressada, na sua sensatez se preparava para optar pelo ramo da família que saísse mais favorecido - o dos (em tempos) abandonados e desprotegidos meninos. Ele era, para não ir mais além, o novo advogado a quem, de sopetão e num golpe de asa, o desfalecido e subitamente vingativo ancião decidira confiar a elaboração de um

novó testamento, gravado em vídeo, imagine-se!

Tudo isto envolto num aparato técnico superficialmente sedutor, com uma fotografia delambida e estandardizada, uma colecção de cenários e adereços ao gosto do mais piroso novo-rico, uma banda sonora padronizada na sua sonoridade de plástico - porque saída da preguiça tímbrica e «orquestral» dos *electrodomésticos* - um amontoado de «arrojados» e artificiais planos picados e contras-

picados invadidos por planos-sequência em movimentos de câmara rebuscados e supérfluos - porque banalizados pelo uso e abuso da *steadycam*.

Este, enfim, o finíssimo conteúdo e a refinadíssima forma de uma série com que logo havíamos de ir esbarrar - uma das maiores colecções de canalhas-por-fotograma que nos últimos tempos nos foi dado a ver na televisão, em mais um exemplo de como, na «inocente» forma de um produto televisivo dito de *diversão* e destinado ao mais amplo consumo, a todo-poderosa indústria televisiva norte-americana se permite fazer transbordar para os canais europeus a vulgarização dos mais retrógrados sentimentos e comportamentos perante a vida e a sociedade.

A referência a esta série vale, apenas, como símbolo de tantas outras que hoje em dia enxameiam os vários canais. A única surpresa (suprema ingenuidade!) é que um produto destes seja transmitido pela TVI, afinal cada vez mais entregue a essa espécie de «inspiração pagã» que decidiu abraçar. Pelos vistos, é preciso desesperadamente facturar.

## Com «o por vir na pedaleira»

Outra dose televisiva habitualmente servida nos meses de Agosto é a *Volta a Portugal em Bicicleta*. O que se compreende, tratando-se de um espectáculo desportivo tão popular em alguns países da Europa, como é notoriamente o caso de Portugal.

Entretanto e surpreendentemente, é com gosto que o crítico desta vez se debruça sobre o *formato* deste ano. Sabe-se (e não vem ao caso escarpelizar aqui os bastidores da «operação») como este ano a transmissão foi parar às mãos da SIC. Honra lhe caiba pela pedalada demonstrada.

Também é relativamente indiferente que, como suporte não negligenciável das transmissões, o *modelo* e alguns dos meios tenham sido fornecidos por uma empresa estrangeira especializada. Escandaloso seria (como é infelizmente a realidade noutros domínios da produção) que tal se passasse com a RTP, obrigada e financiada que é e está para se apetrechar com estruturas, meios e profissionais próprios, em vez de os deixar inactivos, colocando trabalhadores na «prateleira» e esbanjando dinheiro em negócios supérfluos com empresas de vídeo privadas.

O que é mais interessante constatar é que, pela primeira vez na *Volta*, estamos perante uma produção e realização televisiva de altíssima qualidade - coisa que, para a SIC (desde o início das suas emissões verdadeiramente desastradas em matéria de «desporto»), não pode deixar de ser realçado, além do mais porque já estabeleceu um definitivo e incontornável padrão, de obrigatoria referência em futuras ocasiões.

É ainda com gosto que aqui se destaca o grande esforço que os profissionais portugueses da SIC - e, porventura, o de outros fornecedores nacionais de serviços, por ela contratados - estão a demonstrar nesta primeira semana de transmissões da *Volta a Portugal*, com uma capacidade de organização digna de nota, excelente captação de imagem e som ao nível dos meios móveis, em que é notória a assinalável estabilidade dos feixes e de outros dispositivos de transmissão, cuja modernidade e fiabilidade pedem meças aos da RTP (recorde-se a habitual desgraça da *Meia-Maratona de Lisboa*) e as oportunas informações gráficas, sem esquecer o desdobrado e competente trabalho de cobertura em que vêm a primeiro plano a qualidade dos repórteres, em particular a de José Manuel Mestre, e a capacidade de síntese e arrumação de informação do posto fixo comandado por José Augusto Marques.

E já que se fala num excelente trabalho de desporto na televisão, no essencial feito por portugueses, não se estranhe que se reponha a justiça de referirmos uma outra recente e boa cobertura - esta da RTP - que, na altura, aqui ficou sem referência, por falta de oportunidade e espaço: a da transmissão, de qualidade invulgar para o que estamos habituados na casa, do último *Campeonato Mundial de Juniores de Atletismo*. Uma operação televisiva em que mais uma vez se destacaram dois dos melhores comentadores desportivos das televisões portuguesas: Jorge Lopes e Luís Lopes. Os quais, a propósito, mais uma vez estão a ser obrigados a comentar em Lisboa, à distância, o *Campeonato Europeu* da mesma modalidade.

Quem os mandou não se terem especializado em automobilismo?



# de FOICE

## Pesadelo

*Fiquei sem fala quando o meu vizinho do décimo, sempre tão pronto a solidarizar-se comigo nos encontros matutinos do elevador a caminho do emprego, me rosnou de passagem que já era mais do que altura de as mulheres ficarem em casa a coser meias. É verdade que eu o antecederia uns segundos no regresso a casa e ocupara o único lugar disponível no estacionamento do prédio, obrigando-o a ele a deixar o carro no passeio, mas o caso não me parecia justificar o desaforo.*

*Há anos que ninguém me dizia tal coisa e não me lembro de olharem para mim como se fosse a inimiga pública número um, como naquele dia aconteceu. Teria esquecido o incidente se outros não lhe tivessem seguido, nas mais diversas circunstâncias. O homem do talho, por exemplo, habitualmente solícito a atender-me ao fechar da porta na correria costumeira do fim de tarde, brindou-me com um lacónico 'estamos encerrados' sem apelo, enquanto virava ostensivamente as costas e desaparecia numa ocupação súbita atrás do balcão. Na mercearia da esquina, onde, desde a minha chegada ao bairro o sr. José me fornece de queijo fresco, ouvi um surpreendente 'não há, viesse mais cedo' que me deixou de boca aberta. Até o Manel das escadinhas, onde compro regularmente o jornal, resmungou que 'por estas e por outras é que a juventude está como está'. Isto para já não falar no homem do gás, a quem recorro de costume a desoras quando o bico do fogão dá as últimas a meio da cozedura do arroz do jantar, que largou com maus modos a bilha à entrada de casa e foi-se embora dizendo que se não fossem estas modernices há muito que estaria a descansar. Estava já à beira de um ataque de nervos quando a tia Florentina telefonou, excitadíssima, a informar que estava à minha espera, fosse assim que quisesse, muito nos havíamos de divertir as duas lá na terra, as amoras estão como tu gostas e são tantas, filha, vais tirar a barriga de misérias. Mal pude balbuciar um 'mas tia, estou a trabalhar'...*

*A trabalhar? Menina, isso já não se usa. Pois tu não sabes que podes ficar em casa a tratar do menino e ainda te pagam da segurança social? Que o trabalho das mulheres deve ser para os homens que assim deixam de estar desempregados? Que cuidar dos filhos e da família é o nosso natural destino? Que o lugar da mulher é em casa e o mais é perversão? Mas afinal de que estás à espera, menina, para seres finalmente a fada do lar?*

*Acordei alagada em suor ao som da marcha nupcial das cenas de um casamento. Durante uma fracção de segundos não percebi se tinha sonhado ou se era realidade a história que acabara de viver. Lembrei-me depois do noticiário, das propostas do patronato para 'libertar' as mulheres da responsabilidade de uma profissão, da ausência de comentários da UGT e de ver a representante da CGTP a desmascarar a estratégia patronal de sacudir os encargos sociais para as costas dos trabalhadores, a alertar para a rápida desactualização de quem se afasta do posto de trabalho, para a ausência de garantias de possibilidade de regresso ao emprego... Suspirei de alívio. Afinal, que há de mais natural do que um pesadelo para quem se põe a ver televisão?*

*Hoje de manhã, sem querer, olhei desconfiada para o meu vizinho e pareceu-me menos expansivo do que de costume; se logo não tiver queijo fresco, sou mesmo capaz de ficar preocupada.*

■ AF

## Números da Banca dão razão aos trabalhadores

«Está montada uma encenação pelos patrões da Banca para dar a imagem de pretensas dificuldades no Sector, que sirva para justificar a sua fria recusa de actualizar os salários dos trabalhadores, a pressão para novos sacrifícios e para retirar direitos», afirma um comunicado da Comissão Coordenadora Nacional dos Bancários do PCP.

«A verdade, porém, é completamente oposta», sublinha o texto chamando a atenção para o facto de «os números publicados pela própria APB indicam que os Bancos continuam a acumular lucros fabulosos!

«Em 1993, os cinco maiores Bancos, onde trabalham cerca de 30 mil trabalhadores (metade da população bancária), obtiveram mais de 125 milhões de contos de lucros

líquidos, e o conjunto dos Bancos alcançou quase 180 milhões de contos de resultados líquidos. É, aliás, o próprio Presidente da APB, em artigo recentemente publicado na imprensa, que informa que os activos bancários quase quintuplicaram entre 1989 e 1993 (passando de 7 172 para 32 013 milhões de contos!), crescendo em relação ao PIB nacional de 138 para 189 por cento; que mais que duplicou

o número de balcões, reduzindo a média de trabalhadores por balcão de 39 para 19 entre 1987 e 1993, assim demonstrando a enorme elevação de produtividade e a intensificação dos ritmos de trabalho; que a taxa de solvabilidade dos bancos quase duplicou no mesmo período, passando de 4,95 para 9,86 por cento.

«Também nos balancetes já apresentados este ano relativos ao primeiro semestre, os Bancos não conseguem esconder que continuam a ter lucros. Mas recusam actualizar o preço do nosso trabalho. Fazem chantagem com a degradação dos salários para tentarem retirar alguns dos direitos conquistados no ACT.



«Os patrões da Banca agem em sintonia com a política do Governo e com a CIP, CAP e CCP que, na "Concertação Social", querem desregular as relações laborais para terem as mãos livres para mais explorarem e mais oprimirem quem trabalha»

Os comunistas afirmam que sempre estiveram «com os trabalhadores bancários na luta por conquistas tão importantes como, entre outras, o descanso ao sábado, a proibição de despedimentos sem justa causa (muito antes ainda da sua consagração na Constituição)», e apelam a todos os bancários «para lutarem pelos seus direitos e por melhores salários, participando nomeadamente nas acções já anunciadas pelos Sindicatos, e para que saibam recusar com determinação quaisquer pressões e manobras para a troca de direitos por salários, para que saibam unir forças para defenderem a sua dignidade de trabalhadores!»

## CP acumula prejuízos

Num comunicado enviado à comunicação social, a Comissão de Trabalhadores da CP revela que, em Agosto, os prejuízos previstos para este ano para a companhia já excedem os prejuízos de 54 milhões de contos registados até ao fim de 1993 e acusa o conselho de gerência da CP de se encontrar num «estado de desorientação».

Segundo a Lusa, a Comissão de Trabalhadores da CP manifestou na passada terça-feira a sua «profunda apreensão» face ao que classifica de «descalabro financeiro» da empresa.

Na perspectiva dos trabalhadores, que receberam aumentos de 2,5 por cento para uma inflação de 6 por cento, os sucessivos conselhos de gerência têm feito «tudo o que era contrário ao progresso do caminho-de-ferro, aos interesses dos utentes e aos direitos dos ferroviários» e só deixaram por fazer «a verdadeira modernização da rede nacional de caminho-de-ferro».

Para a Comissão de Trabalhadores, o chamado plano de modernização serviu apenas para, nos últimos cinco anos,

suprimir cinco mil postos de trabalho e encerrar 300 estações e mais de mil quilómetros de linha, o que, em vez da pretensão de reduzir a zero os prejuízos da CP, levou ao resultado final de multiplicar esses prejuízos por dez.

Com isso pretendia-se reduzir a zero os prejuízos da CP, que eram de cinco milhões de contos por ano em 1988, mas o resultado final foi o de multiplicar esses prejuízos por dez.

O comunicado da CT termina com um apelo a que a «origem dos prejuízos seja investigada porque os contribuintes é que pagam tudo, afinal».

## Municípios de Setúbal contestam transferência de competências

Debruçando-se sobre o regime da transferência de competências recentemente proposto pelo Ministério do Planeamento e Administração Territorial (MPAT), a Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal (AMDS), após diversas reuniões de trabalho com representantes dos seus associados, decidiu transmitir à Associação

Nacional de Municípios Portugueses a sua discordância de fundo.

Começando por afirmar que tal transferência «só deveria ser discutida em paralelo com a revisão da Lei das Finanças Locais», no sentido de impedir que os municípios «fiquem sujeitos no futuro a decisões arbitrárias do Governo», a Associação considera, ainda, que o «prazo de discussão (...) deverá ser claramente alargado».

Salientando ser óbvia a vantagem na descentralização, a AMDS coloca dúvidas a que a mesma seja feita directamente para o nível municipal, pelo que entende ser evidente que «algumas das transferências propostas deveriam ser discutidas num quadro da criação de regiões administrativas.»

## USDE defende recursos humanos

A Comissão Executiva da União dos Sindicatos do Distrito de Évora (USDE) reuniu na passada terça-feira, concluindo que «a modernização do aparelho produtivo deve assentar no desenvolvimento tecnológico que não ponha em causa o nível dos postos de trabalho existentes, permita a reconversão profissional e possibilite a criação do emprego», pois o «desenvolvimento económico e social passa inevitavelmente pela valorização dos recursos humanos».

Recorde-se que nos últimos cinco anos, o Centro de Formação Profissional da CGTP-IN, em colaboração com a USDE e com o apoio de algumas autarquias e da Associação de Municípios do Distrito de Évora, realizaram 31 acções de formação no distrito, onde participaram 471 formados.

Nos próximos dois anos, estão previstas 20 acções de formação profissional, das quais 13 para trabalhadores no activo e desempregados há menos de um ano, quatro para jovens à procura do primeiro emprego, duas para desemprega-

dos de longa duração e uma para quadros técnicos de formação.

A USDE/CGTP-IN tem como prioridades encorajar o aparecimento de novas empresas e reestruturação das existentes que visem a criação de emprego, cessar os processos de privatizações em curso, garantir a participação dos trabalhadores nos processos de modernização/reestruturação das empresas e assegurar o cumprimento efectivo da escolaridade obrigatória.

## CCJ não reúne há um ano!

Sabia o leitor que, passado um ano após uma última e frustrada reunião do Conselho Consultivo da Juventude convocada pelo Governo para discutir a sua «política de juventude», o ministro Marques Mendes jamais voltou a marcar nova reunião para a abordagem desse ponto?

Pois é isto mesmo que a organização de juventude do Partido «Os Verdes» - a «Ecolojovem» - agora vem denunciar à comunicação social.

Segundo aquela organização, demonstra-se assim que o Governo, numa clara manifestação de

arrogância, se permitiu considerar ouvidas as organizações juvenis no que diz respeito ao diploma que criou o Instituto Português de Juventude, o que é classificado como um exemplo de autoritarismo e prepotência.

Exigindo que seja retomada a discussão do segundo ponto da Ordem de Trabalhos, suspensa há um ano, a «Ecolojovem» afirma, ao mesmo tempo, ter «propostas e contributos para uma verdadeira política que tenha em conta os interesses dos jovens.»